Diário de Lisboa

FUNDADOR. JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

DOMINGO, 6 DE AGOSTO DE 1972 — N.º 17824 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

ÓLEO MATA NO OCEANO

Dos gansos-patolas às elegantes gaivotas, o morticínio é cada vez maior nos oceanos poluidos pelo óleo. Como adverte Cousteau, algumas espécies de aves marinhas já estão em vias de extinção. O espectáculo que algumas praias do Mar Norte oferecem é estarrecedor: dezenas de aves mortas diáriamente, após uma agonia lenta e dolorosíssima. Um reporter da Camara Press percorreu essa ária e trouxe de lá fotografias que constituem mais um grito de alarme contra a poluição que ameaça gravemente o equilíbrio ecologico. Peixes e flora marítima são igualmente atingidos pelo flagelo: dentro de cinquenta anos — avisa o Comandante Cousteau — a situação poderá ser irreparável. (Mais fotos nas pág. centrais)

HOJE: 32 PÁGINAS

A MULHER QUE PODE ARRUINAR NIXON

FESTIVAL DA FIGUEIRA NÃO DEU FIGOS

OKAMOTO FOI CONDENADO À VIDA

O que representa o amor para si?

Depõem MARIA ISABEL BARRENO, LAURA SOVERAL, MARIA VELHO DA COSTA, NIKIAS SKAPINAKIS ONDINA COSTA, ALEXANDRE BABO e outros (pag. 9)

BRIGITTE volta a Vadim

Há 17 anos, Roger Vadim revelou ao mundo o encanto excepcional de uma actriz que logo conquistaria fama mundial com o filme «E Deus Criou a Mulher». Agora, BB e Vadim voltam a estar juntos, no filme «Don Juan», destinado a restaurar um mito que ùltimamente se esvaziou gradualmente. Basta dizer que, em matéria de bilheteira, BB já perde na França para o intragável Louis de Funés, o que, havemos de convir, é um verdadeiro vexame. Na foto, Roger Vadim dirige Brigitte na sequência do concurso de tiro ao arco. (Reportagem no interior)

DL/DOMINICAL — SETE DIAS NO MUNDO

UNIÃO ÁRABE

O Egipto e a Líbia serão um no dia 3 de Setembro de 1973. Esta a decisão histórica (o exagero não será grande) que Anwar Sadat e Muammar Gaddafi acordaram no seu encontro no campo de treinos militares Gamal Nasser. É a sombra protectora que se chama para abençoar as grandes decisões. Consequências imediatas desta decisão: muito poucas. Nem sequer o cancelamento do envio do resto dos Mirages já comprados à França pela Líbia um país em permanente estado de guerra com Israel. Contudo, de futuro, poder-se-ão verificar importantes modificações naquela região do mundo, nas quais esta nova união árabe desempenha um papel preponderante. Para já pode apontar-se o imenso torrencial de dinheiro que o governo egípcio, sempre tão falto dele, pode vir a despender nos seus planos. Planos de desenvolvimento? Quem dera aos felahs que assim fosse. Planos militares? Mais provàvelmente será em armas e despesas afins que Sadat irá gastar os rendimentos do petróleo líbio. Como já tive oportunidade de referir noutra crónica, caso a união seja durável, ela conduzirá fatalmente à anexação pura e simples da Líbia pelo Egipto. Naquilo que se pode relacionar com o permanente confronto com Israel, esta nova união traz òbviamente vantagens para as partes contratantes, isto é, mais precisamente para o Cairo. Passará a haver, além dos Mirages líbios, muito dinheiro para comprar nóvas armas e até para formar os necessários quadros indispensáveis ao bom conduzir de uma guerra moderna. Mas essas vantagens são talvez anuladas por uma decisão pouco anterior a esta.

Refiro-me à ordem de Sadat para a retirada dos conselheiros soviéticos, a qual tem todo o ar de ter sido influenciada por Gaddafi. Assim, as inegáveis vantagens que vêm do aumento dos rendimentos — com insignificante acréscimo de população — correm o risco de se desvanecer com a falta de um apoio soviético que parece também de grande importância. A retirada soviética, como já tem sido dito, tem como consequências o desaparecer de um elemento moderador. Moderador dos egípcios, a quem devia ser recomendada a calma muitas vezes, pois a situação militar está ainda longe de ser brilhante para o Cairo; e moderador para os israelitas que se viam obrigados a refrear os seus ímpetos belicistas com receio de envolverem directamente a URSS num conflito. Agora, é previsível que os dirigentes cairotas regressem às grandes arengas e ameaças contra o estado sionista, dando como da outra vez a justificação (para a Imprensa mundial em geral) para um ataque israelita. Mas, com os soldados israelitas na margem do canal, para onde poderão eles avançar como é seu costume? A resposta natural é: para o Cairo. Neste sentido a união com a Líbia apresenta ainda mais uma vantagem: sempre se pode transferir a capital para Tripoli. Gaddafi é um homem ambicioso. Será ele assim tão maquiavélico?

SEGUNDA-FEIRA

Em quatro horas, o exército britânico eliminou os redutos católicos na Irlanda do Norte. O episódio ilustra a futilidade de uma luta armada frontal, de posições, contra o corpo expedicionário inglês no Ulster. A superioridade é total. Contudo, não é eliminando os redutos que se vai resolver a questão irlandesa. A acção violenta, depois de uma ligeira quebra, voltou a fazer-se sentir da forma usual. As mortes violentas não acabaram. Uma solução definitiva só poderá vir com o fim do domínio protestante (ler colonial). Para se chegar a isso, muito tempo terá ainda de passar.

TERÇA-FEIRA

Thomas Eagleton, o homem que McGovern escolhera para o acompanhar na sua tentativa de desalojamento dos republicanos, desistiu da sua candidatura, pressionado pelo clamor levantado pela revelação do seu passado clínico. O candidato democrático escolheu o menor mal entre dois: continuar com a companhia de Eagleton ameaçava ser insuportável, mas escolher outro também não é grande coisa. Foi um péssimo começo de campanha para McGovern. O atraso que o candidato democrático é muito grande, segundo revelam as sempre falíveis, é certo, sondagens à opinião pública. Vai-lhe ser dificílimo recuperar até Novembro. Mas, mais que um candidato, McGovern é uma semente.

QUARTA-FEIRA

Para acalmar os gibraltinos, o Governo inglês comprometeu-se formalmente a não alterar o estatuto de Gibraltar sem o consentimento «livremente expresso» dos habitantes da colónia-fortaleza. Tal posição, perfeitamente previsível, não vem alterar em nada o que sucessivos Governos britânicos têm afirmado desde há muito tempo. Perdida a importância estratégica decisiva do rochedo, desfeito o Império Britânico que levou ao domínio dos estreitos, só as características do actual Governo espanhol impedem a devolução de Gibraltar à Espanha como seria lógico.

Os ferroviários italianos, escolhendo um período de intensa utilização dos comboios devido ao começo das férias, começaram uma greve que paralisou por um dia os caminhos-de-ferro transalpinos.

O público inglês manifesta-se contra a política do Governo

QUINTA-FEIRA

Pela quarta vez desde que subiram ao poder, os conservadores ingleses foram obrigados por uma greve a proclamar o estado de emergência. Desta vez foram os estivadores que, impedindo a importação de bens alimentares como a fruta e o tomate além das forragens para o gado, levaram Heath a tomar medidas excepcionais. As constantes crises sociais inglesas, em vez de virarem o público em geral contra os grevistas (motores apenas aparentes das ditas crises), conduzem à impopularidade da política social dos conservadores. Numa sondagem recente, cerca de dois terços dos ingleses criticavam àsperamente essa política.

SEXTA-FEIRA

Egon Bahr, o secretário de Estado da Alemanha Federal encarregado de negociar com a República Democrática Alemã, fez saber que irá propor na reunião do gabinete o estabelecimento de relações diplomáticas normais entre as duas Alemanhas. Caso a recomendação de

A. VILLAVERDE CABRAL

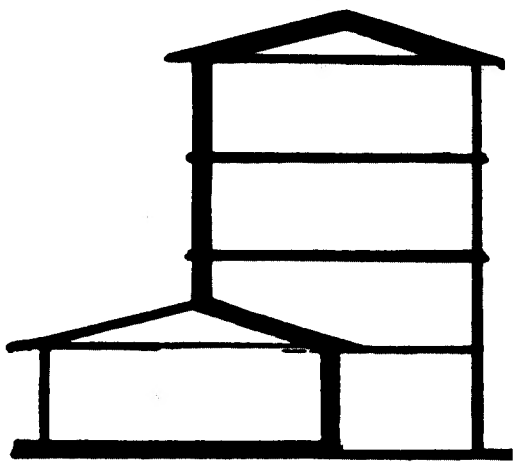
COMENTÁRIO INTERNACIONAL

Bahr venha a ser aceite, ter-se-á dado um enorme passo no sentido do desanuviamento na Europa. O estabelecimento de relações normais entre os dois estados alemães será o reconhecimento formal de que a diferença de organização social dos dois lados da fronteira conduziu, ou conduz a prazo mais ou menos curto, à formação de duas nações de expressão alemã. Não se fala também alemão na Austria e em parte da Suiça? Hoje já ninguém pensa num novo «Anschluss».

SÁBADO

Continuavam a arder três enormes depósitos de petróleo em rama perto de Trieste, no nordeste italiano. O incêndio surgiu em consequência de uma sabotagem «cuidadosamente planeada». A questão fundamental que se põe em relação a este episódio da vida política — é de política que evidentemente se trata — italiana é a de se saber até que ponto este tipo de acção surge como algo de estranho ou se insere verdadeiramente na realidade do país. Terão este tipo de sabotagens económicas razão de ser num país onde a participação eleitoral (mais de 90 por cento) só é batida em países onde as eleições raramente são mais do que uma mera ficção? O tempo talvez nos venha a dizer se se tratou de uma provocação da Direita ou se os autores foram «esquerdistas» dos grupúsculos que proliferam em Itália. No entanto, seja quem for o autor da sabotagem, ela corre o risco de servir melhor almirante que o «Potere Operaio».

COMUNICADO



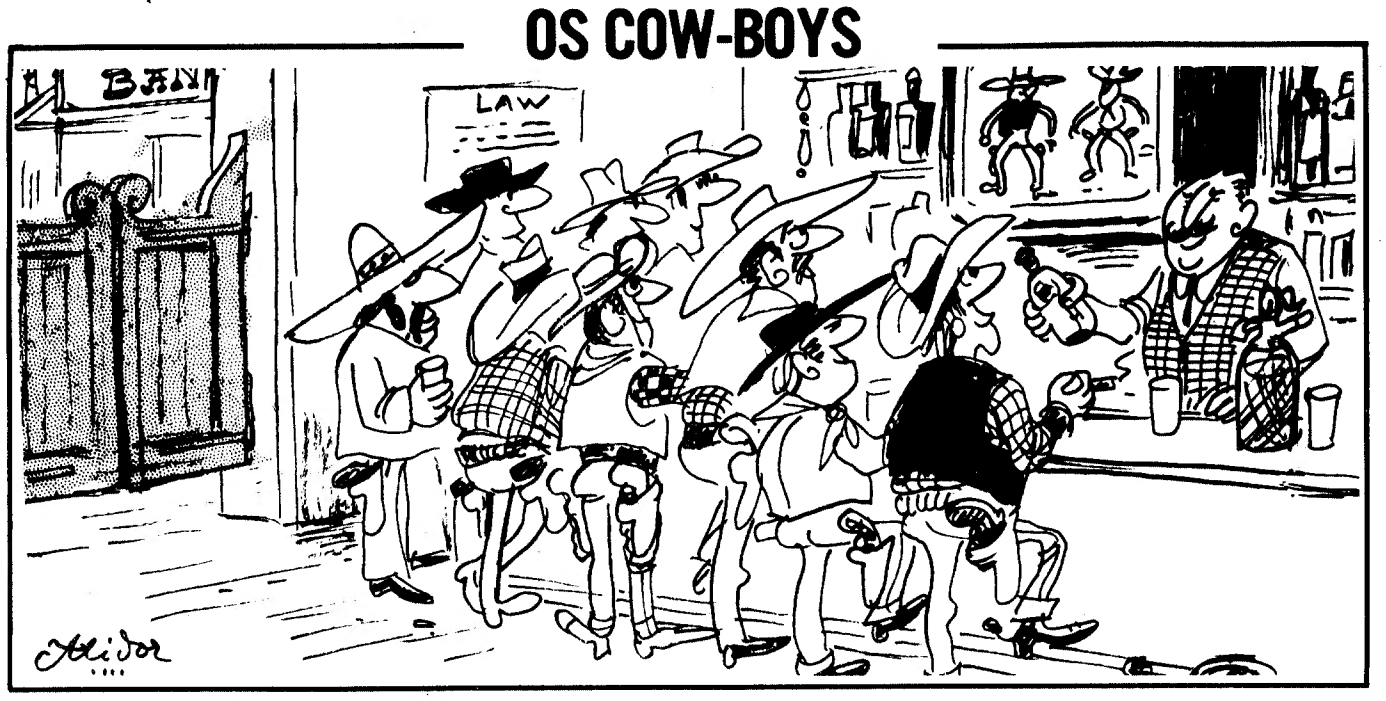
SOCASPRÉ

tem o grato prazer de informar que lhe foram confiados os trabalhos de terraplanagem e execução da
NOVA UNIDADE INDUSTRIAL para a
TRIAÇO — TRANSFORMADORA DE AÇOS, SARL —
a ser edificada em FOLGOSA — MAIA

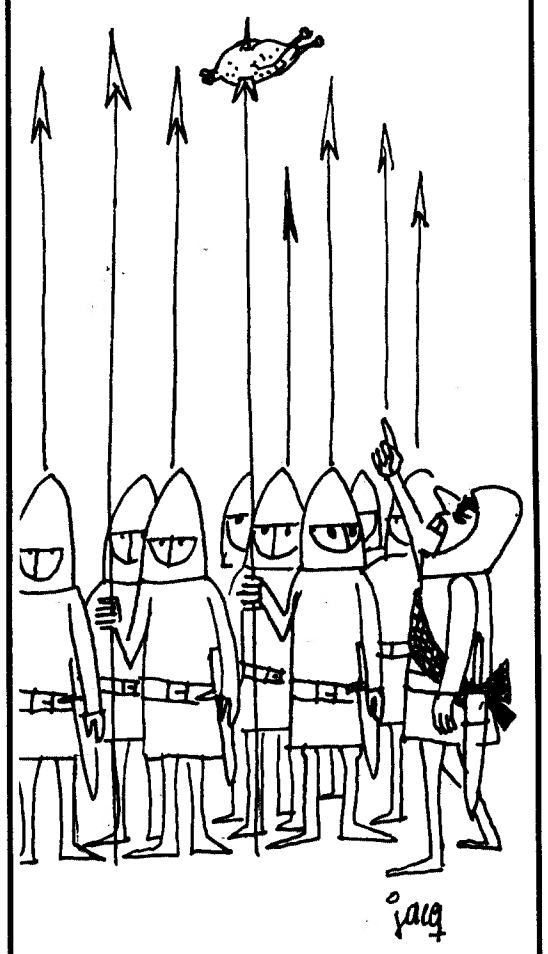
SOCASPRÉ — sede — Rua Luciano Cordeiro, n.º 18, 4.º — LISBOA
delegação — Rua Formosa n.º 82, 2.º — PORTO
filiais — LUANDA — ANGOLA — RIO DE JANEIRO — BRASIL

Teatro MONUMENTAL
HOJE: 2 SESSÕES 2
20.45 E 23 HORAS
Domingos à tarde às 16 h.
Grupo D — M/ 18 anos
VASCO MORGADO apresenta
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA
P O P U L A R
P'RA FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
★ IRENE ISIDRO ★
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
E a fadista Ana Rosmaninho
JULIO CESAR ● VICTOR MANUEL
PICCADILLY STARS BALLET
3.º MÊS
Mais de 60 figuras em cena

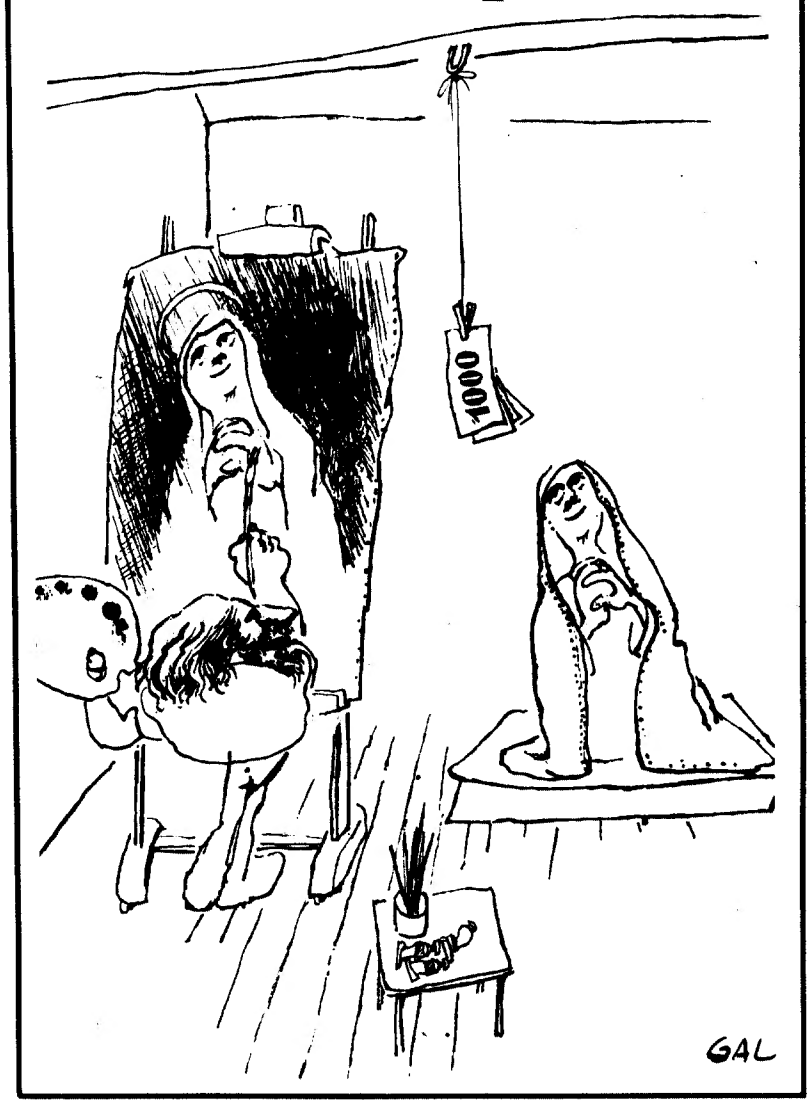
OS COW-BOYS



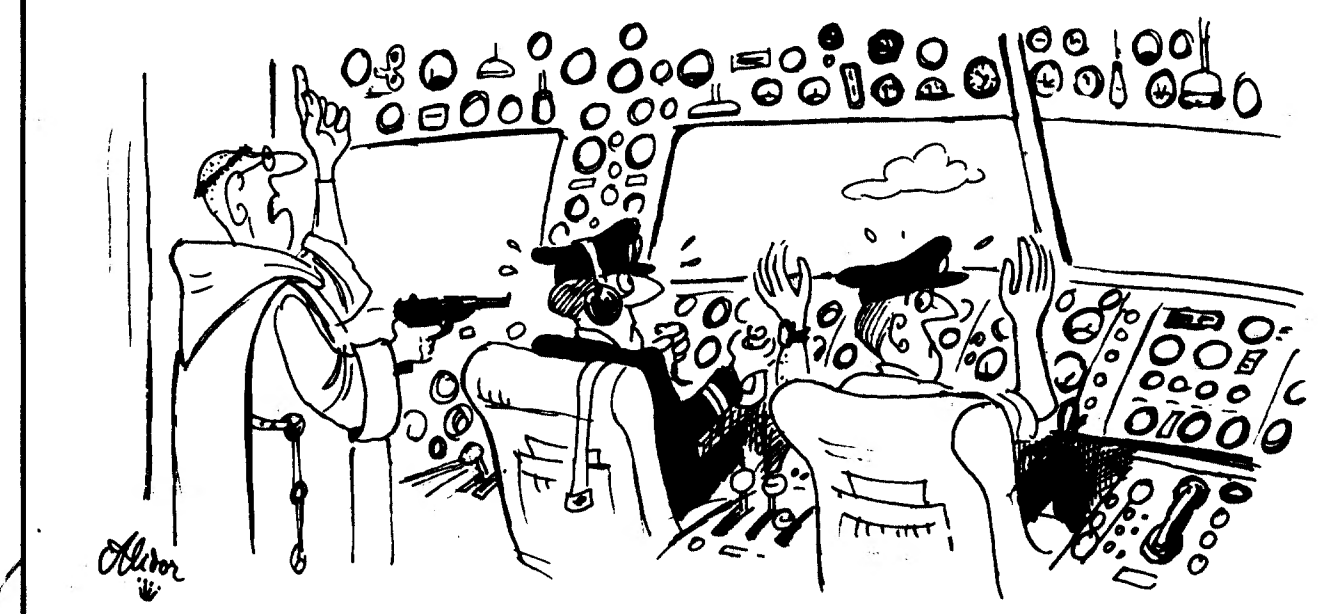
OS GUERREIROS



A INSPIRAÇÃO



O SEQUESTRO



A SEMANA

1 O ministro Mota Campos apresentou o relatório geral preparatório do IV Plano de Fomento e disse que ele seria submetido *à apreciação altamente qualificada, de pessoas e entidades que pela sua representatividade nos pudessem fornecer, com autoridade e autentiticidade, o sentir e o querer do País.* Grande será a tarefa dessas «pessoas e entidades» de um País cujo forte não é a comunicação entre as pessoas e as entidades.

2 No mesmo discurso, o ministro de Estado para o Planeamento Económico afirmou que o plano é um *marco fundamental de um esforço cientificamente ordenado, de conquista de um futuro melhor para Portugal e para os portugueses.* Mas nem tudo é Plano neste País. Por isso, será necessário averiguar da *exequibilidade das acções propostas, em função da estimativa dos recursos efectivamente disponíveis para fins de desenvolvimento.*

3 O vereador Leopoldo Nunes, num comunicado da Comissão Municipal de Turismo, afirmou que nada do que se passou na largada de touros — *reconstituição histórica*, segundo o vereador — se deve aos animais, ao que parece bois cabrestos. Uma senhora morreu durante a «evocação». A culpa não pode ser imputada aos animais, assevera Leopoldo Nunes. Alguém terá pensado em deitar as culpas para cima dos pobres bichos pouco habituados a estas correrias citadinas?

4 A Madeira vai ter televisão. As transmissões de ensaio até já começaram. Já se sabe. Agora vai ser inaugurado, com a presença do secretário de Estado para a Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista, o Centro Regional de TV da Madeira. O acontecimento só nos suscita uma ideia: que, para bem do povo madeirense, os programs venham a ser transmitidos simultâneamente no continente europeu e na Pérola do Atlântico. É que assim, devido à diferença horária, os telespectadores funchalenses sempre poderiam ir dormir uma hora mais cedo que os seus homónimos lisboetas e portuenses. Sempre era uma melhoria.

5 Uma portaria publicada no «Diário de Governo» fixou as áreas máximas, por concelho, que podem ficar sujeitas ao regime de coutada. Trata-se de um assunto muito debatido e que interessa a muitos portugueses, caçadores ou não. Não cabe aqui analisar o texto da portaria. Apenas se manifesta a esperança de que ela venha acabar com os abusos que ameaçavam no País de se tornar numa grande coutada subdividida em pequenas coutadas.

6 Notícia inquietante. A CUF deixou de ter possibilidade de manter a sua banda de música que há muitos anos funcionava no Barreiro. Razões: a reforma dos executantes mais velhos; não é fácil recrutar novos elementos nás mesmas condições porque cada vez há menos admissões de pessoal para as fábricas daquela grande empresa, em virtude, diz-se, da automatização. Diz-se que, para manter a banda seria necessário recrutar músicos profissionais, o que se tornaria demasiado oneroso. Por isso acabou a banda da CUF.

7 Secretário de Estado da Saude, dr. Jorge dos Santos: *Se continuarmos a trilhar os caminhos que temos seguido até agora, não será fácil atingir, com a rapidez necessária, os objectivos que todos desejamos, isto é, que toda a nossa população usufrua os benefícios das descobertas cientificas deste século e o fosso que nos separa dos países mais desenvolvidos desapareça em pouco tempo.* Conclusão: vamos pois trilhar caminhos novos. Todos.

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

O CINEMA E A NOSSA VIDA

Ora hoje, leitor, não venho com mais um enrêdo do meu quotidiano fantástico. Nem lhe trago, mesmo, nenhuma história. Conto apenas duas conversas. Dois diálogos. Um sobre cinema. Outro sobre teatro. E isso, e nada mais. Conversa fiada para um domingo de férias. No mês de Agosto. Em qualquer ponto de Portugal. Cidade, vila ou aldeia. Em tarde talvez de procissão e arraial. Com banda de música. E lauta refeição com toda a familia reúnida. Que saudades!

CINEMA

Começo por falar de cinema. Não, porém, do cinema actual. Mas de um outro que, no entanto, está mais fácil para vocês do que para mim.

Aí pertinho, em Paris. O caso é o seguinte: meu amigo Mário da Silva voltou da Europa onde passava dois meses todos os anos. E escritor e tradutor. Representa no Brasil várias sociedades de autores (creio que da França e da Itália). Quando volta vem sempre contar-me as novidades que por lá o interessaram. Chegou agora. **Esteve em Lisboa?** indaguei.

— **Desta vez, não. Isto é, só no aeroporto. Nem sequer fômos autorizados a pôr pé em terra naquela friorenta e lusa madrugada do mês de Junho. E tive pena, sabe.**

Sei. O pai dele, português, fôra socio do Visconde S. Luiz de Braga, um dos empresários do antigo República, antes conhecido como teatro D. Amélia. Quando menino Mário da Silva vivera, por algum tempo, num dos sólidos casarões hoje demolidos (segundo ele já me contara) vizinhos fronteiros do cinema Tivoli. De Lisboa seguiu para Paris no extertor da belle-époque, de lá foi para Roma no tempo de Mussolini, e esteve na Berlim de Hitler até ao começo da segunda guerra mundial.

Dedicara-se às artes. Em Roma foi assistente de um Augusto Genina de que nós, aí em Portugal, vimos vários filmes. Um deles, se não me engano, intitulado **«Prémio de Beleza»**. História antiga, eu sei. Mas digo isto para que o leitor saiba quem me levou hoje, e porquê, a falar de cinema.

O DIÁLOGO

— O que viu por lá?

— **Sabe, a impressão mais grata trago-a de Paris, onde visitei o ainda inacabado Museu de Cinema, obra do persistente Langlois que você por certo sabe quem é.**

— Sei. O criador da Cinemateca Francesa...

— **Exactamente. Pois o Langlois está conseguindo levar o visitante a uma maravilhosa aventura no país da imagem. Setenta e cinco anos de cinema. Sabe? Aquilo para mim não pode ser um museu. Bem longe disso. De um modo geral só pode ser a vida que eu vivi, ou se quiser, a vida que nós vivemos. É o retrospecto dos sonhos que nós sonhamos. Acredite, por várias vezes vieram-me as lágrimas aos olhos...**

— Compreendo.

— **Quantos anos tem você de cinema?**

— Como espectador, uns sessenta. E houve tempo em que cheguei a ver três filmes no mesmo dia.

— **Pois é. No Palais Chaillot, em Paris, todo esse passado é um oiro que arrancamos de dentro de nós. Somos nós. Fomos nós. Tudo num reflorir de emoções e deslumbramentos. E tudo feito de tal modo que já não é mais um jogo de luz e sombra, mas realidade, revivida. Nós estamos lá. Aquilo somos nós. Daquela massa é que nós fomos feitos.**

— Gosto desse entusiasmo. E entusiasmo ou melancolia?

— **Não é entusiasmo, não. Foi o meu espanto ante o poder transfigurador da memória. Quer saber? Eu acabara de ver em Londres os segredos e a riqueza faraónica de Tutankhamon Mas aquilo é História Universal, O que está no museu do Cinema são mil e uma projecções de mim mesmo. Eu em menino, eu em jovem, eu em adulto, ou o que sou hoje, uma cidade povoada de fantasmas...**

— Então, meu caro, transmita-me o que viu. Faça-me cair em transe.

— **O que vi não posso transmitir em palavras. Apenas uma viagem dentro de mim.**

— Ao menos, descreva essa viagem...

— **Quando começou você a ir ao cinema?**

— Aos sete anos. Vi o primeiro filme na feira de Alcantara. Um homem era pôsto a rolar sobre uma montanha dentro de uma pipa e ia aos trancos e barrancos despenhar-se sobre nós, que fugiamos entre lágrimas de mêdo e sorrisos de espanto...

— **Isso é bem antigo. No museu lá está Meliés, integrado numa grande armação metalica que reconstitui o faboloso e ao mesmo tempo primário estudio de Montreuil. Lembra-se dos cenários? O da lua, tão famoso? Vi centenas de cartazes que no fundo de mim eram algo de «deja vu». Recorda-se dos filmes da Pathé e da Gaumont?**

— Recordo o Rigadin.

— **Recorda-se do Fantomas? Eu frequentava então um colégio em Paris. Lembro-me que por culpa do cinema perdi o ano.**

— Eu tinha um colega que imitava as tropelias de Max Linder. Vi nesse tempo, em Belém, um filme português onde um famigerado bandido, o Diogo Alves, roubava e matava, jogando depois as vítimas do alto do aqueduto das Aguas-Livres...

— **Meu pai, de castigo, mandou-me para Roma. Piorou muito, sabe Consegui entrar como figurante naqueles filmes históricos que faziam então a glória do cinema italiano...**

— Quer que lhe conte o enredo do **«Quó Vadis?»**

— **Pois eu estava lá! Tinha então quinze anos.**

— Nesse tempo eu gostava era de filmes do Far-West.

— **Sabe que estive apaixonado pela Bertini?**

— E? Eu por mim preferia a Pina Menichelli, num esvoaçar de asas ao vento. Era bacana mesmo...

— **Na Itália frequentei todos os estudios.**

— Eu, em Lisboa, conheci todos os cineminhas que depois foram fechando um a um. Tinham campainha à porta chamando a atenção dos passantes. Lá dentro, no escuro, o pianista arrebentava o piano enquanto nós quebrávamos os bancos incitando os **cow-boys** que matavam os indios. Foi assim o cinema da minha infância. Depois veio o Olimpia. Aí eu já não corria atrás dos cavalos do Tom Mix. Foi a época de oiro dos filmes cómicos.

— **O Langlois, no Museu, criou uma sala inteiramente dedicada a Charlie Chaplin. Dos grandes, ele é o teimoso sobrevivente.**

— E o Griffich também está no Museu? Eu comecei vendo os seus filmes no cinema Condes...

— **Agora diga uma coisa. Você não tem inveja de mim por ter assistido na Alemanha à estreia do «Gabinete do dr. Caligari?» Houve vaias e aplausos. Eu lá estava, como louco, entre os que demonstravam o seu aplauso.**

— Quanta discussão quanta incompreensão...

— **Só o vi muito mais tarde. Quer saber? Em 1930, eu e um grupo avançadinho (mas não tanto) organizamos uma série de vesperais a que demos audaciosamente o titulo, creio eu, de Festival do Cinema Clássico. Para nós, em 1930, o «Caligari» já era um clássico, assim como considerámos clássicos o Epstein, o Marcel L'Herbier, o Deluc, o Man Ray, e filmes como o «Chien Andalou»...**

— Isso é bom. E lembrar-mo-nos, nós, que ainda há pouco surgiu a onda de que era preciso reinventar o cinema. Veja só, reiventar o cinema!

São uns caras que não sabem nada de nada. Muito menos de cinema. E o Dreyer está no Museu?

— **Lembro-me da «Lenda de Gosta Berling»...**

Ele e todo o complexo ora trágico ora lírico do cinema escandinavo...

— **Voltando ao «Caligari». Lá está, em Paris, o cenário real, refeito pelo cenógrafo que criou. Assim como o robot de «Metrópolis», lembra-se?**

— Agora, meu caro, confesso o meu pecado. Aí eu entrei na linha dos exibidores. E meu cavalo de batalha passou a ser o cinema americano. Está vendo, não é? A Garbo, o Valentino, a Mary Pickford, o Buster Keaton...

— **Ao contrário eu estava engajado na linha de produção. Fui mantendo sucessivos contactos e eis os grandes que então me fascinaram: Murnau, Pabst, Fritz Lang...**

— Puxa, temos um passado bonito em matéria de cinema.

— **Você viu «Ivan, o Terrível?»**

— Só aqui, no Brasil. Mas vi em Berlim o **«Couraçado Potiemkine»**, numa sala especial, só para mim. E uma glória, não?

— **Com efeito...**

— Mas tem mais, dessa vez eu de lá trouxe os primeiros filmes russos que foram exibidos em Portugal. Um deles, «Aldeia do Pecado», fez morrer de inveja muita gente.

— **Olha, no Museu eu vi a maquete de um cenário que deve ter sido uma festa para você: um quadro da Broadway.**

— E foi mesmo. Mas já agora, e ainda que mal perguntem, diga se viu lá alguma coisa que lembrasse o cinema português...

— **Francamente acho que não. Pelo menos não dei por isso...**

TEATRO

Semanas atrás fui procurado por respeitáveis dirigentes de importante clube classe-média, donos de um bom elenco no seu teatro de amadores, interessados em que eu fosse dirigir uma peça portuguesa a ser apresentada em Novembro, ainda dentro dos festejos dos 150 Anos da Independência do Brasil. Disse-lhes que, estando afastado dos palcos, podia apenas agradecer penhorado. Quis no entanto, por curiosidade, saber o nome da peça que tinham escolhido:

— **Bem, optamos por uma obra do grande escritor Julio Dantas, intitulada «Um Serão nas Larangeiras».**

— Porque?, indaguei perplexo.

— **Deixe que eu explique. Porque somos um grupo da velha guarda. Porque queremos representar algo de espirituoso em ambientes palacianos. Porque em resumo, queremos fugir ao regionalismo, ao drama burguês, e ao teatro actual, demasiado violento.**

— E de aí escolheram Júlio Dantas...

— **É uma peça de grande beleza plástica, fina, aristocrática...**

— Certo. Mas o «Serão» é uma obra marcada por um preciosismo que nem hoje os profissionais sabem encontrar. E há o luxo, a elegância...

— **Mas temos no nosso guarda-roupa muita coisa que talvez se possa aproveitar.**

— Não, têm coisas à toa numa confusão de estilos. Ora o «Serão» ou é representado numa linha certa, estilizada, ou então vocês vão cair no tom e no som das escolas de samba, isto sem desprimor para as escolas de samba que fazem outra coisa, isto é, carnaval, e não teatro.

— **Mas então...**

— Confesso que por razões pessoais gostaria de montar o «Serão». Em tom de força, é claro. Começaria reduzindo no essencial o seu texto prolixo e frívolo, dando-lhe uma linha viva de movimento e sarcasmo.

Mesmo assim eu creio que não conseguiriamos, aqui, no Rio de Janeiro, ir além de uma autentica chanchada. O que não estaria certo. Não digo isto por Julio Dantas. Digo-o pela justa homenagem que vocês desejam prestar ao teatro português.

E um pouco sem jeito fomos tomar um cafésinho cordial.

Copacabana, 24 de Julho

Para correspondência: Rua Fernando MMendes, Apt.º 908, Copacabana GB — Brasil.

Um teatro fino, aristocrático

Buster Keaton em 1930 e em 1966

OBRIGADO, NÃO CANTO

«Esperávamos que viesse cantar-nos alguma coisa sobre a Mafia». Assim falou, durante a última semana, um dos membros da Comissão Parlamentar americana sobre o crime, após ter assinado a ordem de comparência, a terceira, para um teste de circunstância: Frank Sinatra, **the voice** (a voz), 54 anos, ex-cantor, ex-actor. Dele os 12 deputados da comissão contavam obter esclarecimentos sobre algumas das suas supostas relações com o mundo da má vida dos Estados Unidos.

A Sinatra, regressado de umas férias em Monte Carlo, bastaram poucos minutos para desiludir as esperanças da comissão: repeliu com raiva as veladas acusações que lhe foram dirigidas e disse peremptòriamente à comissão querer saber como o seu nome aparecia ligado aos de alguns conhecidos expoentes da escória.

A culpa, aliás, afirma o próprio Sinatra, é toda de Joe **(o barão)** Barboza. Foi ele, de facto, testemunhando em Maio, quem forneceu uma série de informações que a comissão julgou alarmantes. Disse, entre outras coisas, que o artista teria investido uma soma considerável em dois hoteis de luxo, actuando como testa-de-ferro de Raymond Patriarca, chefe da Mafia de Nova Inglaterra; e acusou-o, além disso, de ter participado no financiamento do hipódromo de Berkshire Downs, no Massachusetts, um feudo de Patriarca.

«**Tudo mentiras**», declarou secamente Sinatra. «**Não permitirei a ninguém que me enxovalhe**». Depois desceu a pormenores: disse nunca mais ter ouvido o nome de Patriarca e afirmou ter retirado a sua quota (equivalente a cerca de 1 500 contos) do hipódromo quando descobriu que, completamente sem o seu conhecimento, o haviam nomeado director com fins muito diferentes do que se poderia supor.

O depoimento de Sinatra foi, de qualquer modo, uma demonstração de bravura para um homem que, no passado, havia defendido corajosamente o direito de se associar com personagens de fama duvidosa. Não pestanejou, de facto, quando a polícia italiana encontrou, no apartamento de Nápoles de Lucky Luciano, morto em 1962, uma cigarreira de ouro com a dedicatória: «Ao meu caro companheiro Lucky do seu amigo Frank Sinatra». No ano seguinte, a sua amizade com o **gangster** de Chicago Sam Giancana provocou uma investigação federal e o encerramento de duas casas de jogo de sua propriedade em Reni, no Nevada. O escândalo foi enorme, e um relatório de 19 páginas feito pelo Ministério da Justiça coagiu Robert Kennedy a declará-lo **persona non grata** no clã kennediano.

Para Sinatra o golpe foi duro: vingou-se, apoiando o ex-vice-presidente Hurbert Humphrey contra Robert Kennedy nas eleições presidenciais americanas.

Depois de Sinatra testemunhou Patriarca (está a cumprir dez anos de prisão por tentativa de homicídio). Também ele negou conhecer o actor (**«Vi-o ùnicamente na televisão»**) e recusou-se a responder a todas as outras perguntas, menos uma: disse que o livro de Mario Puzo sobre a Mafia, **O Padrinho,** lhe agrada.

Sinatra: adiposidades e confusões com a Mafia

NÃO É VERDADE. Frank Sinatra quando se dirige para depôr perante a Comissão Parlamentar americana sobre a criminalidade. O ex-cantor negou estar implicado nas actividades da Mafia.

NOVO CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

LORNE3 LESLEY VEDETA DA RÁDIO E DA TV INGLESA

ERNEST MONTEGO
Famosa atracção mundial

MARIEMA

BLUEBELL GIRLS' SHOW

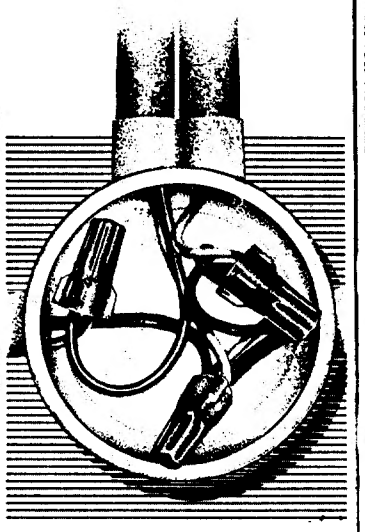
JIRINA'S COMBO "OS MOZAMBEAT'S"

FERRER TRINDADE e sua orquestra

NADJA NADLOVA
SO NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

LIGADORES «TORIX»



JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»
com o seu conjunto de divertimentos, representações de comércio e indústria e outras instalações torna-se para Lisboa a sua maior atracção
de tudo para comer e para beber — para todas as idades, todos os gostos e todas as bolsas
À meia-noite: 62.º sorteio de um moderno colchão Climax, oferta da Climax Portuguesa — Equipamentos e Mobiliário de Conforto, Lda.
ABERTURA ÀS 15 HORAS

VIAGENS 1972
VIAGEM AO JAPÃO
V CONGRESSO MUNDIAL DE ANESTESIOLOGIA
11/9 a 6/10
TOURS INGLATERRA
Londres
Londres — Edimburgo
Inglaterra — Escócia
Grande Tour da Grã-Bretanha
CURSOS DE LÍNGUA INGLESA
DESCUBRA A HOLANDA
SONHO DO JAPÃO
— 4 partidas
TRANSNAUTICA
AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO
LISBOA
Rua Duque de Palmela, 35-37
PORTO
Rua Júlio Dinis, 729
(Peça-nos programas especiais)

JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

Música pelo gargalo

Há mais de um mês um grupo de jovens bem intencionados escolheu o Montijo para realizar um festival de música «rock». Inicialmente, conforme foi noticiado, a amplitude da realização deveria ter sido maior: estava também prevista a participação da «canção portuguesa» que, segundo parece, por motivos de força maior, (passe o eufemismo) se viu sumàriamente condenada a ficar em casa ou nas bancadas a assistir com a moderação de qualquer espectador normal. Do mal o menos: sempre é melhor nas bancadas que na arena, sujeita a certas condições. Digo arena, pois foi numa praça de touros que o festival teve lugar.

Da qualidade musical revelada pela maioria dos grupos participantes, já em muitos e desvairados sítios se disse tudo o que havia para dizer. E não foi pouco. Depois também houve o «folclore» que crónicamente caracteriza este tipo de realizações: a arena ficou juncada de garrafas das mais variadas procedências e conteúdos: cerveja, laranjada, tinto e água das pedras, em vidros de numerosas formas e feitios, deram o colorido e a vivacidade que a música produzida na arena, caprichosamente, se recusou a oferecer ao espectador.

Deixemo-nos porém de recordações, já que com isso nos massacram diàriamente.

Mudamos, entretanto, de quadrante. Os olhos percorrrem de relance a geografia e descobrimos que em França também se organizam amplos festivais de música «rock». Policiados e tudo. O último teve lugar nos arredores de Nantes e nos cartazes de promoção espalhados estratègicamente por várias cidades de França vinha anunciado como «Saint Gratien 72». Sucede, porém, que nem Saint Gratien valeu ao festival que, do ponto de vista musical e organizativo, foi um verdadeiro fracasso: os melhores grupos não compareceram e os piores exaltaram os ânimos.

Que afinidades existem entre Montijo e Saint Gratien? perguntará o leitor. Nós respondemos: o recinto do festival em Saint Gratien também se encheu de garrafas de várias cores. Umas vazias, outras não, como convém.

Desta coincidência duas conclusões se podem extrair:

1) Há festivais em França e em Portugal, independentemente de certos desfasamentos culturais, cuja existência é de todos conhecida.

2) A continuar assim o «rock» será em breve consumido em garrafa, para gaudio dos prósperos industriais de refrigerantes que tanto refrescam os nossos verões, já que doutro modo não nos podemos refrescar.

JOSÉ JORGE LETRIA

Dova, convidada especial da Figueira

A Figueira não deu figos

Foi o turismo a promovê-lo. Na Guarda, há um ano, o mesmo tinha acontecido, o que nos permite concluir que o turismo e as canções não rimam lá muito bem.

Por outro lado, poder-se-á pensar exactamente o contrário. Isto é: pode dizer-se que *aquelas* canções têm muito a ver com o turismo. De duas maneiras, aliás. Uma delas será esta: mostrarmos ao turista o que não temos: pomos vasos à janela, o «Cityrama» dá umas voltinhas «convenientes», a tourada «prova» a «valentia» do povo(?), as sardinhas assadas em Alfama «mostram bem» como o povo se diverte em comezainas de rua, as cantigas da Figueira são uma demonstração evidente, para o turista português e estrangeiro, do «castiço» da nossa música, a provocar exclamações em idiomas vários — «That's funny», «oh-la-la», «muit'engraçadinho» e, acima de tudo, «Olé!», que espanhóis é coisa que não falta na Figueira.

A segunda via de relação entre o turismo e a canção diz respeito a um tipo de cantigas que estão para a música como os hotéis para o turismo: albergam tudo.

Portanto, tal como o turismo, um certo tipo de canções precisa de promoção «em grande», rende dinheiro, e proporciona principalmente, um clima ameno, que é o que importa a um país cheio de sol, de praias, de toiros e de folclore.

Cantigas, na Figueira ou onde quer que seja.

NUNO GOMES DOS SANTOS

Cinquenta anos depois

Alguns romances excepcionais — O Don Silencioso», de Cholokov, «O Caminho dos Tormentos» de Alexis Tolstoi, entre outros — relataram a trágica epopeia da guerra cívil na União Soviética. «A Grande Fuga», o belo filme de Alexandre Alov e de Vladimir Naoumon, não será portanto absolutamente original no que conta nem na forma como conta.

E, no entanto, a película apaixona. Já vimos, depois de Eisenstein, aquelas paisagens geladas, aqueles pântanos, a neve refrescante, sudário de destroços, aquele imenso sofrimento físico, mas tudo isso é cinema e do melhor.

«A Grande Fuga», com data de 1967, é uma obra de reconciliação. As sequelas desapareceram. Pode falar-se hoje, na União Soviética, com humor e até com ternura, mas com uma perspectiva crítica, dos russos exilados em Constantinopla ou em Paris, após o triunfo da Revolução. Dos generais do Exército Branco, que foram cruéis ou semi-loucos (as florestas de enforcados são-nos mostradas sem cor, nos planos quietos da sugestão onírica), ressurge também a coragem. Os realizadores de «A Grande Fuga» não lhes escamoteiam nem a grandeza humana nem o pitoreco dramático.

Os soldados regressam à Rússia: os que foram na enxurrada, por equívoco, também. Os responsáveis pelas chacinas, esses não. Mas Kloudov fica, melancólicamente, entre dois cães bravios, a olhar, da ponta de um rochedo, os navios que partem.

As cenas finais são de um romantismo esteticista, mas não demagógicas. E o drapejar da bandeira sobre os campos de batalha é sempre vibrante.

URBANO TAVARES RODRIGUES

AS LÁGRIMAS DE DULCE

Duas horas da manhã na «Fragata Real», canta Beatriz da Conceição. Antes, um momento de particular emoção: a voz de João Villaret rompe bruscamente o pesado silêncio e evoca as doçuras de uma Lisboa idealizada por poetinhas de sestro antigo. O ambiente torna-se vagamente mórbido, sepulcral. Maria Dulce chora. Vocês podem ver aí nas fotos de José Tavares o embaraço da actriz: ela tentou evitar as lágrimas, mas não conseguiu. Foi a melhor «cena» vivida ùltimamente por Maria Dulce, que tem andado a desperdiçar o seu talento dramático por coisas como «Empresta-me o Teu Apartamento».

SANTIAGO CASAL

SE VOCÉ É ADULTO NÃO PERCA AS MIL E UMA NOITES

SENTENÇA DE VIDA

Quando estudava agronomia na Universidade japonesa de Vagoshima, sonhava tornar-se guarda florestal. Kozo Okamoto, de 24 anos, único sobrevivente dos três guerrilheiros **kamikaze** autores do massacre (26 mortos, 70 feridos) de 30 de Maio no aeroporto de Lod, terminará, pelo contrário, os seus dias numa penitenciária israelita, talvez no árido Negev. Decidiu-o o tribunal marcial presidido pelo tenente-coronel Abraham Frisch, reunido no campo militar de Sarafand, a uns cinquenta quilómetros de Jerusalém, no termo de um processo desconcertante, quer pela luz que fez incidir sobre a personagem Okamoto, quer pelas contradições jurídicas a que deu lugar.

Tímido mas, às vezes, decidido, Okamoto, que é membro do Exército Vermelho Unido Japonês, a organização extremista que levou a efeito atentado de Lod por ordem da Frente Popular de Libertação da Palestina, gelou os assistentes com as suas declarações e a exposição da sua filosofia. «**Não odeio os israelitas**», disse entre outras coisas. «**Se matei foi porque me ordenaram que o fizesse. Na grande revolução mundial há sempre vítimas. Também mulheres, também crianças.**» E, mais adiante: «**As pessoas que matei são agora estrelas. A revolução mundial continuará e haverá outras estrelas. Mas quando penso que as vossas estrelas e as nossas estrelas brilharão um dia no mesmo firmamento, então, sinto-me imensamente feliz**»;

Uma prova de loucura? Sobre esta tese apoiavam-se os advogados defensores, Max Kritzman e David Roth-Levy, para arrancar Okamoto à força. Porém, o **kamikaze** tornou vãos os seus esforços declarando-se perfeitamente são e recusando o exame psiquiátrico. Deste modo, agravou a própria posição, confessando ter disparado de propósito também contra um grupo de polícias de serviço no aeroporto de Lod. Concluíu, afirmando querer uma só coisa: a pena de morte. Um desejo incompreensível para o público israelita e ocidental de uma maneira geral. Porém, Okamoto é originário da ilha de Kyushu, a mais meridional do arquipélago japonês, aonde sobrevivem ainda as tradições arcaicas e o sentimento de honra dos **samurai.**

Duas sobreviventes so massacre no aeroporto (Ester Lugo, à esquerda, e Olga Navedo, porto-riquenhas) regressam ao seu país

Outra tentativa de defesa para salvar a cabeça de Okamoto: a sua confissão fora-lhe arrancada com um subterfúgio do general Rehavam Zeevi, dito «Gandhi», comandante da região militar central de Israel. Zeevi havia prometido a Okamoto uma pistola para se suicidar em troca de uma confissão escrita, mas depois tinha-se recusado a entregar-lha. Isto é contrário ao procedimento israelita, como é contrário ao facto do próprio Zeevi se ter encontrado em particular com os juízes do tribunal marcial para explicar o seu comportamento. A instrução do processo, portanto, devia ser refeita. Porém, o processo continuou.

Imparciais. Também a acusação não pediu a pena de morte. «**Os irresponsáveis sanguinários, os assassinos são os outros, os terroristas que combatem Israel**», disse o delegado do ministério público. «**Os israelitas, pelo contrário, devem mostrar-se amadurecidos, imparciais.**» E, finalmente, que maior pana para um **kamikaze** votado ao suicídio do que negar-lhe a morte?

Para os juízes, o problema era outro. Os códigos israelitas não prevêem a pena de morte. A única excepção foi feita em 31 de Maio de 1962, quando o criminoso nazista Adolf Eichman foi condenado à morte por enforcamento. Para aquele caso excepcional, o Knesset, o Parlamento israelita, votou uma lei especial que prevê a pena capital exclusivamente para os nazistas culpados de «crimes contra o povo judaico», isto é, de genocídio.

Os juízes teriam podido, no entanto, invocar as leis de emergência de 1945, introduzidas pela Inglaterra, então potência mandatária na Palestina, nunca revogadas e que prevêem precisamente a pena de morte. Mas, embora Israel esteja actualmente em guerra, não existe no país o estado de emergência.

«**A minha única preocupação é que meu pai se suicide para cavar a nossa desonra**», murmurou Okamoto antes de deixar Sarafand. E é provável que Yasuo Okamoto, de 62 anos, seja impelido a fazê-lo, depois do seu único desejo, a execução do filho, expresso por carta ao primeiro-ministro israelita, Golda Meir, a execução do filho, ter sido recusado.

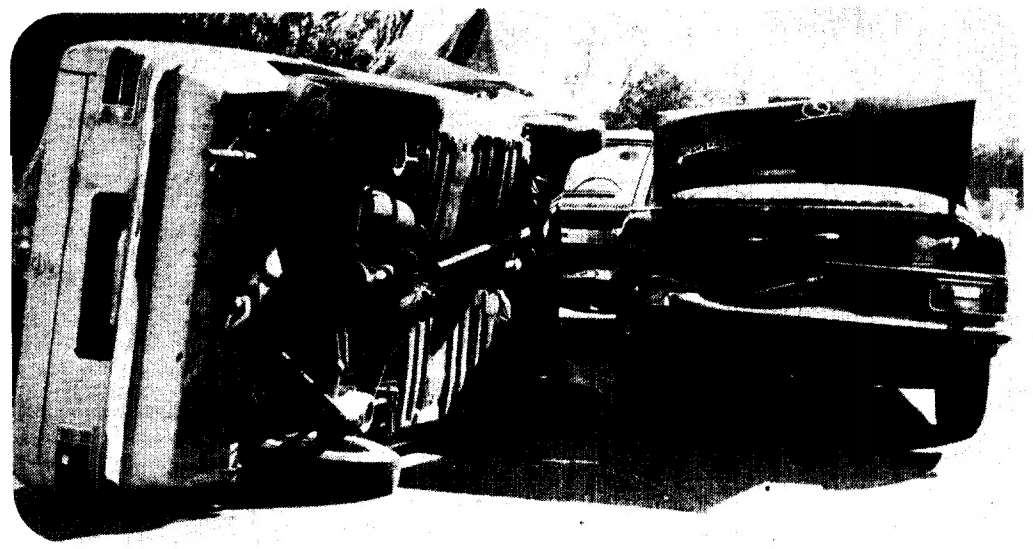
Kozo Okamoto na sala do tribunal militar de Sarafand. Foi condenado a prisão perpétua.

DESASTRES: DE QUEM É A CULPA?

Em quatro dias as estradas francesas conheceram 4 521 acidentes, 213 mortos, 6611 feridos, fora os casos de que não falam as estatísticas. No entanto, esclarece Daniel Clavaud no Le Monde, foi uma surpresa feliz este número, é que se esperavam mais desastres e mais mortes já que, o ano passado, no mesmo período de 29 de Junho a 3 de Julho — os acidentes foram 4802, os mortos 226 e os feridos 7 000.

Alguns incriminam a «péssima» rede de estradas (mas na Alemanha que possui a melhor rede de auto-estradas da Europa registaram-se ao longo do ano que passou 18 165 mortos).

Outros põem em causa a mecânica dos carros, em geral. Outros acusam o homem, a sua agressividade, a sua inconsciência, a sua irresponsabilidade: estes estão mais perto da verdade. É inegável que o homem é o principal responsável dos acidentes de circulação.



Mas será ele também culpável? O contendor sistemático para quem o automóvel (excepto o seu evidentemente) é uma arma na mão de assassinos não terá consciência de pecar por excesso ao confundir o erro e a falta? O melhor condutor, experimentado, disciplinado, respeitador dos direitos e da vida dos outros estará sempre ao abrigo duma aberração, duma distracção, que podem ter consequências fatais? Deve-se então assimilar este condutor, como se tem tendência a fazer, um malfeitor ou um criminoso?

E depois não se deve dar um desconto à fatalidade? Em 1969 foram registados França em 47 010 mortes por acidente, 14 664 devidas à circulação (31,2 por cento) e 32 346 a outras causas. Estas últimas não dão no entanto origem aos tradicionais comentários jornalísticos. Quem se indigna? É inevitável que a estrada mata (não esqueçamos que existem 15 milhões de veículos automóveis em França e quase outro tanto de condutores).

Tal não deve contudo impedir que ela mate menos. Como? • Incrimina-se frequentemente o excesso de velocidade. Falemos disso. Segundo as últimas estatísticas da polícia 24,4 por cento dos acidentes de circulação acontecidos em 1971 nas estradas (fora das zonas urbanas) devem ser imputados a uma velocidade excessiva. Esta estimativa pode ser contestada. Se as outras causas não observação da prioridade (16,6 por cento), circulação à esquerda (9,3 por cento), etc., são com efeito fáceis de determinar não se pode dizer o mesmo da velocidade: a sua apreciação resulta duma dedução «a posteriori» com o acidente muitas vezes já produzido e sem testemunhas.

É também provável que se atribuam a «este excesso de velocidade» acidentes que tenham uma outra causa. Por exemplo, a polícia avalia em 1 por cento aqueles que são devidos a defeitos técnicos, mas sublinhando «Este número não reflecte a realidade por que corresponde aos casos relativamente raros em que o defeito é suficientemente evidente».

Quere-se dizer que a velocidade não seja responsável? Com certeza que não. Mas pode-se lamentar que não se faça judiciosamente, que se recuse fazer uma distinção entre «velocidade» e «excesso de velocidade». Ultrapassar a 45 à hora num troço que o não pode ser senão a 40, é um excesso; rolar a 150 km hora ou mais numa estrada boa e em que tal seja permitido, não o é, se o condutor está fisicamente em forma e se o carro está concebido para tal.

Euro-Pacific
Joint Service

PARA:

LOS ANGELES
SAN FRANCISCO
VANCOUVER
SEATTLE

m. s. «MOERDYK» em 17 do cte.

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
Praça Duque da Terceira, 4 — Telef. 366056/362266/369346

ONKYO
CANAIS STEREO
SOM CIRCUNDANTE

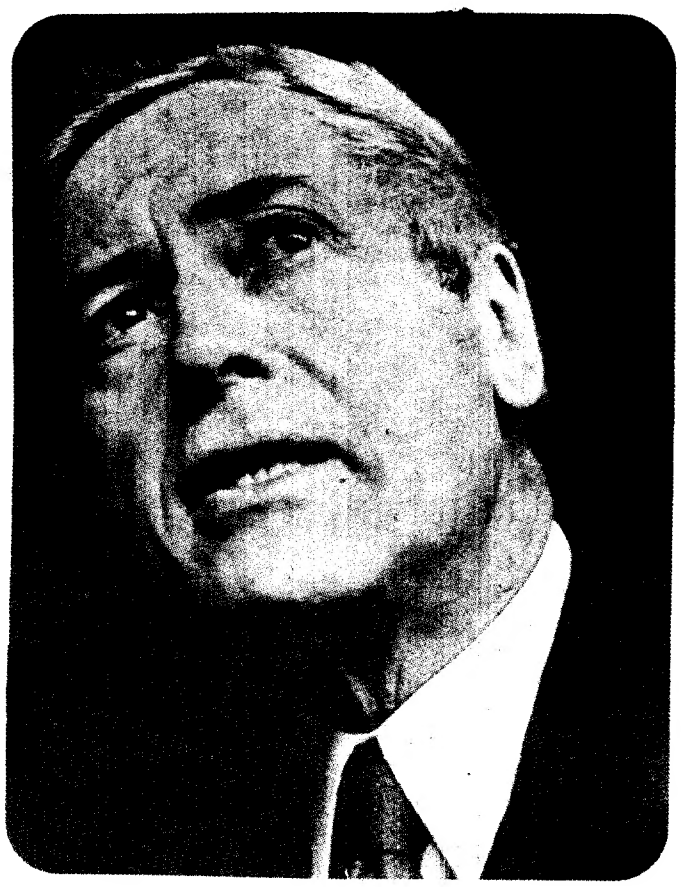
ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO
ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO
ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA
SHARVEN-FRANCE
Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5
Participe nos benefícios
dos melhores Hotéis, Restaurantes,
Cinemas, Teatros, Gares,
Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem 20 000$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.
DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE
E ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso DL
Nome
Morada Telefone:

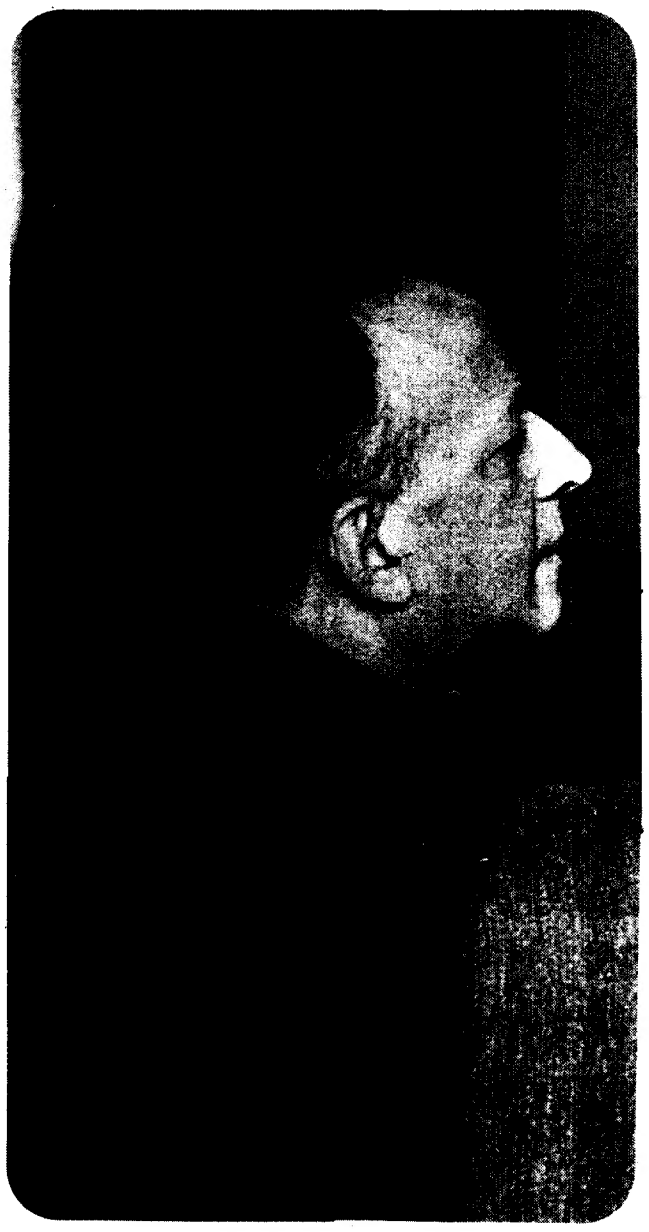
O QUE DIZEM E O QUE FAZEM

MCGOVERN quer suprimir a herança acima de um milhão de dólares; quer obrigar a um imposto de 75 por cento todos os rendimentos superiores a 50 mil dólares. Tenciona amputar de forma drástica os lucros das grandes empresas. Os detentores de valores industriais não são, nos Estados Unidos, segundo a opinião de Raymond Cartier, simpatizantes deste tipo de cirurgia. Por outro lado, os sindicatos operários têm a respeito de McGovern, certas reservas, porque se pronunciam contra os jovens contestatários, contra os hippies, contra a promoção da mulher, e sobretudo contra os negros. É claro que os operários pobres, os mais desfavorecidos, esses são entusiásticos partidários de McGovern. Em Miami, McGovern foi violentamente interpelado por alguns dos seus partidários mais novos e mais radicais, por haver declarado que enquanto se procedesse à libertação dos prisioneiros americanos no Vietname, ali teria de permanecer uma «força musculada» norte-americana.



Gilbert Cesbron

O homem que lançou na Europa o primeiro grito de alarme contra a poluição, SICCO MANSHOLT, é um gigante holandês de olhos azuis-cinzentos. Presidente da comissão do Mercado Comum, trabalha habitualmente 12 horas por dia. Uma crise cardíaca obrigou-o recentemente a moderar muito esse seu ritmo de vida. Mansholt, filho de camponeses, foi plantador de chá em Java, agricultor no Zuiderzee, ministro da Agricultura da Holanda. É pai de quatro filhos. É também o pai da Europa Verde. O seu plano de defesa da terra, que data de 1967 e que foi celebrizado pela declaração: *«Daqui a 10 anos um de cada dois camponeses terá de abandonar a terra, se não remediarmos essa situação».*, aparece agora a lançar o alarme contra a explosão demográfica, a impotência da agricultura para alimentar os homens, mesmo com produtos de substituição (cultura de algas, proteínas) e a falta progressiva do cobre, do petróleo, de outros minerais e combustíveis necessários à laboração da indústria. É **certo que esta visão apocalíptica tem quem a enfrente** A fusão de átomos de hidrogénio pode fornecer recursos quase inesgostáveis (dois milhões de vezes o consumo do ano 2 000. Mas e a destruição do equilíbrio ecológico?



Murilo Mendes

Às vezes acontece ao Brasil, como a tantos países, esquecer-se dos seus maiores escritores. Murilo Mendes recebeu um dos mais sérios e importantes prémios literários atribuídos na Europa, o Prémio de Poesia Etna-Taormina, e o pequeno mundo carioca nem bate palmas. É Carlos Drumond de Andrade quem se insurge contra esse silêncio: *«Uma sobra dos aplausos distribuídos a Pelé, a Mequinho, às selecções esportivas brasileiras que levantam campeonatos no estrangeiro, devia ficar de reserva para casos como este, em que também um poeta (ou até um poeta) alcança para o seu país a notoriedade internacional em termos positivos».* E eis que Murilo publica um novo livro «Poliedro», que mais alto ainda o ergue junto da crítica universal: conjunto de epigramas, poemas em prosa, de memória metafísica, de sínteses lapidares, invenção de linguagem a nível de criação excepcional.

Numa entrevista que deu às «Nouvelle Littéraires, Gilbert Cesbron, o famoso autor de «Cães sem Coleira», romancista católico de grandes tiragens, definiu-se como um «homem-dor», ou seja, aquele que sofre as dores da Humanidade. A propósito do seu livro *«Voici le temps des imposteurs»*, Cesbron ataca a Imprensa, ou melhor, uma certa imprensa sensacionalista, privada de conteúdo ideológico, que explora o escândalo pelo escândalo e faz numerosas vítimas. Cesbron repudia em absoluto a censura. Recomenda, porém, a responsabilidade, a dignidade e a humildade dos jornalistas perante o acontecimento.

Catherine Spaak, estrela de cinema que há uns dez anos foi o símbolo das *teen-agers* rebeldes e caprichosas vai casar-se com John Dorelli. Interrogada por repórteres curiosos da sua evolução interior, disse: *«Não sou religiosa, mas sou uma mística. Nem católica, nem protestante, nem israelita, mas acredito em qualquer coisa superior a nós, míseros humanos».* Segundo Catherine Spaak, é preciso cometer erros para descobrirmos a vida e nos descobrirmos. *«Os conselhos só servem para não serem seguidos... E quando os seguimos, arrependemo-nos de não ter errado...»*

A personalidade de Chen-Po-Ta interessa neste momento o mundo inteiro. Segundo uma nota inserta no «Le Monde», Chen-Po-Ta, que nasceu em 1904 e estudou na Universidade Sun Yat-Sen de Moscovo, teria estado ligado ao grupo ultra-esquerdista do Movimento de 16 de Maio, que por um triz não lançou a China na guerra civil, em 1967. Adversário da deificação de Mao, figura de proa da Revolução Cultural, tem inegável valor intelectual. Patrice de Beer informa no «Le Monde» que Chen-Po-Ta estaria actualmente a ser recuperado para o «verdadeiro» marxismo-leninismo numa comuna popular do Norte da China.

MONICA VITTI, o rosto enigmático e patético que Antonioni *criou* no écran (intérprete de filmes já hoje clássicos como «Aventura», «A Noite», «O Eclipse»,) declarou, em Roma, num colóquio, sem papas na língua: *«Sou absoluta e violenta. Só concebo relações de alta tensão com as pessoas a quem amo; não sendo assim, mais vale romper».* Declarou também que é irónica, exigente, supersticiosa, por vezes infantil, mas honesta e fiel aos seus afectos. Em suma, um auto-retrato algo complicado e não muito tranquilizador.

Sicco Mansholt

O homem que em França foi capaz de *manter o franco* e que é respeitado como financeiro pelos seus adversários, aristocrata, elegante e altaneiro, que nunca agradece e não se entrega, chama-se *Valéry Giscard d'Estaing.* Miterrand já o classificou como sendo o perfeito expoente da realidade sociológica da Direita e actualmente «o segundo primeiro-ministro».

De *José Afonso*, o criador da balada nova, o poeta perto do povo, cantor de cavaleiros, heróis e bruxas e gente a desencantar e de terras de fraternidade, sabe-se muita coisa: que é licenciado em Letras, professor do ensino secundário, e até tem enxaquecas, que pratica judo, que tem quatro filhos, etc. Agora uma novidade: José Afonso voltou à Faculdade Letras para fazer uma séria reciclagem em Linguística. E está absolutamente entusiasmado com as obras de Saussure, de Foucault, de Derrida, de Adam Schaff...

Nada é impossível neste mundo. Um pastor protestante americano, *Mike Crain*, conhecido por «O inimigo de Satanás», organizou, em Brownsville (Kentucky) , um curso de karate em nome de Cristo, para 140 pessoas provenientes de 20 Estados diversos.

INQUÉRITO — DL/ DOMINICAL

O QUE REPRESENTA PARA SI O AMOR?

Em 1972, a pergunta torna-se possível entre nós. Há dez, há quinze anos, os interrogados recuariam talvez e outras instâncias provàvelmente dificultariam o diálogo. Contudo, o amor é a seiva do mundo, é o grande impulso da vida.

Cada qual, claro, tomará a pergunta de acordo com a sua sensibilidade, cultura e atitude moral, social, política.

Fala-se de amor e tanto se pensa em Tristão e Isolda e em Denis de Rougemont ou em Abelardo e Heloisa, em Don Juan e Elvira como em Safo, em Casanova. E naturalmente também em Cristo, no Poverello ou nos malditos do amor e nas suas «vítimas», nos seus nostálgicos frustrados, nos seus pensadores: Justine, Rimbaud, Kirkegaard, Ortega, Baby, Marcuse...

Existência real e ficção mesclam-se a todo o passo: vivemos numa floresta de mitos, no seio de uma biblioteca (de uma discoteca) imensa.

O amor sensual, amor sublimado, a procriação e a arte de amar: Freud, Erich From, Georges Bataille. O amor que do «écran» transborda para a vida e vice-versa. O amor nas artes plásticas. O amor a dois, o amor comunitário, o amor a Deus, o amor à Humanidade, o amor das direitas e o das esquerdas...

Tema infinito (ou quase), não é? Mas deixemos os comentários para a conclusão.

A pergunta é:

— «Que representa para si o amor?»

ALEXANDRE BABO
(escritor)

— A pergunta não é indiscreta, a resposta é que pode ser. Pressinto que, em certos aspectos, nem com o manto diáfano da fantasia se pode dizer a nudez crua da verdade.

Disse «pressinto», porque nunca me debrucei sobre esse problema. Por medo. Medo de, desfibrando, desventrando, racionalizando, sabendo, o sabor exaltante de juncais, onde espreitam panteras ondulantes, ou, noutros climas mais calmos contornos de coisas e pessoas e do que não é pessoa nem coisa, se desenham incertamente numa névoa de estranha e misteriosa beleza, se reduzissem a uma realidade, discernível e, talvez, menos bela. Para que se não pudesse ser tão condescendente.

Nunca fiz versos sobre o amor, esses maus versos que todos os rapazes fazem. Nunca, mais tarde, escrevi sobre o amor, Além de medo, uma espécie de respeito. E, afinal julgo que nunca escrevi sobre outra coisa. Parece-me que nunca vivi para outra coisa nem por outra razão.

Amor às coisas e às pessoas. Ao sol, ao mar, às noites claras de lua e às escuras, onde se contam estrelas, às nuvens com que se imaginam figuras e fantasmas. Amor à terra, à respiração, ao calor e ao frio, a uma cadeira velha, ao automóvel que se guia, à cama que já se amolda ao nosso corpo, à rua onde moramos há muito, à cidade com que nos confundimos á terra mais próxima de nós, às outras terras, às que nem conhecemos nem vislumbramos.

Amor às recordações, sempre presentes de todo o passado, onde se passeie gente viva e fantasmas que ainda não perderam os contornos.

Amor a tudo o que aprendemos, à razão e à inteligência, ao seu exercício constante, à avidez de saber e entender sempre mais.

Amor à poesia que se lê, quando adere a nós, e á que se vive nas mais pequeninas coisas do dia-a-dia e nos mais herméticos ou dramáticos mistérios que ainda nos cercam.

Amor aos heróis e às vítimas, aos que morreram por qualquer coisa e aos que morrem aparentemente, sem razão sequer para terem nascido.

Amor à energia, à força, ao carácter, aos fanáticos e amor aos fracos, aos incertos, aos que nada sabem.

Amor às personagens dos livros que não esquecem, aos quadros que nos amarguraram ou nos deram calma, ao vinho e á agua fresca, aos gestos de ternura, às gargalhadas, sãs, à música, às emoções que nos põem um nó na garganta e nos enchem os olhos de lágrimas.

Amor á Saudade e à raiva legítima, à justiça e aos que por ela sofrem, à verdade, por mais relativa que seja, aos instintos que dominamos ou que nos dominam, e que conseguimos, milagrosamente, sublimar. Aos cinco sentidos, à sensualidade.

Amor à coragem e à possibilidade de sofrer até ao pescoço.

Amor às coisas e aos animais e às pessoas. Amor a este cão que afago e que me entende e me quer.

A indiferença, o ódio não passam de contrastes, mais ou menos fortes e vincados, do amor. Só não gostamos ou odiamos o que fere o nosso amor. O ódio à injustiça só pode existir em quem ama a justiça — ou o que supomos ser justiça — e isso é o essencial. O horror à opressão, só o tem quem ama a liberdade.

A revolta contra a morte é tanto mais forte quanto maior é o amor á vida. Certamente, por meu mal, sou um homem que ama.

Eu sei que estou a falar de amor num sentido lato e a pergunta deve referir-se, sobretudo, ao amor que liga um ser a outro, normalmente, como é o meu caso, um homem a uma mulher, quer essa atracção e união dure vinte e quatro horas ou uma vida.

Mas a verdade é que não posso dissociar esse amor do que me afunda permanentemente e tudo o que é vida, à minha volta.

Um amigo meu, matemático e poeta, irritado certa vez com as extensas dissertações sobre o amor e a morte, feitas por confrades seus, afirmou: «O amor é uma questão de cromossomas e a morte — a morte celular». E evidente que esta verdade científica, que parece, por enquanto, indiscutível, dita assim é a maior das falsidades.

Na base física do amor estão cromossomas, mas no seu florescimento, na sua exacerbação, na sua sublimação está toda a vida, toda a história interior e exterior do homem, toda a Natureza, tudo o que é pensamento,sensibilidade,imaginação.

Para mim, também assim se me apresenta.

As mutações do seu objecto são como o evoluir da vida. Vivem, crescem, esfumam-se no tempo e sempre se renovam, diferentes, iguais, maravilhosos.

Que mais hei-de dizer; sem distorcer a minha realidade, sem cair em construções ou até desabusos literários, dentro do que é possível entender de mim próprio e do que tenho a coragem de dizer?

SÉRGIO RIBEIRO
(economista)

— Estou a olhar para a pergunta. Com certo respeito. Chove. Lembro-me do guarda-chuva e da moeda. A estas duas coisas, sobre que é tão difícil falar claro, junto o amor.

«A moeda é como o guarda-chuva; não se define, usa-se» é um dos raros ditos de espírito de uma Universidade bafienta. O amor não se «representa», vive-se.

Que representa para mim o amor? Mas tem que ser uma representação rotulada, com etiqueta! PARA MIM.

E o que represento EU?

Para não entrar em longas prédicas sobre o que julgo que sou e porque julgo que sou (um «salvado» menor de um grande naufrágio ou desastre), digo já que vivo o amor que «posso» viver.

Liberto do estreito «reino da necessidade» porque me é possível vender caro umas horas de trabalho, tenho disponibilidade para viver algum tempo noutro reino. Num reino. Num «reino de liberdade», com necessidades humanas que não só as de sobreviver, matéria no meio de matéria. De conhecer, interpretar, intervir, modificar, contestar, conhecer, interpretar, intervir, modificar, contestar. Amar. Amar não só a procura e o encontro dos sexos. Não só a procura e o encontro de matéria organizada com pólos contrários, de atracção mútua e criadora de novos seres.

Que representa o amor para mim? Fazer da atracção mútua a possibilidade de concretização da relação humana mais com-

Continua na página seguinte

Inquérito conduzido por
URBANO TAVARES RODRIGUES

O que representa para si o Amor?

pleta. Um homem e uma mulher. Inteiros, localizados, encontrados. Com a certeza do que os liga, mas com a certeza definitiva para o momento, não mais do que certezas sucessivamente definitivas. Enquanto certezas.

Que representa para mim o amor? Para mim, que pago imposto complementar, passo férias no estrangeiro, faço desporto, ocupo tempo livre, converso, discuto, escrevo, respondo a perguntas sobre o amor, para mim que não sou estranho à poesia?

O «caminhemos serenos/de mãos dadas, querida/caminhemos sèrenos».

De mãos dadas. Para mim, o amor são o homem e a mulher de mãos dadas. Não a mulher e o homem matéria que se reproduz; não o repouso e o guerreiro; não a musa e o lírico. «Companheiros» é a palavra.

«No pavor da floresta gelada/Através das torturas/Através da morte/Em busca do país da aurora/De mãos dadas, querida,/Caminhemos serenos.»

Mas há outro amor. Não de dois. De dois no meio de todos, de dois também todos. Amor, sobretudo, pelos que, tão longe de um viver humano, não podem emigrar do seu reino de sobreviver. E de se multiplicar. Talvez ajudá-los a descobrirem o destino comum, a solidariedade, a força ignorada. Gérmens de amor.

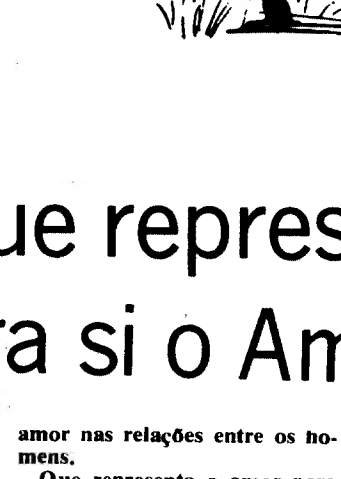
Há quem viva uma «certa» existência. Sem guarda-chuva, sem moeda. Ignorando a comunicação por escrito, indisponíveis para a aventura humana da «invenção do amor». Pois há, e vivem uma «certa» felicidade. Mas custa apanhar chuva descoberto o guarda-chuva; não tem sentido a economia de subsistência quando a divisão e a troca são complexa rede das relações humanas. É criminosa a estrutura social que transforma em privilégio de alguns o património cultural enriquecido hora a hora, ano a ano; é desumana a indisponibilidade para o amor nas relações entre os homens.

Que representa o amor para mim? Viver a vida que se me oferece, e que contesto e que construo. Dois no meio de tudo e de todos. Certos, transitórios, responsáveis.

Com o maior respeito pelos citados (de cor): prof. Teixeira Ribeiro, Papiniano Carlos, Daniel Filipe.

ERNESTO DE SOUSA
(realizador cinematográfico)

«L'amour? Je le fais souvent, mais je n'en parle jamais» — assim responde um personagem



LAURA SOVERAL

de Proust a esta pergunta tão proustiana; assim **apetece** responder. Mas há aqui um equívoco e uma incomodidade que resposta tão certeira não faria senão agravar. De facto entre **fazer** o amor e **pensar** o amor, há uma incompatibilidade iniludível, de que aquela resposta é apenas um eco. Sabia-o bem Proust, cuja obra é talvez, principalmente, uma longa e apaixonante procura do tempo perdido na realização de um amor objectivo, e perdido, muito relativamente, na constante evanescência do objecto amoroso. E um pouco isto como a beleza ou a liberdade que só têm um sentido efectivo enquanto lutamos por alcançá-las. O amor resume estes vários sentidos (beleza, liberdade, comunhão...) uma espécie de rarefacção de todos os sentidos: um impensável vazio, a que poderíamos chamar, alusivamente, identidade consigo próprio. Um absurdo, porque a identidade comigo próprio, absoluta, só seria possível de duas maneiras: ou me teria isolado absolutamente, o que implicaria uma catastrófica (e impensável) destruição do Mundo; ou eu me anulo completamente **no** Mundo. Esta última hipótese, corresponde grosseiramente à morte individual e é também, naturalmente, impensável. De facto, não só a morte individual é impensável para o sujeito que a pensa, como ela é objectivamente impensável. Um indivíduo é um objecto diferente que modifica o Mundo objectivo (muito, pouco, não interessa); e de maneira perene, como cada nova tempestade, cada nascer do sol. Nada é in-diferente. E assim chegamos à conclusão que o sentido do amor corresponde a um grande absurdo — talvez porque precisamente o amor seja a mais específica criação humana, isto é, não natural. Por isso as respostas a esta pergunta que efectivamente o homem tem tentado com grandeza são grandes monumentos do absurdo. A obra de Proust, por exemplo. Um outro exemplo citarei aqui, e que me parece mais do que nunca actual: o de Sade. E actual porque o «Divino Marquês» tenta o absurdo monumental de negar o homem: a mais grandiosa, a mais frustrada das respostas. Ora isto tem muito que ver com uma corrente de pensamento do nosso tempo que se quer rigorosa proclamando-se não humanista. E de resto, um absurdo de que não sei como sair, uma vez que se descobriu que o homem não é o centro do Mundo, de que não há centro no Mundo.

Talvez **fazendo** amor. Qualquer coisa **que se faz**, mas que nunca chega **a ser feito**. Só se faz aquilo cujo sentido (humanol não há outro) se compreende. Resta-nos fazer abordagens sucessivas desse sentido, segundo um caminho, interior (proustiano) ou exterior (sádico). Há um terceiro caminho, talvez, que tem que ver com os anteriores, mas que deve constituir uma viagem original. E o erotismo, tentativa de transgressão do interior com o exterior, abertura contestante e violenta de mim para o mundo, esforço inteiro de perenidade no efêmero: «**... il faut aimer ce qu'on ne verra jamais deux fois**», proclamavam os românticos. Esta abertura para o mundo, porém, encontra-se hoje, e brutalmente, com a nossa lucidez. Esta maravilhosa perca da ingenuidade, é sempre um Paraíso Perdido. O erotismo é assim, também, o maior dos absurdos — porque na verdade aquilo que se procura com a lucidez e o conhecimento (científico) não é outra coisa senão, precisamente, o Paraíso, a ingenuidade total. (Será preciso esclarecer ainda que o prazer é que com certeza não constitui um sentido? Os animais não têm prazer — o prazer é uma invenção exclusivamente humana, e não dispensa a compreensão do que é especificamente humano. A única coisa que distingue do animal o homem-que-vive-para-o-prazer é que este **pensa** que tem prazer...).

Enfim, e no entanto, nós prosseguimos aqueles caminhos: porque não temos outros. Não temos outro caminho do que a procura mais ou menos lúcida de uma resposta (que pensamos confusamente) para a nossa maior angústia: o sabermo-nos em metamorfosel diferentes todos os dias incessantemente de nós próprios, daquela identidade com que nos tentamos pensar; perdidos no Mundo, eu perdido nos outros. Eu amo — quer dizer que me procuro identificar com Outrem, ou seja com o Mundo: a eternidade. Ou identificar Outrem e o Mundo comigo — é o mesmo.

NIKIAS SKAPINAKIS
(pintor)

A pergunta, chegada a Lisboa em 1972, faz-me sorrir e apetece-me responder-lhe com ocoração nas mãos. Há dez anos não se faria; não teria sentido ou oportunidade. Julgo-a, assim, um pormenor sintomático de qualquer coisa que se está alterando entre nós — uma primavera surge depois de um inverno oitocentista prolongado no nosso **próprio século. As pessoas desafivelam a máscara da serenidade** puritana, do convencionalismo **herdado, para, muito menos hipòcritamente, encararem o amor, procurarem o que lhes interessa e afirmarem ou assumirem a sua escolha. É assim que o moralismo tradicionalista está sofrendo rudes golpes e os mais sérios são, precisamente, desferidos pela juventude, que tem encontrado, em toda a parte, um sentido de conveniência amorosa muito mais directo e muito menos preconceituoso.**

Aí ecoam, creio eu, as vozes **dos «Beatles», de Dylan, de Vinicius, de Jaon Baez etc. etc. A repercussão de um certo tipo de música e de poesia junto de um grande público não é, de resto ocasional; o êxito da sua comunicação reside no facto de que, consciente ou incosciente-mente, um novo tipo de artistas apela para um sentido erótico da existência que ultrapassa, irreversìvelmente, a dualidade amargurada do espírito e da carne.**

Mero exemplo de que me sirvo para afirmar que no mundo contemporâneo o amor físico retoma, recupera, o seu sentido espiritual próprio e que deixou de ser possível contê-lo nos esque**mas de comportamento ditados** pelas pessoas convencionalmente bem pensantes.

Aliás, essa revalorização de **«Eros» é essencialmente humanista. Na natureza do homem moderno persiste um sentido de agressividade destrutiva, um sentido de destruição que culmina na própria auto-aniquilação. Muito embora seja evidente a multiplicação das afirmações de justiça universal e das declarações de direitos do homem, não podemos esquecer, no nosso próprio tempo, factos como os gases de 14, os fornos crematórios de 45, o Vietname da hora actual, E Hiroshima e Nagasaki. É possível que esse sentido de destruição, que nos habita a todos, continue a ser constantemente solicitado e que possa ampliar-se e transferir-se até para a próxima conquista do espaço.**

Contudo, tão antiga, tão poderosa e, provàvelmente, tão inelutável quanto a pulsão de destruição, a pulsão de «Eros» opõe-se-lhe.

Acredito assim que a liber**tação de «Eros» no mundo moderno se identifica com a nossa própria sobrevivência e sobretudo, com a possibilidade de possuirmos, de udufruirmos, sem má consciência, as coisas agradáveis da vida. Tudo aquilo que favoreça, ou estimule, essa libertação, toca o mais fundo da transformação de costumes que apressa o fim de uma certa concepção de existência obediente Ah, sim, tocava a campainha e instaurava os festins de Theodoro à escala universal.**

Mas afinal, concretamente, para satisfazer a pergunta, que representa o amor para mim? Aqui, suspeitoso das manhãs de névoa, receoso de resfriamento, retiro o coração das mãos e não respondo.

NUNO DE CARVALHO
(estudante de Medicina)

O Amor é algo extremamente difícil de definir, mas que todos os seres vivos sentem.

Do ponto de vista psicológico pode ser encarado como um estado apreensivo de natureza emocional estável.

Eu com a minha pouca experiência posso apenas tentar exprimir um pouco deste tão difícil assunto.

E qualquer coisa de agradável que sinto quando qualquer coisa me emociona, sendo o sintoma o sentir-me grande e longe de toda a vida quotidiana e mesquinha. Normalmente sinto-me violentamente emocionado e muito terno, gostando de exprimir tal emoção ou por palavras ou por gestos como o beijar e fazer festas.

Creio que me alonguei demasiado com tão enfadonhas linhas.

ERNESTO DE SOUSA

NÍDIA DANTON MACHADO
(estudante de Medicina)

— Que representa para mim o Amor?

— Tudo. Não, não há exagero. Tudo começa e acaba no amor. Não sou eu própria fruto do amor? Amor só pode ser encarado como a representação dum «tudo». Sentimento sem egoismo. Dádiva. Dádiva. Dádiva. Amar para Amar. Amar para viver.

MARIA VELHO DA COSTA
(escritora)

O círculo em que uma linha em forma de S separa a parte branca da parte negra. O centro da parte negra é marcado por um ponto branco, o centro da parte branca por um ponto negro. Ao princípio era o verbo e tendo porém habitado entre nós. No arcano décimo sétimo continua sendo urgente e derramamento das águas que Melusina sustenta sobre a terra gretada. (A beleza será sem dúvida convulsiva ou não será, mas grave é a hora de depois, «Jamais servirei senhor que possa morrer» Sofia A.)

Marianne âme amère mère, de Pierrot a Ferdinand vai o tempo e espaço povoado da morte, insignificante?, dos outros. «Qu'est-ce que je vais faire, je ne sais pas quoi faire». O Tao que pode dizer-se não é o Tao absoluto. O nome que pode nomear-se não é o nome absoluto. E invocado, quem? habitou entre nós. «A name? What is a name»? Julieta? Nem face, ou perna ou membro. E a face, que sinal, não tendo onde reclinar a cabeça? Precário, precário e sempre aqui. De menino cúpido à via real. «Túmulo irisado de lágrimas. Eu e Sagir. Isís a mulher de Osíris. Mar, o português. António Maria L., deve saber, é lírico (a excepção confirma a morte, não cantável nem cantante, Fernando P. «é companheira que eu não tive nem quero ter».) Amor, pois, casa onde os fantasmas rondam em vão e vivos, só os mortos enterram os seus mortos, dia boreal e aurora permanente. Tudo aí se reconstitui, é precàriamente restituído. **Se alguém em** amor se senta debaixo das árvores, não cansa, esse é o contentamento de aguardar confirmado, tem nome e tem lugar no espelho dos olhos de outrem, não era linda, tão posto o teu sossego? Falo de um só amor, o inverosimil e possível, o que nasce do primeiro sorriso, da carne aconchegada e transposta para outra, a aptidão para perder ganhando, desabrochar no pedido e na falta. Na chamada, Desejo sim, aí começa — a dor pelo que falta e se nomeia suficiente, bastante total. O amor é depois da aflição. Confirmação da falta como irrecuperável, totalmente recuperável num depois que não tem tempo singular, es-

paço individual e porém sobrevive, do resto ao mundo um passo, a persistência do sentido, um sentido. Feito ou que acontece? Porque um erótico remete à morte, confrontando com a carênciaquotidiana,aconspurcação em obscena e inútil da carne que pelo imaginário é capaz de transpôr-se, transparecer. Não há lugar sereno. A fidelidade à insuficiência do rosto amado as-

ALEXANDRE BABO

susta na inverosímil paciência dos santos, é o esgar da brutal impaciência dos criminosos, a máscara subornável dos poetas. Esperarei a tua presença, confirmarei que jamais foste, , darvos-ei a cantar como ficção o que sabemos assim. Pandora só pode abrir a caixa de horrores, depois do filtro e escândalo só resta a supressão de Isolda, ou Bonnie, ou Elvira em verdes anos. Esta era a tragédia. Trágica hoje a irrelevância do rosto e do momento. Se um rosto dá sinal e tenta desvendar-se o momento o real explode em não-sentido, blows-up (em arte ou em doença, que doença?). Hair ou the Years. Living T. ou Vírginia W., Marguerite D? O amor universal e orgiástico como se We're all one and life flows within you and without

you, John Lennon and Paul McCartney. Ou o silêncio, «os que falam não sabem, os que sabem não falam».
Provado o amor, a plenitude da lei da ausência, «Eloi, Eloi», o acto de imolação / expansão decorre naturalmente. E justo e necessário chamar e reunir em vão. O amor vivo é a abundância do resto, nem flor nem fruto, água primeira e terra onde alastrar. Potemkine, «irmão», cinema de amor depois. «Quelle drôle de chemin il m'a fallu parcourrir pour te trouver», Bresson. Calculado o risco, é justo e necessário apresentar o rosto, Miller, H. Helder.

Louvado pois o desejo e toda a coisa harmónica, a beleza que desassossega e dá sinal da falta e não repousa. Louvado o instrumento que estendendo a mão que busca e sara não acha ainda e no entanto, cruel que seja, vai. Louvados os sentados e os acesos, a matriz que acolhe, os povos que conhecem e os que sabem. A compaixão e a cólera. O centro da parte negra é marcado por um ponto branco, o centro da parte branca por um ponto negro. «Amai-vos uns aos outros». O mundo é a revolver, mas toda a lágrima exposta que pudera não o ser é uma acusação». Rosa, Rosa Luxemburgo.

«Mas haverá uma idade em que serão esquecidos por completo os grandes nomes opacos que hoje damos às coisas», Cesariny, Mário.

ANTÓNIO REIS
(redactor da «Seara Nova»):

«Heureux celui qui meurt d7aimer»
(Louis Aragon)

«Et l'amour est au monde
pour l'oubli du monde»
(Paul Éluard)

Falar sobre o amor, conceptualizar o amor, teorizar o amor não será sacrilégio? O amor é o «existencial» por excelência e como tal despido de uma essência que o torne definível. E, no entanto, a palavra lá está, viva presente, exigindo uma penetração no seu significado, um desvendar do seu sentido. Tema de poetas, só raramente o foi de filósofos: «le coeur a des raisons que la raison ne connait pas...». E quando tema de filósofos, convertia-se no aguilhão do «mistério» no seio da «razão». Assim um Platão, para quem o amor era a ponte que ligava o mundo sensível ao mundo das essências supra-sensíveis, a via não racional que nos levava à contemplação do Bem em si, realidade misteriosa e indizível. Assim o Santo Agostinho da espantosa frase: «Amma et fac quod vis» (Ama e faz o que quiseres)...Assim, mais modernamente, um Max Scheler, para quem o amor na sua essência íntima é um «unbegriindlisches

NÍDIA MACHADO

Plus», um «mais não fundamentável» que se vem juntar à simples simpatia, transformando-a em amor. Mas qualquer destas concepções surge só depois de um enorme esforço de análise, é uma conclusão de premissas teorizáveis, é por consequência a confissão de que a inteligência, embora possa penetrar nesta realidade, atinge na sua penetração um limite inultrapassável, para lá do qual se encontra algo que que a supera.

Mas esta zona de mistério no amor situa-se quanto a mim no domínio das motivações do acto de amor, mais do que no que diz respeito ao conteúdo do próprio acto. Que será, pois o acto de amor? «Aimer c'est dire: je veux que tu sois», diz-nos Gabriel Marcel. Amar é dizer: quero que sejas. Amar é pois um acto duma vontade que supera e finaliza a inteligência, e que «faz ser» o ser amado, com todo o sentido que esta expressão comporta no vocabulário da filosofia existencialista, sentido de auto-realização integral e dinâmica da pessoa na sua existência temporal. O amor será, pois, o encontro e a fusão dos actos de amor de dois sujeitos, orientados um para o outro e realizados um no outro. E deste modo se ultrapassa a falsa oposição entre egoísmo e altruismo, desnudada de sentido dentro do amor. Indo um pouco mais longe: porque é que o amor, e o amor só, permite essa auto-realização integral do nosso ser? É que o acto de amor é o acto sintético por excelência, isto é, o acto que assume na sua unidade intrínseca a riqueza própria de todos os outros actos do ser, o «absoluto» que não exclui o relativo, antes o integra e lhe dá todo o seu sentido. O acto de amor integra, com efeito, o acto mais perfeito da nossa vida biológica — o acto sexual — os actos mais ricos da nossa vi-

ALDINA COSTA

da sensitiva e afectiva, e, por último, o próprio acto espiritual da inteligência que só adquire todo o seu sentido quando se termina num dom da vontade orientada para o ser concreto da pessoa amada. Esta espantosa riqueza do acto de amor explica-se se tivermos em conta a particularidade de ser este o único acto que provém e se orienta no sentido da totalidade ontológica mais perfeita: a totalidade pessoal. No amor, a oposição sujeito-objecto tende a desaparecer para dar lugar à fusão dos sujeitos numa relação eu-tu que é a relação antiobjectiva por excelência. O tu, o outro, longe de se tornar um obstáculo à nossa liberdade, como o pretendeu Sartre, faz-se ser e crescer, faz-me «encontrar-me». Como afirma Emmanuel Mounier, «quase se poderia dizer que só existo na medida em que existo para os outros, ou numa frase limite: ser é amar». Em vez de dizermos, como Descartes, «penso, logo existo», deveríamos antes dizer «amo, logo existo». Encontro de duas singularidades, não de dois «tipos psicológicos», o amor é afirmação do outro enquanto outro na sua riqueza própria e inconfundível, independentemente das suas qualidades e defeitos, ou para lá das suas qualidades e defeitos: «O amor é cego, mas duma cegueira extra-lúcida», diz-nos também Mounier.

Realização integral da pessoa, o amor é um fim ou o fim, o amor é a «eudaimonia» dos gregos, o amor e a felicidade. Como felicidade e fim último que é tudo para ele concorre e tudo nele se acaba. O mundo no seu conjunto por ele e absorvido, de tal modo que «l'amour est au monde pour l'oubli du monde»... E a morte, na sua essência de acto final, de «acabamento» do ser (achèvement de l'être), inscreve-se no próprio coração do amor, como seu limite mas também, por mais paradoxal que tal possa parecer, como sua perfeição final: «Heureux celui qui meurt d'aimer»...

JOÃO PALMA FERREIRA
(escritor)

Tomo esta pergunta, trabalho-a com cuidado, com todo o carinho. Observo-lhe todos os ângulos, supeso-lhe o encanto, e aceito as suas fraquezas. Só poderei responder se admitir, por fim, que se trata de uma pergunta pessoal e não de um inquérito sobre **opiniões pessoais**. Desconheço o impacto social do amor — não vi, nunca vi ou nunca verei o impacto social do «amor». E estou num café a cogitar sobre o amor. (Será que aquele cortejo nupcial, além, com mestre de cerimónias, à porta da pastelaria de bairro é o termo único do fatigante «amor» burguês? Será que este homem sério e conspícuo, na mesa do lado, que lê o jornal de fio a pavio numa manhã de domingo, enquanto os filhos, dois, ainda pequenos, discutem as aventuras de Tin-Tin, é vítima social do «amor»? Será ainda o meu pobre amigo, — dizem as línguas das boas intenções: **bandido, desfez o lar** — , o apaixonado de quarenta anos que procura, naquela jovem corajosa e livre, toda a assimetria superior de um encanto onírico sem leis nem compromissos, outro incauto social tombando na armadilha do «amor»? Serás tu, meu amor hipotético e inconfessado, que seguirás a tua vida alheia à minha vida, a outra vítima?)

Tomo esta pergunta e revolvo-a entre as mãos. Aceito o seu único sentido verdadeiramente expressivo, para mim, pelo menos: o que **foi** o amor?

O que **foi** o amor respondo agora porque me situo já, e sem

STELLA DE BRITO

saber como, num tempo futuro (será este tempo actual?) em que o amor morreu. Foi, primeiro, a liberdade, o grande amor da liberdade, plena, absoluta, sem negócios escuros com o comércio da vida e da morte. Foi ainda a liberdade já em luta contra as tutelas, contra as regras do único jogo consentido, os conselhos obesos das famílias, os conselhos argutos da oportunidade, os segredos duvidosos da vantagem. Foi, depois, a ilusão, a grande força da ilusão que nos leva a agir como num sonho e a tentar transformar toda a íntima generosidade em algo de concreto, que nos leva, com força, como se fôssemos na força do vento até à beira do abismo e disséssemos: «deixá-lo». Como se fosse o único conforto perante a fatalidade que se aproxima vertiginosamente.

NUNO DE CARVALHO

Foi serenidade, sim, foi serenidade e um pouco de cálculo e falta de coragem quando a mim próprio disse, um dia, inevitàvelmente: cresceste, ou envelheceste ou resististe ou cedeste. Foi depois angústia que não se pode definir e que nos impele, às cegas, pela noite, em grandes e melancólicos passeios no acaso do Inverno. Foi gosto amargo na boca quando a realidade já não tem resposta; quando, por fim, nos apercebemos (quando me aparcebi) do desconforto da insegurança e da incorrupta, velhíssima solidão, formidável e estranha que não podemos partilhar com minguém, nem com o amor. Foi o segredo da insónia, foi o roer do remorso, foi a inquietação e foram ainda os primeiros filhos, presença física e paixão concretizada em novos seres solitários e também estranhos que virão, mais tarde, a percorrer a mesma estrada de logro e de decepção.

Foi, na insegurança do dia-a-dia, o cálido e sereno porto de abrigo, a roupa seca e quente sobre o corpo fatigado e húmido de chuva. Foi qualquer coisa potentemente ampla e vasta como a beleza de um ocaso que nenhuma calamidade pessoal poderá alterar. E foi convicção, por fim.

Veio de ser convicção e foi suborno, vida paga a prestações, zelo de estabilidade, livro feio encadernado bonito por fora. E ao mesmo tempo, confundiu-se com o desejo e penetrou por todos os poros, por todos os homens. Deus-ateu, súmula da concórdia, foi guerra feita em nome da discórdia e poluiu-se de mentiras, de lugares-comuns de passeios ao Inverno do comforto e aos domingos da Primavera. Até foi em mim um pobre idealista que se matou por um Deus-ateu de imensa bondade que o atraiçoou nos actos desinteressados de toda a gente. Foi uma sombra esquecida que abandonei numa rua escura da velha e tranquila Soria. Acabou por ser o bocejo de quem fecha o livro com os olhos carregados de sono. C diz· **Boa noite, meu amor. E preferível dormir.**

Foi andar aos tombos pelo empedrado a sonhar com o impossível, a prever a aventura e a deparar com o cálculo. E foi luz e compreensão e decisão...

Ah, Bakunine, fizeste revoluções com quê?

ALDINA COSTA
(pintora)

Amor é liberdade, disponibilidade, entrega.

Que representa o Amor?! Mas que pergunta! Desde o amor de Cristo ao de Sade, nem um tratado... Pegando nas ideias comuns, de indivíduo para indivíduo, ou seja de personalidade para personalidade, a capacidade de amor ou antes, de amar — dava em gráficos um sistema complicadíssimo. Educação, sensibilidade nata, condições de vida, sei lá o que se sabe... O Amor pode representar tanto, tanto de todos, que francamente, só o tal tratado.

No plano físico, o amor parece-se com tudo o que disse atrás, mas é mais difícil por ser a dois. Implica uma certa cumplicidade que desautentifica quase sempre a «disponibilidade» necessária, de cada um dos participantes.

Só um grau elevado de educação sexual pode permitir que estes se amem com verdade.

Naturalmente que para a mulher cuja vida é facilitada pelo homem, seu homem (vulgo cabeça de casal), a ideia de amor é fatalmente diferente da de um indivíduo normal. Os seus sentimentos estão limitados a fins quase sempre limitadíssimos — desculpem-me a repetição. É frequentíssimo até, nestes casos, o Amor ser só o homem, os filhos, utensílios domésticos e algum animalzinho também domesticado.Acontece também com uma certa ferquência, na «ida às compras», umas esmolas p'rós cèguinhos, mães com filhinhos e grávidas, ou criancinhas da idade dos delas. Depois do animalzinho doméstico, já não é amor, é medo, incapacidade.

Mas há ainda os outros, tarados, monárquicos, marialvas, fanáticos, tec, que dizem, que amam. Esses, porém, pelo ne-

Continua na pág 26

DANDO CIÊNCIA

Como actua a aspirina

SAN FRANCISCO — A explicação há muito procurada de como a aspirina actua, foi recentemente dada por um farmacologista inglês.

A droga actua sobre uma classe recentemente descoberta de mensageiros químicos que o corpo liberta como medida protectora em determinadas circunstâncias, segundo revelou o Dr. John R. Vane, do «Royal College of Surgeons».

A aspirina reduz a temperatura e a inflamação e alivia a dor impedindo a produção destes mensageiros químicos, que são designados pelo nome de «prostaglandins», declarou Vane perante o quinto Congresso Internacional de Farmacologia, que se realiza nesta cidade.

O ácido acetilo salicílio, principal ingrediente da aspirina, foi um dos primeiros componentes sintetizados para uso médico infusões de casca de salgueiro, que contém um derivado do ácido salicílio, eram usadas no tratamento da febre há 200 anos.

Todavia, os médicos e os cientistas desconheciam como as drogas semelhantes à aspirina actuam. Uma das coisas que os deixavam perplexos era como uma única droga podia ter efeitos tão diversos, tais como aliviar a dor e reduzir a temperatura e a inflamação.

De acordo com um recente trabalho experimental, as «prostaglandins» podem causar dor, febre e inflamação quando são libertadas por tecidos em resposta a tensão ou outra estimulação. Quando se toma aspirina a pro-

Por HARRY NELSON
«Los Angeles Times»/DL

dução de «prostaglandins» é interrompida e a dor, febre e inflamação diminuem.

As «prostaglandins» foram descobertas pela primeira vez há cerca de 25 anos, mas a sua importância só foi reconhecida nos últimos anos. Encontram-se presentes em quase todas as células do corpo e estão ligadas a muitas funções fisiológicas.

O útero é extremamente sensível a quantidades mesmo pequena de «prostaglandins», descoberta que os cientistas estão a explorar desenvolvendo «prostaglandins» a fim de facilitar abortos.

Além do controlo da fertilidade, os componentes têm uma aplicação potencial na regulação da pressão sanguínea e no controlo da asma e das úlceras do estômago.

O dr. Vane, que é professor de farmacologia experimental na Universidade de Londres, passou os últimos anos em experiências laboratoriais que demonstram a relação entre aspirina e «prostaglandins».

O seu trabalho não só mostra como a aspirina actua, mas pode ajudar a explicar igualmente alguns dos seus efeitos marginais. A irritação do estômago, por exemplo, um dos mais notáveis efeitos marginais da aspirina, pode ser devida ao facto de uma das principais funções das «prostaglandins» consistir em evitar a libertação de sucos gástricos.

Ao impedir a produção de «prostaglandins», é possível que a aspirina esteja a permitir a livre circulação de sucos gástricos que irritam a parede do estômago.

Existe a possibilidade de as mulheres que tomam doses elevadas de aspirina se estarem a tornar vulneráveis à gravidez, caso recorram a processos intra-uterinos como medida anticoncepcional.

Esta hipótese baseia-se em relatórios de vários investigadores segundo os quais os processos intra-uterinos actuam através da irritação da parede do útero, facto que, por seu turno, dá origem à libertação de «prostaglandis». Estas provocam então um aborto se a mulher estiver grávida.

Doses elevadas de aspirina podem impedir a produção de «prostaglandins», anulando o efeito dos processos intra-uterinos.

A «mulher mais linguareira da América» obrigou o marido, John Mitchell, a deixar a direcção da campanha eleitoral do presidente: com as suas telefonadelas aos jornalistas («Falo do banheiro para que John não me oiça») agitou o ambiente político desencadeando uma tempestade de bisbilhotices e de risadas. Por sua causa até o FBI se sentiu incomodado.

MARTHA PODE ARRUINAR NIXON

Em 1936, o duque de Windsor, após dez meses de reinado, renunciou ao trono de Inglaterra por amor de uma americana, Wallis Simpson. Em 1972, John Mitchell, braço direito de Nixon, após quatro meses, renunciou à direcção da sua campanha eleitoral e disse adeus ao poder da Casa Branca para evitar o divórcio de sua mulher Martha, conhecida como **«a mulher mais linguareira da América»**.

A «saga dos Mitchell» teve breve duração e o fundo convulso e deselegante do nosso tempo: aviões, salões político-mundanos, vilas com piscina, os aposentos cheios de fumo do poder. E, como sentimentos, as nevroses mais do que as paixões, o quieto viver burguês contra as intrigas e o alienante mecanismo daquele cilindro compressor, cujo custo é de 400 milhões de dólares, chamado eleição presidencial.

A DOENÇA

Quando os Mitchell chegaram a Washington em 1968 não eram ninguém, segundo o tácito Gotha da capital. Ele era um advogado especializado em questões administrativas e financeiras, com cartório em Nova Iorque e honorários no valor de 100 mil dólares anuais: o bastante para viver em Rye, um subúrbio da Westchester Country, e para estar inscrito no Country-club, local sem, todavia, se encontrar entre os notáveis.

Ela, Martha, era uma mulher viva, de 50 anos de idade, amante de sapatos de salto alto, vestidos amarelos, penteados monumentais, **cocktails** (quer em sentido mundano, quer em sentido alcoólico), mas, sobretudo, amante da palavra como instrumento libertador, como explosão, como patológica necessidade de autoafirmação. O seu uso do telefone — um uso nocturno, longuíssimo e preferivelmente **long-distance** — era, na restrita roda dos seus amigos de então, a actividade mais memorável de Martha.

Martha Elizabeth Beal Jennings, nascida em Pine Bluf, no Arkansas, uma cidadezinha de 57 mil habitantes, com um só médico, uma **main street** (rua principal) e a mexeriquice como única evasão. Filha de um comerciante de algodão, estudante **«indolente, de cabeça um pouco vazia»** como recorda a professora, mas **«louca por rapazes desde uma idade indecorosamente precoce»** como muitas vezes ela própria tem recordado. Telefonista de um general em Washington durante o tempo de guerra, logo depois mulher de um capitão e divorciada após onze anos de matrimónio.

Porém, o segundo marido, com quem casou em 1965 em Nova Iorque, estava destinado a grandes coisas exactamente pelos dotes opostos aos da mulher: lucidez, sentido estratégico, reserva. Este era John Mitchell, o homem que, em 1967, para a fusão entre os dois diferentes projectos legais, se torna colega de um outro advogado burguês, célebre como eterno segundo no cosmos político americano e mais vezes derrotado pelos adversários e pelo destino: Richard Milhous Nixon. Tornaram-se também muito amigos e, em 1968, Nixon quer Mitchell à frente da sua, finalmente, vitoriosa campanha eleitoral.

Depois, uma vez sentado na Casa Branca. nomeou-o ministro da Justiça.

A chegada dos desconhecidos Mitchell ao firmamento de Washington levou ao paroxismo aquela que as crónicas mundanas da capital chamam **«a febre do Potomac»**. Que é isso? É a doença de Washington. Qualquer coisa de indefinível. Como o mal de Africa. Num memorável artigo, **Time** falava dele como de **«um sentido permanente de excitação, de importância, de liberdade e de expansão das próprias possibilidades: uma doença que antes ou depois pode atingir todos os recém-chegados à colina do poder. Uma doença que aumenta o seu prazer pelo facto de se encontrar onde finalmente se encontram, mas que, também, pouco a pouco, cria um misto de desilusão e de insegurança, que só abre caminho ao pensamento de que tudo isto pode um dia terminar»**.

John Mitchell, no seu lugar de «Senhor Lei e Ordem», viu crescer progressivamente o seu poder como conselheiro de Nixon. Martha, projectada de um dia para o outro do aborrecimento do **Country-club** para a alegria e excitação do **«quarto dos botões»**, simplesmente explode: primeiro, como um colorido fogo de artifício. Depois, como um imprevisível míssil em quem ninguém já tinha mão: e, menos do que todos os outros, o marido e tão-pouco o próprio presidente Nixon, para quem, de início, Martha Mitchell se tornara divertida e até útil, às vezes. Util como durante muito tempo havia sido útil o vice-presidente Spiro Agnew, isto é, dando curso àqueles humores recônditos e insofridos da maioria silenciosa de maneira colorida e violenta, a ponto de resultar inconveniente para quem quer que fosse presidente mesmo que apenas de uma obscura secção de partido.

A ESTREIA

A primeira, memorável, **entrée** de Martha em órbita foi em Novembro de 1969. Eram sete horas da manhã, a capital estava ainda perturbada pelos eventos da «longa marcha» dos pacifistas contra a guerra no Vietname. O ministro da Justiça, John Mitchell, havia recolhido ao leito às três horas da madrugada, e tinha adormecido com o auscultador do pequeno aparelho de rádio, pelo qual seguira momento a momento os acontecimentos. Às sete, enquanto se estendia ainda meio sonolento, foi despertado pela voz de sua mulher Martha, que dizia: **«Como meu marido diz sempre aqui em casa, os liberais deste país deveriam ser todos agarrados e expatriados... Estes revolucionários dão-me volta ao estômago; mandai-os para a Rússia ou para Cuba. De preferência para a Rússia; Cuba fica muito perto da Florida...»**.

John Mitchell levantou, então, um braço, calmamente, como para dizer: **«Martha, cala-te um momento»**. Depois, soerguendo-se, deu-se conta de que a voz de Martha provinha do aparelho de rádio, não da cama, e dirigia-se a um entrevistador da CBS e a milhões de americanos. A Imprensa, a rádio, a televisão, descobriram prontamente, entre tanta monotonia, a personagem de Martha Mitchell. Nixon tinha rido, alguns milhões de americanos haviam pensado **«finalmente, alguém diz as coisas com a boca toda»**, os jornalistas estavam contentes: a grande máquina dos meios de comunicação de massa pôs-se em movimento.

Os meses seguintes foram renéticos para Martha. Os repórteres procuravam-na àvidamente. Salões, convenções, estações de televisão, disputavam-na. O «livrinho rosa» das suas máximas crescia todos os dias com novas páginas:

«O senador Fullbright deveria ser crucificado. Se não fôssem ele e os seus amigos liberais, a guerra no Vietname já teria acabado pelo menos há dezasseis meses».

«São os professores os verdadeiros responsáveis pelos pecados dos nossos jovens. A classe académica deste país é composta por um bando que está a destruir a América, e quando penso nisto, sinto como que uma pancada no fígado...»

«Penso que o Governo deveria reunir e alojar as famílias dos seus ministros... por exemplo, poderia construir um complexo industrial de alta classe, devidamente isolado e protegido pelo FBI, nos jardisn do Parque Botânico Nacional. Há ali tantos hectares que bem podiam ceder alguns para isso...»

«Outro dia veio-me uma vontade de trabalhar do Departamento de Estado, para procurar introduzir um pouco de amor no mundo. Agora telefonei a Rogers para lhe dizer como se podia acabar com a guerra, mas não me ouviu. Melhor, nem sequer respondeu ao telefone...»

«... A Casa Branca? Nem sequer queremos ali viver, obrigado. Cada vez que ali entro, sofro de claustrofobia. Faz medo, sempre tão vazia, com móveis que estalam misteriosamente, mesmo às duas horas da tarde...»

«Sou a mulher mais livre do mundo. Toda a mulher pode ser libertada, se quiser. Basta que, em primeiro lugar, convença o marido».

«Meu marido, desde que se tornou ministro da Justiça, passou a usar duas mentes em vez de uma. Mas é provàvelmente um dos homens mais inteligentes deste país, diria mesmo, do mundo...»

Este era o nível; mas a avalhancha de comentários e de conversa fiada de que demos apenas uma amostra, tinha-se tornado uma atracção permanente numa cidade aborrecida como Washington e com uma administração bastante parda como a de Nixon. A América delirava com Martha Mitchell e cada vez se esperava dela qualquer coisa mais, como de um toureiro: **«Que dirá desta vez Martha?»** E sobre a mesinha do salão azul do apartamento dos Mitchell em Watergate (arquitecturas modernas, vistas para o rio: **«o parque de estacionamento dos poderosos»** como todos lhe chamavam), caíam todos os dias trezentas ou quatrocentas cartas, vindas de todas as partes da América. Dentro delas havia insultos, presentes, entusiásticas aprovações, sugestões. O seu correio, três vezes superior ao do marido, revelava que Martha se tornara desde logo uma personagem nacional, graças ao uso insensato do seu telefone azul (o do quarto de banho, **«para que John não oiça»**, como ela dizia, com gritinhos, aos jornalistas). Ela falava dali, e a Imprensa e a TV divulgavam para toda a América os seus ditos. Em 1970, um inquérito Gallup revela que a sua popularidade, entre os personagens femininas da nação, era secundada apenas pela de Jackie Kennedy (97 por cento dos entrevistados tinham uma ideia precisa sobre Jackie e 76 por cento sobre Martha).

Entre estas cartas, entre estes telefonemas, havia também ameaças. À normal vigilância sobre o ministro da Justiça o FBI — que dele depende — acrescentava, por isso, frequentemente, uma vigilância especial sobre Martha, efetuada por dois ou três agentes. Um serviço fotográfico aparecido em **Life** — e que mostrava dois **G-men** atentos a estender um vestido de noite de Martha Mitchell e, depois, a ajudá-la a vesti-lo antes de uma festa — tinha remetido ao esquecimento mulheres que eram célebres em Washington há muito mais tempo.

A mulher de um categorizado democrata tinha definido Martha como **«um fenómeno grotesco, que uma administração republicana nunca deveria tolerar»**. Outras sacerdotizas da mundanidade diziam: **«Fala ainda com o sotaque arrastado do Sul, veste de maneira vulgar da cabeça aos pés, faz-se servir o pequeno almoço na cama pelos agentes do FBI, e com tudo isto está convencida de ser uma aristocrata, a heroína de «E Tudo o Vento Levou...» ou qualquer coisa do género...»**. Outras ainda insinuam que os seus comentários paradoxais, a sua enorme carga de vitalidade capaz de **«abalar um banquete ou um salão como uma rajada de vento de vida e de perfume, mal ela entrava»** fossem, talvez, devidos a alguns copos de **whisky** a mais.

Entretanto, porém, esta vida vertiginosa e extravertida produzia lesões até mesmo etnre os cônjuges Mitchell. Por detrás da fleugma, por detrás do cachimbo permanentemente aceso dele, ocultava-se indubitàvelmente um crescente embaraço pelo tipo de popularidade e pelas **gaffes** contínuas da mulher. Depois, algo mudou também em Nixon. Nos princípios da comédia, o presidente havia protegido Martha. Atribui-se-lhe a famosa frase: **«Giv'em hell, Martha!» («Fas-lhes a vida negra, Martha!»)**. (E, nestes, estavam englobados os liberais, os radicais, os **hippies**, todos os passíveis inimigos de Nixon, de Mitchell, da lei e da ordem, da América numa palavra). Porém, nos últimos tempos, também Nixon preferia não falar no assunto.

Em Fevereiro passado, Nixon pediu a Mitchell para dirigir novamente a sua campanha eleitoral e ele aceitou, demitindo-se de ministro da Justiça. Naquela ocasião, Martha levantou uma grande discussão, censurando o marido, tanto quanto parece, pelo facto de ganhar muito menos (com efeito, menos de metade) do que quando era advogado, de se dedicar todo à política e nada à família e a ela. Estes discursos, e talvez o sentimento que a «febre do Potomac» estava, pouco a pouco, a destruí-los a ambos, Martha, uma vez mais ainda, tornou-os públicos, com uma das suas habituais telefonadelas nocbituais aos jornalistas, feitas do quarto de banho.

Todo o país soube, assim, que qualquer coisa começava a dar de si na personagem Martha. Fossem as perturbações femininas dos 54 anos, fosse a pressão de uma vida tão perenementé forçada e extrovertida, o facto é que, pela primeira vez, Martha se lamentara e se desligara pùblicamente do sistema. **«O presidente»**, dissera ela no telefonema a Helen Thomas, jornalista da UPI que sempre recolheu as suas mais explosivas confidências noturnas, **«tem necessidade dele. Mas também o Ministério da Justiça, e também eu, temos necessidade de John. Esta decisão de se entregar à campanha eleitoral está completamente errada. Tenho vontade de deixar Washington e tudo o resto, de voltar à vida anterior, de escrever um livro...»**.

Após três meses de relativa calma, e enquanto a campanha eleitoral entrava no auge a poucas semanas das convenções de Miami, a «saga dos Mitchell» transformou-se imprevistamente. O breve espaço de tempo feliz de Martha, terminou com uma acção de **comandos** do FBI, como num velho romance de Lemmy Caution. Os **G-men** arrancaram-lhe das mãos o famoso telefone e, depois — segundo conta Martha — atiram-na para cima da cama e deram-lhe uma injecção calmante. Então, ela tomou um avião, atravessou todos os Estados Unidos, até aportar ao calmo **Country-club** de Rye. Um regresso às origens. E aqui, no coração da noite, telefonou, lavada em lágrimas, a Helen Thomas, fazendo estas explosivas declarações: **«Tornei-me numa prisioneira política. Estou decidida a divorciar-me de meu marido se ele não abandonar a direcção da campanha eleitoral de Nixon. E demasiado horrível**

Continua na pág. 18

O PASSADO E O PRESENTE

-Não é imagem muito vulgar, esta em que se junta um passado tranquilo à realidade de um presente mais que frenético: cavalos e cavaleiros num passeio ameno, (como nas alamedas de há cem anos), parecem alheados da violência mecânica que ruge à sua volta, do ruído espasmódico da grande cidade, da importância dos outros «cavalos-motor». Um relincho em vez de buzina, bater de cascos em lugar de motor de arranque, arfar de animal livre, em vez de rugir pretencioso da máquina. Nostalgia ou nem isso, mas de qualquer forma um instantâneo feliz do nosso repórter.

DL/ DOMINICAL

Moda em ITÁLIA

Vestido de noite em seda natural-georgette. Cinto e punhos bordados (Mila Schoen).

Chapéu branco à cow-boy em feltro branco usado com casaco «pied de cop» beige e branco (BAROCCO).

Vestido-casaco em crepe preto plissado (RIVA)

A indústria da moda é uma fonte de entrada de divisas para os países largamente orientados para esta actividade. Durante largos anos a França era, por excelência, a ditadora da moda feminina. Nomes como Cardin, Dior, Chanel, Balenciaga eram (e são ainda!) sinónimos de elegância na arte de bem vestir.

A Itália, compete hoje abertamente, com o mercado francês e dispõe dum grupo de costureiros internacionalmente cotados. Riva, Barocco, Andre Laug, Galtizine comandam «as regras do jogo» da moda italiana, na conquista dos mercados europeus e americanos.

E se, para verdadeira elegante, era há anos de «bom tom» vestir em Paris hoje, comprar em Roma, tem um significado igual. Para a alta-roda não há distinção na escolha. E os costureiros italianos estão perfeitamente seguros desta verdade. Deixamos ao critério do leitor, através dos modelos que apresentamos, a possibilidade de ajuizarem da afirmação. Da moda de Outono-Inverno ditada pela Itália propomos diversos modelos: resta-lhe a liberdade da escolha.

Pormenor dum modelo de ANDRE RAUG-Gola de pele branca usada com camisola de malha de gola alta e boina de feltro.

Casaco beige reversível usado com calças castanhas. Modelo de Galtizine.

Casaco amplo de cor castanha com riscas mais escuras inteiramente debruada a pele (Mila Shoen)

Casaco clássico em pelo de camelo com mangas raglan (modelo de Relang).

ÓLEO ENVENENA AS

A MORTE DAS AVES

Nas margens do Mar do Norte a beleza das aves marinhas voando em círculos rápidos e graciosos ao sabor do vento salgado é tão frequente como a imagem patética de corpos de aves mortas cobertos de óleo e espalhadas pela areia da praia.

Há mais de 50 anos que os naturalistas têm vindo a registar um número cada vez maior de mortes de aves marinhas vítimas da poluição do óleo. Este índice de mortalidade ameaça continuar em escala progressiva, à medida que se vão construindo navios tanques cada vez maiores e que implicam o risco adicional de mais descargas de óleo nas águas costeiras.

Não é possível fazer-se um cálculo quanto ao número de aves mortas, pois que a maioria vai morrer longe da costa. As aves ainda com poucas penas são talvez as mais afortunadas, pois que as que já são capazes de se tentar limpar por si mergulhando nas águas engolem o óleo e morrem lenta e dolorosamente.

Uma ave marinha coberta de óleo constitui prova trágica e evidente da poluição oceânica. Nas mesmas águas existem outras formas de poluição menos óbvia, mas possívelmente mais grave devido à existência de bifenil com elevada percentagem de cloro e vários insecticidas; o mercúrio metilo é outra realidade nas águas. Os peixes absorvem-no e o facto já chegou a causar vítimas humanas.

O corpo negro e brilhante de uma ave morta abandonada na praia é um aviso: lembra a toda a humanidade a própria capacidade de destruir irreparávelmente as águas bravias e agitadas do oceano.

A alvura dos gansos-patolas recortando-se no azul do céu

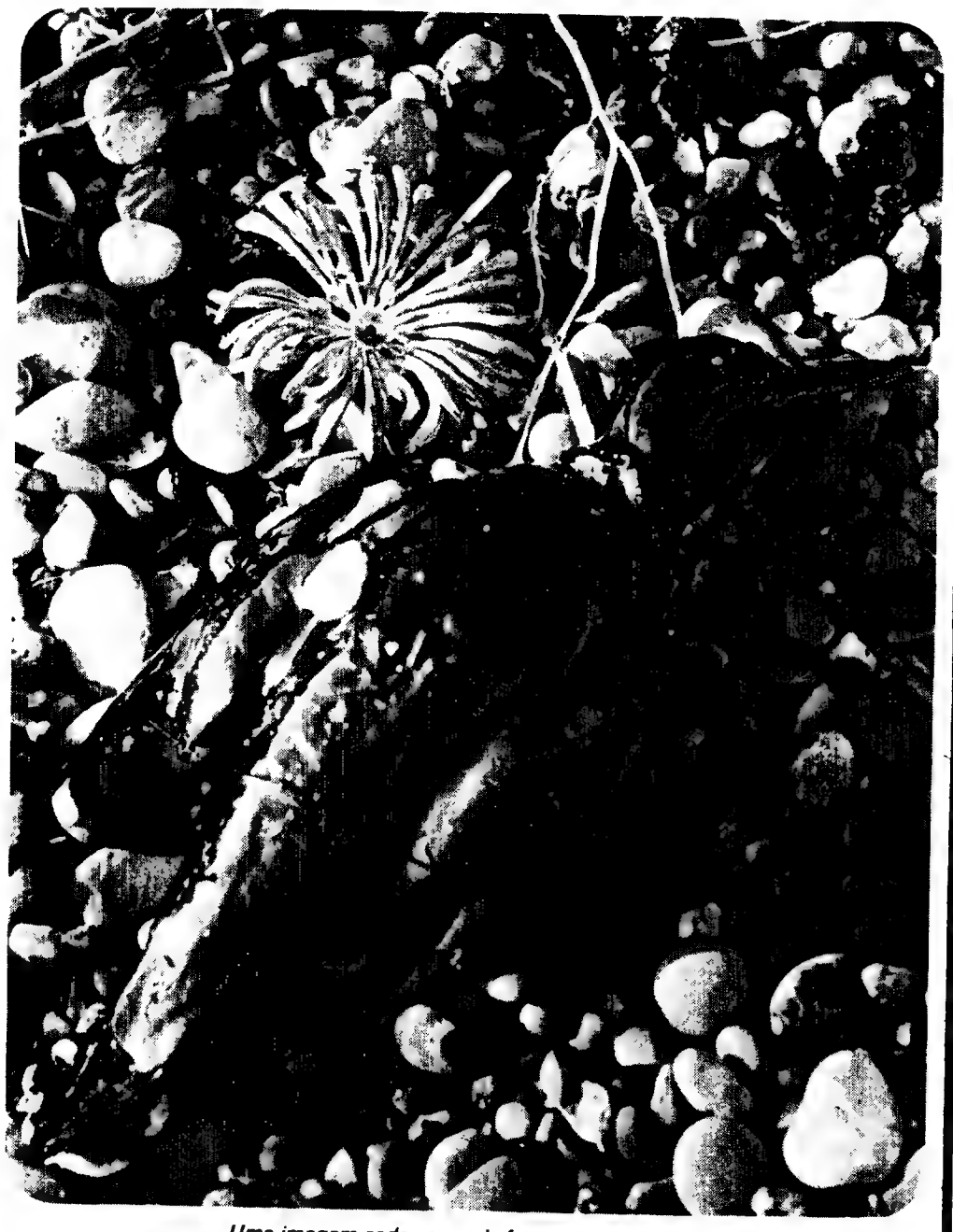
As aves que engolem o óleo morrem lenta e dolorosamente

JÓIAS ANTIGAS
E MODERNAS
Compramos pelo mais alto preço.
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

EXCLUSIVO
CAMERA PRESS/ADS / DL

ECOLOGIA

AS ÁGUAS DO OCEANO TE LENTA MARINHAS



Uma imagem cada vez mais frequente nas praias

Gaivotas fotografadas num vôo sem esforço. A morte espreita-as.

DL/DOMINICAL ESPECTÁCULOS

Bardot reencontra Vadim

Dezassete anos depois de «Et Dieu Crea la Femme», que fez de Brigitte Bardot a mundialmente conhecida (e solicitada) B.B., a famosa actriz francesa reencontra Roger Vadim. E não se julgue que alguma coisa foi feita no ar. Nada disso. Vadim z Bardot tiveram vários encontros em que a questão do reaparecimento de ambos, num mesmo filme, foi discutida até ao mais infimo pormenor.

Agora está decidido: Brigitte Bardot vai ser a principal figura feminina de «Don Juan», um filme que Vadim vai dirigir. O

Contar os anos?

Muitas coisas em comum entre ambos.

Fotos de
LEONARD DE RAEMY GAMMA
/ DIAS DA SILVA/DL

mais engraçado de tudo é que B.B. vai ser um Don Juan... feminino! Ela desempenhará o papel de sedutora o que, convenhamos, não está muito longe dos papéis que tem desempenhado até agora...

Os trabalhos relativos ao filme iniciaram-se já. No dia 26 de Julho, há poucos dias, portanto, Maurice Ronet, outra figura importante do filme, começou a interpretar algumas cenas com a bela actriz francesa.

De notar, entretanto, que Jean-Claude Brialy classificava a Bardot, ainda há uma semana, como uma mulher cheia de encantos, o mais das vezes mal julgada por quem a vê apenas como um símbolo sexual. Ela é, segundo Brialy, uma mulher de coração forte, com uma enorme força de vontade e um valor inestimável. Será que se prepara um regresso «em grande» para a B.B.?

Ao lado dela está a jovem (e tremendamente popular) Jane Birkin e, ainda, Jacques Zannetti. Quanto às fotos que publicamos, dizem respeito às primeiras cenas deste «Don Juan» que começa a dar (muito!) que falar. Trata-se de uma sequência que retrata um concurso de tiro ao arco, no qual Ronet arrebata o primeiro prémio e, por isso, receberá calorosas felicitações da B.B. Tudo começa aqui. Quanto ao resto, em breve voltaremos ao assunto.

Uma cena de «Don Juan»

Vadin dá indicações a Ronet e a Bardot num intervalo de filmagens.

Martha pode arruinar Nixon

Continuação da pag. 13

para mim, não tenho possibilidades de suportar todas aquelas torpes coisas que sucedem... A campanha eleitoral é como um jogo de polícias e ladrões, e quero tentar tirar daí meu marido. Não há nenhuma razão para que, uma vez que deixou o seu lugar de ministro de Justiça, continue ainda envolvido na política. «Quero apenas que meu marido volte para mim...».

No dia seguinte a este telefonema, cujo texto vinha relatado na primeira página do **Daily News** e do **Washington Post**, e enquanto John Mitchell corria à Casa Branca chamado por Nixon, o FBI intervinha com mais suave eficiência. A sala 543 do Westchester Country Club, aonde Martha estava refugiada foi esvasiada (os jornalistas encontraram ali apenas uma patética peruca e um par de **collants** abandonados na fúria da apressada mudança); a senhora Mitchell tinha sido levada, sob vigilância, para o oitavo piso, para um apartamento em que o telefone havia sido cortado, e John Mitchell chegou entretanto. Ficaram sós, a falar um dia inteiro: na manhã seguinte, dirigiram-se, num automóvel negro, para um pequeno aeroporto particular e, depois, um helicóptero transportou-os para destino desconhecido.

O silêncio durou dois dias. Os jornais, facto muitíssimo estranho para um país como a América, durante dois dias não publicaram uma só linha sobre o acontecimento. No terceiro dia, alguém falou de visitas médicas, de uma viagem de reconciliação. No quarto dia, na calma vagamente metafísica do Sábado de Washington, cidade-ministério que, para o **week-end**, se esvazia de cem mil burocratas e de cem mil secretárias, a notícia oficial: com uma carta dirigida ao presidente Nixon, John Mitchell renunciava à direcção da campanha eleitoral **«para dedicar mais tempo à mulher e à família»**.

Martha tinha vencido. O presidente Nixon, numa carta de resposta muito humana, declarava-se ciente e grato pelos **«sacrifícios pessoais e financeiros»** consumados pela família Mitchell e apreciava **«tudo quanto, tanto John como Martha, fizeram no interesse da nação»**. Assim, num calmo tom burguês, a razão de Estado foi derrotada pela língua de uma mulher. Mas o famoso telefone azul, não satisfeito de ter derrotado também o FBI, voltou a tocar. Martha, do quarto de banho, fez ainda uma última chamada para Helen Thomas. **«Venci»**, disse, **«mas continuo a ser um preso político»**.

DESPORTOS — DL/DOMINICAL

De casa trouxeram bandeiras para a festa que saltava de seus corações

Sete dias em parada

A semana foi pródiga em acasos. Desde o cerrar do pano sobre uns Jogos Luso-Brasileiros que não tiveram a mais pequena amplitude desportiva até à quase guerra desencadeada em torno de um mero e simples campeonato de hóquei (modalidade, custe o que custe, sem repercussão para além da Ibéria) houve de tudo. E, neste global âmbito, momentos de ternura e instantes de puro gozo. Quais sejam e ao dispor da catalogação do leitor:

O seleccionador nacional do hóquei patinado (Guilhermino Rodrigues) não sabia que os golos pró ou contra pesavam na balança dos torneios para esgrima de cristas.

O dirigente belenense Nuno Loureiro admite que, por parte dos técnicos Scopelli e Peres Bandeira, **«houve contradição na distribuição das pedras «azuis» que perderam perante o Sporting, em Sá da Bandeira.**

Depois de tudo o que se disse do rapaz (alto e em bom som, para associado do «leão» escutar) Dinis foi considerado «salvador da Pátria»: e rumou a Africa entre o carinhoso adeus de boa parte dos dirigentes de Alvalade. A outra metade esperava-o, de braços abertos, em terras angolanas.

Em seguida à derrota ante o Vitória de Setúbal, o técnico inglês Ronnie Allen afirmou, com revolta: **«Se jogássemos de encarnado, o árbitro marcava um «penalty» a nosso favor».** E o dirigente verde Romeu Branco, ao referir-se ao caro «ponta-de-lança» do seu clube, garantiu: **«Até ao momento, Hector Yazalde não teve um técnico à sua altura».**

Pertinho de nós, em Barcelona, Cassius Clay também não está com meias conversas: **«Joe Frazier morrerá às minhas mãos e eu serei presidente dos Estados Unidos da América».**

Para não lhe ficar atrás, outro «cow-boy» faz o seu «show»: com hábil guerra de nervos, Fischer cilindra o russo Spassky e marcha, impávido e sereno, para o título mundial de xadrez.

Cá pela loja, as «barracas» previstas. Fraguito pertence ao Sporting ou ao Belenenses? Alhinho vem ou não vem para Alvalade? A Académica tem mesmo direito a receber dinheiro quando os seus futebolistas, em face da baixa de divisão, procuram outros horizontes onde podem cobrar melhores proventos? E, a propósito: Peres não quererá ir estudar para lá mais um ano? Ou as coisas com o Sporting sempre se arrumam?

O fim da macacada, meus amigos. Um longo e triste roteiro que não trava no seu incessante cavalgar para o aborrecimento, para o tédio, para a quase vergonha com que muita gente já se refere ao Desporto que lateja neste encantador pedacinho de terra a espreguiçar-se no mar poluído que lhe banha as costas.

De tudo um pouco: «técnicos» que não conhecem as leis das modalidades desportivas em que funcionam como figuras importantes.

Dirigentes abelhudos e intrometidos, que em lugar de se preocuparem com os sectores em que talvez percebam alguma coisinha, se imiscuem em negócios para que não demonstram a menor capacidade julgadora. Pessoas de nome rutilante a não terem o menor pejo de virarem casacas consoante a mudança de clima. Sujeitos que, mal chegados ao lar acolhedor que lhes estende umas libras, logo se colocam em bicos de pés para beliscarem outras latitudes e, quem sabe, apagarem perante os seus patrões a má impressão de um desaire. Fanfarrões que, à sombra de uma bandeira, brincam com coisas sérias: e palhaços que estão perfeitamente a carácter com o povo que lhes deu o ser. E, no meio desta salgalhada toda, rapazinhos espertos que descem do berço para endrominar meio mundo. Cavalheiros de respeitável «curriculum» que, com seus «canudos», julgam poder dominar qualquer consciência. Toda a gente a beliscar (afinal) uma coisa chamada Desporto: que, digam o que disserem, é hoje, mais do que nunca, arma de bandeiras, embaixada de ideias políticos, «abre-te Sésamo» de incompetentes e poiso regalado de meia dúzia de endinheirados.

Deus nosso senhor lhe coloque a sua virtude, pois então. E faça com que não se continue a iludir o bom e feliz povo que teima em abster-se de catalogar como mau espectáculo o deficiente desporto que lhe servem em bandejas de todas as cores e apresentações. De dois males, o menor: antes continuar na apagada e vil tristeza que durante anos a fio campeou pelo burgo, que tentar (de um só pulo) à força dar nas vistas. Quem mais alto salta, mais baixo vem tombar. E o conselho dá para todos: no cacharolete, podem amalgamar-se arrivistas e pretensiosos, vaidosos e arrogantes, ricos de dinheiro e pobres de espírito. Depende de como o leitor os julgar.

Pois... nunca esperei!

Por LÍDIA FARIA

RECORDISTA INTERNACIONAL DE ATLETISMO

Entre nós, pelo que dizem, estamos na hora das decisões. Na hora de arrancarmos, dizem outros. Perdemos o combóio: haverá outro? — interroga-se uma maioria. E eu pergunto: no próximo combóio cabem todos ou só terá lugar a ilusão?

Como optimista (que sou) acredito que desta vez teremos lugar no combóio que se aproxima e que, até talvez seja verde (esperança) a sua côr. Não há dúvida: já se ouve o seu apito. Agora, para que a viagem seja rápida e segura, há que ter confiança no «maquinsita»...

Vai em três meses que retomei a minha actividade, com alguns apontamentos sobre Desporto nas colunas do «Diário de Lisboa». Pois nunca esperei, em tão curto espaço de tempo, tamanhas surpresas! Formação e estágios para monitores, treinadores e professores de educação física, por exemplo. Esta arrancada, que considero de grande vulto, é para mim a grande e alegre surpresa que responde às minhas sugestões, reparos ou críticas. Como lhe queiram chamar, pois isso pouco me importa, já que a minha colaboração, que tento sempre bem definir é, exclusivamente, em proveito do nosso Desporto.

Temos, assim, atendidas sugestões que fiz por me parecerem viáveis e económicas. Que é como quem diz: ao nosso alcance.

Se (por acaso) fui ao encontro do programa da entidade responsável, ainda bem: isso prova que estou dentro da razão e que o meu ponto de vista não é diferente do que pertence a quem manda. Pena (tenho) que esse ponto de vista não seja comum à maioria. Infelizmente, na luta do Desporto misturam-se por todos os lados outras lutas: as dos interesses pessoais de cada um, são (até) as que muitas vezes prevalecem...

Monitores: a formação de monitores (em larga escala e para diversos desportos) é o que considero verdadeiro primeiro passo para a expansão das várias modalidades desportivas. Regulada a sua actividade (que solicitei) aqui estes agentes do ensino poderão, com a sua acção e entusiasmo dar corpo e consciência a uma educação quase inexistente nos quatro cantos do nosso território.

A estes monitores (a trabalharem com deficiências de toda a ordem) será necessário reconhecer-lhes, com a brevidade possível, a importância do seu trabalho. Há , por isso, que amparà-los nos difíceis primeiros passos e elimar algumas insuficiências que, em análise inicial, serão materiais: em meu entender, o seu entusiasmo pode superar grande parte das outras carências que imaginamos.

A Direcção-Geral dos Desportos, entidade responsável por todo este movimento de renovação, pôs já à disposição de algumas federações os seus centros de estágio e ensino. Cursos de monitores para professores primários foram o primeiro impulso. Outros (para atletismo) iniciaram também a sua actividade. Espera-se que a natação e o andebol, modalidades activas e úteis, lhe sigam na peugada.

Aperfeiçoamento: também aqui tive já oportunidade de manifestar a minha discordância em relação ao estágio de atletas além-fronteiras. O meu acordo vai direitinho para as medidas agora tomadas: o aperfeiçoamento de técnicos em vários centros especializados. Assim, está bem! E penso que toda a gente estará comigo. Mas, continuo a concordar com os estágios (no estrangeiro) quando eles forem justificados. Porém, onde estão atletas capazes de discutirem uma competição em qualquer parte do mundo? Esses (os fora-de-série), nesta hora de verdade desportivas, parece-me não existirem por cá. Todavia, podem nascer! Para isso é que devem ser lançadas as primeiras sementes.

Em vários centros da Europa, dos mais qualificados, estagiam agora alguns dos nossos melhores técnicos desportivos: virão (com certeza) com mais «bagagem» e melhor actualizados. Entretanto, até nós, virá um americano perito de bola no cesto. Destes estágios ou visitas de trabalho (que espero não serem tomados por passeios turísticos) há muito que esperar.

TREINADORES: acompanhando o movimento da nossa «revolução» os treinadores de ginástica desportiva, (alguns, senão a grande parte, a viverem na ilegalidade, o que também já aqui frisei, pedindo a normalização do seu caso) vão ter, próximamente, as suas aspirações satisfeitas, fala-se em um estágio no INEF e o «canudo» tranquilizante óptimo. Está de parabéns o Desporto em Portugal: e todos nós, muito particularmente os seus responsáveis. Nem tudo estará remediado, mas o panorama deste Verão é tão aliciante, que o passado (esse) quase está esquecido. Por insignificante, compreenda-se...

ASSISTENTES

Aceitam-se candidaturas para lugares de Assistente de Análise Matemática em Estabelecimento de ensino Universitário. Resposta com «curriculum vitae» (incluindo classificação final do curso e notas nas disciplinas de Matemática) a este Jornal, ao n.º **608.**

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

FÁBRICA MOSAICOS

VENDE-SE

ALTO DAMAIA — DAMAIA

TELEF. 97 23 80

COM TODO O RECHEIO

CONSTRUÇÃO E TERRENO

VER NO LOCAL

TRATAR TELEF. 53 95 10/8/9

Almada Negreiros

EXTERNATO

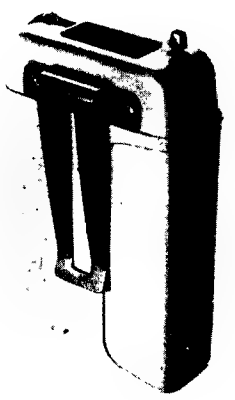
AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48-1.º

TELEFS. 53 83 08 - 53 83 49

CICLO PREPARATÓRIO, LICEAL

INSTITUTOS

Junto ao Teatro Monumental



MODELO 707

SURDOS

CASA SONOTONE

Acaba de chegar nova remessa de aparelhos 707, que estavam esgotados, ao preço de 2.500$00 para as classes menos abastadas. Não hesitem! Vão já fazer um exame, que é gratuito, e uma demonstração sem qualquer compromisso. Também facilitamos o pagamento e trocamos os nossos aparelhos desactualizados, de qualquer marca, mesmo que não sejam da nossa casa. Temos tudo o que há de melhor para corrigir a surdez, pilhas de todas as voltagens, assistência técnica permanente, tanto em Lisboa como na Província. Pedimos uma visita, pela qual ficaremos muito reconhecidos.

EM LISBOA, Poço do Borratém, 33, s/1. — Telef. 86 83 52

NO PORTO, Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 02-3 56 02

EM LUANDA, Rua António Enes, 42-2.º — Apart. 26

DL/DOMINICAL

Mundial de ciclismo em estrada: sorte ou azar num jogo de lotaria

A modestíssima estância turística de Gap (a cerca de 50 quilómetros da conhecida Orcières-Merlette) é hoje o centro de atracção para o qual se concitam os olhos de todos os amantes da velocipedia. Porque ali, em cenário de maravilha, terminam os campeonatos mundiais de ciclismo, desta vez repartidos por duas zonas francesas de características absolutamente diferentes. Foi em Marselha que se lutou pelos louros das diversas especialidades que compõem a modalidade de pista; em Gap estão, precisamente nesta altura, a fazer-se os esforços para conseguir o título de «o melhor estradista mundial de 1972».

E em Gap estão os ciclistas portugueses. A quem não se pode, em boa verdade, exigir que batam os Godfroots, os Petterson e ainda muitos outros grandes do ciclismo mundial, de entre os quais sobressai essa grande figura da actualidade que se chama Eddy Merckx. E não se pode exigir-lhes tal por uma razão absolutamente simples: é que o ciclismo português está confinado a uma zona limitada na qual «moram» apenas meia dúzia de nomes. Que nem são (até) alguns dos que neste preciso momento tentam naquela terra dos altos Alpes franceses «a melhor classificação possível». Ali estão, de circunstância, corredores que deram umas quantas indicações nas últimas provas indígenas. Aqui ficaram, mercê de imponderáveis que a todos acontecem, outros que muito melhor conta poderiam dar de si...

De qualquer forma, uns e outros sofrendo da situação inconforme em que vive o ciclismo lusíada. Na verdade, mandou-se para França o melhor lote de corredores do momento: Joaquim Leite, Leonel Miranda, Firmino Bernardino, José Martins e António Guedes. A estes juntou-se, e como não podia deixar de ser, Joaquim Agostinho, campeão de Portugal. O único que, em boa verdade, pode ombrear com os outros grandes nomes presentes em Gap. E porque? Não só pela sua real categoria como ainda pelo facto de o «rei de Brejenjas» ter nas pernas o número de quilómetros suficientes para poder discutir o título de «o maior da estrada». O que não acontece com qualquer dos outros seus colegas da representação portuguesa.

Em boa verdade, quantas provas se fazem anualmente entre nós com o fito de um apuramento para qualquer corrida de carácter internacional? Se deitarmos os olhos para o calendário federativo, somos obrigados a constatar que há uma tentativa de certo modo válida no sentido de corresponder às exigências do ciclismo lusitano. Mas, parece que o ciclismo, à semelhança do que também acontece por outros países, vai perdendo incidência no que diz respeito ao patrocínio por parte de firmas comerciais. Assim, sem provas a carácter, os nossos ciclistas outra coisa não fazem a não ser treinos e mais treinos: e, uma vez por outra, uns tantos quilómetros mais «puxados», porque há um prémio um tudo nada mais substancial.

Ora, pois: por muito que nos doa a circunstância, não é de admirar que precisamente nesta altura tenhamos conhecimento de que um ou mais dos ciclistas nossos representativos tenham abandonado a competição ou estejam até muito longe de poder alcançar o tal «melhor lugar possível» que é já lugar-comum na gama dos nossos desejos. Só que nos resta uma consolação: a de sabermos que entre todos esses grandes «ases» do ciclismo se encontra outro grande em quem corre sangue português. Precisamente Joaquim Agostinho: a quem, mercê dos seus atributos reconhecidos, acabamos por pedir muito mais do que é natural. O campeão português é enorme, não haja dúvida. Mas Eddy Merckx é por todos apontado como o maior e o grande favorito da prova. Muito capaz de repetir o seu êxito de Mendrísio, no ano passado. Porém ainda estarão em prova um Gimondi, um Bitossi, um Roger de Vlaeminck, os irmãos suecos Petterson. Que são muitos contra Agostinho. E este, terá nos seus companheiros a ajuda de que necessita para se alcandorar a um dos lugares cimeiros?

Não pode esquecer-se que as características da prova não comportam uma protecção de conjunto, na medida que o apuramento se refere a um indivíduo e não a uma equipa. E não pode ainda olvidar-se que, ao longo das 18 voltas de um percurso de 15 quilómetros, muito pode acontecer. Porque não são só os grandes nomes do ciclismo a poderem chamar a si a vitória final. Se atentarmos na lista dos campeões, desde que pela primeira vez (em 1927) o campeonato se realizou, logo somos obrigados a verificar que apenas três vezes o nome dos maiores da altura conseguiram vencer. Em todas as outras edições sucedeu que no primeiro lugar ficaram ilustríssimos desconhecidos...

Pois, embora não o acreditemos, pode muito bem acontecer que um português se aproveite de uma circunstância favorável e venha a conseguir um óptimo lugar final. Só que temos nos olhos quanto se passou em anos transactos: e isso é razão de sobejo para a nossa descrença em tal felicidade.

Para comprovar a nossa ideia, aqui deixamos um ligeiro apontamento do que foi a participação portuguesa desde que aderiu aos «mundiais» (e que o leitor tire dele as conclusões que entender). A primeira presença foi em 1965. A melhor classificação pertenceu ao sportinguista João Roque, que obteve o 30.º lugar. Os outros classificaram-se pela ordem seguinte: Leonel Miranda (47.º0, Joaquim Leão (49.º) e Peixoto Alves (56.º). O outro corredor foi Mário Silva, que desistiu.

O ano seguinte foi de completo descalabro. Os nossos «enviados especiais» foram Leonel Miranda, Peixoto Alves, Mário Silva, José Azevedo e Sérgio Páscoa. Todos desistiram.

Talvez por esta razão, 1967 foi ano para jejum. Mas, voltámos à carga no ano seguinte, com Joaquim Agostinho, Mário Silva, Américo Silva, Leonel Miranda e Fernando Mendes. E aconteceu que o único português a classificar-se (em Imola) foi Joaquim Agostinho, que obteve o 16.º lugar.

Decorreu em Zolder a edição de 1969. As classificações dos portugueses foram: Agostinho (15.º), Mendes (18.º), Roque (22.º) e António Graça (52.º 6. Leonel Miranda e Mário Silva foram desclassificados.

Em 1970, apresentámos Joaquim Moreira, José Pereira, Joaquim Leite, José Azevedo, José Luís Pacheco e Firmino Bernardino. Firmino foi 41.º, Azevedo ficou em 60.º e, na 67.ª posição, quedou-se Pacheco. Os outros desistiram.

E, no ano passado, o que aconteceu a Joaquim Agostinho, João Pinhal, Venceslau Fernandes, José Luís Pacheco, Vítor Rocha, Fernando Mendes e José Madeira? Bom: nem vale a pena recordar. Mas, talvez mereça a pergunta: justificar-se-á, dentro dos moldes como se trabalha entre nós, gastar dinheiro com a presença de portugueses nos «Mundiais»? Que, ao menos, a «passeata» poderia servir como prémio de quanto de bom se fizesse entre nós. Mas, nem isso...

À hora em que o leitor se debruça sobre este nosso escrito somos inteiramente alheios a quanto se está a passar lá em Gap. E até pode ser que a actuação dos ciclistas portugueses seja de molde a que nos obriguem a confessar um «mea culpa». Todavia mesmo que tal acabe por acontecer, não deixamos de confessar que somos apologista da não repetição destas deslocações. E, para terminar, servimo-nos de palavras alheias que estão absolutamente conformes com a nossa forma de pensar. Ei-las:

«Temos actualmente um bom lote de corredores para competir no estrangeiro, mas não em provas onde se apresentem os melhores do Mundo».

«Deveríamos concorrer a provas internacionais de carácter modesto, onde os nossos corredores ganhassem conhecimentos com vista a participação futura em outras de maior dimensão».

Isto disseram outros. Mas, nós ajuizaremos ainda mais, em relação ao apuramento dos campeões mundiais. E que não acreditamos que seja em qualquer prova de 100, 200 ou 500 quilómetros que um ciclista pode demonstrar ser ele o melhor na sua especialidade. Seria bastante mais válido, à semelhança do que, por exemplo, se faz no automobilismo, a atribuição de pontos por competição: e, da soma deles, nasceria o campeão. E admiro-me que, numa época de contestação como a que atravessamos, ainda existe que vá em «cantigas»...

JESUS DA CUNHA

CAMPEÕES DE MARSELHA JÁ SÃO CONHECIDOS

Marselha foi a primeira etapa desta edição dos «Mundiais» de ciclismo. Na pista do velódromo local houve competições para todos os gostos. Mas, para já, a organização terá que tomar em atenção o assunto, por forma a que não venha a sofrer prejuízos. Marselha não ligou importância ao que se passou no seu velódromo e Gap não tem condições para que ali se realize qualquer prova de envergadura.

Porém, a edição de Marselha terminou. E aqui se registam os resultados:

Meio-fundo para amadores: O vencedor foi Horst Gnas, da República Federal Alemã, que cobriu os 50 quilómetros do percurso em 41 m. 10,1 s., à média de 72,856 quilómetros.

Velocidade: Na corrida de senhoras o triunfo pertenceu à russa Galina Ermolaeva, que fez 13,3 segundos em 200 metros; na categoria de profissionais, o campeão foi Robert Van Lancker (da Bélgica), com o tempo de 11,8 s.

Perseguição para profissionais: o inglês Ugh Porter conquistou o t tulo pela terceira vez, cobrindo o percurso em 6 m. 18s.

Meio-fundo para profissionais: Foi para o belga Theo Verschuren o título maior, que confirma assim a vitória do ano anterior.

No que diz respeito à atribuição das medalhas de ouro, a Rússia e a Bélgica tiveram o melhor quinhão, conquistando duas; a Alemanha e a Inglaterra obtiveram uma. Quanto às de prata, à Holanda pertenceram três e a Bélgica e Áustria tiveram uma . As medalhas de bronze foram para a Bélgica, UR.S.S., Alemanha, Holanda e Itália.

MERCKX: A figura maior

Nas 31 edições do «mundial» de estrada, a história regista nomes do maior prestigio na velocipedia. Veja-se a lista dos dois primeiros classificados nas várias provas, referenciando-se o ano e o local em que decorreram os campeonatos:

ANO	LOCAL	VENCEDOR	2.º LUGAR
1927	Nuremgerg	Binda (Itália)	Girardengo
1935	Floseffe	Aerts (Bélgica)	Motero
1936	Berna	Magne (França)	Bini
1937	Copenhaga	Meulenberg (Bélgica)	Kijewski
1938	Valkenburg	Kint (Bélgica)	Egli
1946	Zurich	Knecht (Suíça)	Kint
1947	Reims	Middelkama (Holan.)	Serou
1948	Valkenburg	Schotte (Bélgica)	Lazarides
1949	Copenhaga	Van Steenbergen (B.)	Kübler
1950	Moorslede	Schotte (Bélgica)	Middelkama
1951	Varèse	Kübler (Suíça)	Magni
1952	Luxemburgo	Müller (Alemanha)	Wellenmann
1953	Lugano	Coppi (Itália)	G. Derijcke
1954	Solingen	Bobet (França)	F. Saher
1955	Frascati	Ockers (Bélgica)	J. Schmitz
1956	Copenhaga	Van Steenbergen (B.)	Van Looy
1957	Waregen	Van Steenbergen (B.)	L. Bobet
1958	Reims	Baldini (Itália)	L. Bobet
1959	Zandvoort	Darrigade (França)	Gimondi
1960	Hohenstein	Van Looy (Bélgica)	Darrigade
1961	Berna	Van Looy (Bélgica)	Defilipis
1962	Salo	Stablinsk (França)	Elliot
1963	Renaiz	Beheyt (Bélgica)	Van Looy
1964	Salanches	Jansen (Holanda)	Adorni
1965	S. Sebastian	Simpson. (Inglaterra)	Altig
1966	Nürburgring	R. Altig (Alem. Oc.)	Anquetil
1967	Heerlan	E. Merckx (Bélgica)	Jansen
1968	Imola	V. Adorni (Itália)	V. Springel
1969	Zolder	Ottembros (Holanda)	Stevens
1970	Leicester	Monséré (Bélgica)	Mortensen
1971	Mendrisio	E. Merckx (Bélgica)	Gimondi

DL/ DESPORTOS

FUTEBOL: O "INTERCONTINENTAL"

ÁFRICA É TUBO DE ENSAIO PARA QUATRO DOS "GRANDES"

Às 15 horas de hoje, em Lourenço Marques (Sporting-C. do Porto) e às 15 e 45 em Luanda (Vitória de Setúbal-Belenenses), travam-se os embates finais do «Torneio Intercontinental», em que quatro equipas metropolitanas buscam escudos e rodagem para uma época que se antevê emotiva.

A frente da classificação está o Futebol Clube do Porto (com três pontos) seguido do Vitória e Sporting (com dois) e do Belenenses. Logo, os portistas levam

José Carlos: com o pé esquerdo

vantagem: mas, basta ao Sporting e ao Vitória de Setúbal ganharem os seus jogos para, de imediato, haver necessidade de uma «finalíssima» em Luanda, entre estas duas equipas.

O Belenenses já não tem hipóteses (um ponto apenas) e o F.C. do Porto, se empatar, pode igualmente ser obrigado à «finalíssima» caso intrícado, portanto.

Segundo o regulamento, acabando duas equipas em primeiro lugar com igual número de pontos temos ainda novo jogo, na quarta-feira em Luanda. Se forem três, o desempate é por «goal-average». Só que, neste momento, a última possibilidade está afastada: e, ou se ganha sem mais problemas ou o regresso à Metrópole fica adiado por mais uns dias, até se definir (no novo embate) quem traz a Taça TAP.

Claro que, nestas circunstâncias, ganhar ou perder, trazer ou não o troféu, é secundaríssimo. São apenas dados e factos para atraír os adeptos: porque, o que interessa é o dinheirinho com que se compram melões. No caso: se pagam contratos com futebolistas e se recrutam as possíveis futuras vedetas do futebol indígena.

E, conta também a rodagem que os técnicos vão imprimindo às suas formações para que, ao surgir a nova época, tudo esteja o mais afinado possível. Neste aspecto, muitos pontos podem ser já focados, atendendo às formações apresentadas pelas quatro equipas e aos esquemas tácticas empregados nos dois jogos de cada qual.

JOSÉ CARLOS E HILÁRIO AFASTAM-SE DO GALARIM

Comecemos pelo Sporting: a equipa onde vai haver mais mexidas na próxima temporada, já que o Belenenses vem modificando o «team» desde os derradeiros jogos da época transacta.

Temos, assim, que Ronnie Allen parece decidido a acabar de vez com a carreira de José Carlos a defesa-central e a retirar, um pouco mais lentamente, o veterano Hilário da formação onde foi durante anos e anos e figura mais regular. Para tanto, Bastos afectua já a sua terceira partida seguida, ao lado do jovem Laranjeira, este de pedra e cal na equipa. E, aliás, um problema, este lugar de apoio a Laranjeira. Alhinho era o homem escolhido para a função: mas não se aguardava a reacção da Académica, decidida a tirar proveito da transferência do cabo-verdeano. O Sporting, neste momento, hesita. Ou paga o que os «capas negras» pretendem ou vê redundar em fracasso um negócio que se mostrava extremamente vantajoso.

Não arregimentando Alhinho, as coisas mudam logo de figura. Até Caló, que já fora dispensado, pode regressar ao pátrio lar, em Alvalade. Já repararam que Bastos cumpre o seu serviço militar e Laranjeira em breve será chamado para a recruta? Quem resta para Allen treinar com efectividade? Caló ainda pode ser, como tantas vezes na sua carreira, o salvador da «**pátria,**» após lhe haverem dito (uma vez mais) que não servia nem para varrer a área.

José Carlos foi experimentado a médio de ataque e não agradou. O lugar não lhe era desconhecido: mas, para aquela função, há gente de sobra no solar «verde,» a começar em (Tomé e Manaca, para acabar em Vagner e Gonçalves, já não falando de Peres que tem ,» forçosamente», de renovar o seu contrato. Senão, o Sporting perde hipóteses na luta pelo título.

Quanto a Hilário e a Pedro Gomes já as coisas se complicam. Carlos Pereira caíu no goto de Allen: mas Hilário não desarma. Jogou contra o Vitória de Setúbal: e, uma vez mais, cumpriu como é seu hábito. Pedro Gomes aplica-se com tal vontade que nem ousam tirá-lo da linha. E homem para garantir a permanência entre os melhores.

Que outras novidades há nos «verdes»? Vagner ainda não alinha na rotina do treinamento. Primeiro, uma lesão; depois, a gripe.

Dani está igualmente doente e Peres ficou em casa a gozar férias e a jogar com cifrões.

Em contrapartida, surge Tomé em grande plano, a escapar-se pela direita e a ensaiar um estilo que, ou muito nos enganamos, ou vai ser típico do Sporting-73: Chico a infiltrar-se para a área em apoio a Yazalde e Tomé a fugir para a extrema-direita, balanceando a defesa para esse lado e abrindo espaços no centro da área.

Nelson continua igual a si próprio, Yazalde procura o ritmo e Nando vai jogando aos poucos, não explodindo, ainda, para o lançamento que muitos vaticinavam já para este ano. Nós próprios assim o previramos. Dinis não tem discussão. O lugar é dele. Assim como Damas (que cura uma rotura muscular contraida na América) está implantado com solidez.

No regresso do Ultramar, com todos os jogadores operacionais (incluindo Fraguito) talvez já com Peres, Chico, João Machado e Espirito Santo, o Sporting pode acelarar, estugando o passo e vestindo um figurino agressivo, à «Allen». Sem esquecer que há o Porto na primeira jornada do Nacional, a 10 de Setembro: e o Benfica, logo um mês depois.

LEMOS, VALDEMAR, NÓBREGA E RICARDO

No Porto, também há alterações. Mais em processos que em nomes, embora surjam caras novas: e os mais habituados à titularidade se preparem para um ano como suplentes.

Vejamos: na rede, Rui continua. A não ser que Tibi, que não fez a viagem, queira revelar nas Antas, efectivamente, o talento que a espaços se lhe anteviu em Matosinhos.

Na defesa impunha-se uma total reformulação: e Riera, melhor que ninguém, tocou a parada e já voltou tudo do avesso. Tudo é uma forma de expressão que se aplica, sobretudo, ao esquema e ao distribuir de tarefas: porque, relacionando os nomes, não houve grande guerra. De quatro antigos, ficaram dois, saíram dois e entraram outros tantos para as vagas.

Valdemar e Leopoldo foram afastados da equipa, mantendo-se Rolando como pedra base e Gualter como lateral direito. Manhiça é o regressado. Lembram-se dele, como titular do Sporting «internacional», um tecnicista de primeira, que complicava as jogadas por sobranceria a mais, assim a modos de um Messias? Pois o «1,5» está de volta. Para ficar, com o baneplácito de Riera.

A sensação na defesa portista é um «tal» Guedes, ex-junior de quem se dizem maravilhas como lateral esquerdo de caracteristicas modernas. Isto é: mais extremo que defesa. E um nome fixar e um estilo a observar.

Sobram seis elementos na frente: e, se é certo que apenas dois são novos (Celso e Malagueta) os dois tercetos do miolo e da área estão perfeitamente transformados. Em vez de dois extremos (Seninho e Nóbrega, ou Ricardo ou Lemos) e um ponta-de-lança (Flávio), agora existem apenas um extremo (Malagueta) e dois pontas de lança(Abel e Flávio). Em vez do vai-vem de Abel ao meio-campo a transportar bolas para a grande área, o vai-vem de Celso, as escapadas de Oliveira para a direita, o apoio de Pavão pela esquerda. E Flávio sempre em ponto de bala.

Pedroto quer fazer de Duda uma vedeta

Até agora o sistema resoltou: contra o Vitória de Setúbal e contra o Belenenses. O empate cedido no segundo jogo, dizem as crónicas, deve-se apenas a uma certa cautela defensiva dos pupilos de Riera, que perderam a vantagem apenas no derradeiro minuto.

O Belenenses também virou a equipa do avesso, com a diferença que a mudança já vem de longe: e ainda há o Carlos Serafim a recuperar, possívelmente para função de influência no esquema de Scopelli. Na defesa, Freitas e Calado como base, e Murca e Pietra (ou Gomes) como laterais. Na frente, o indispensável Luis Carlos, o adaptado extremo Quinito e o paraguaio Gonzalez. Laurindo não aparece ainda em evidência. Quaresma e Ernesto, estão (já) como médios.

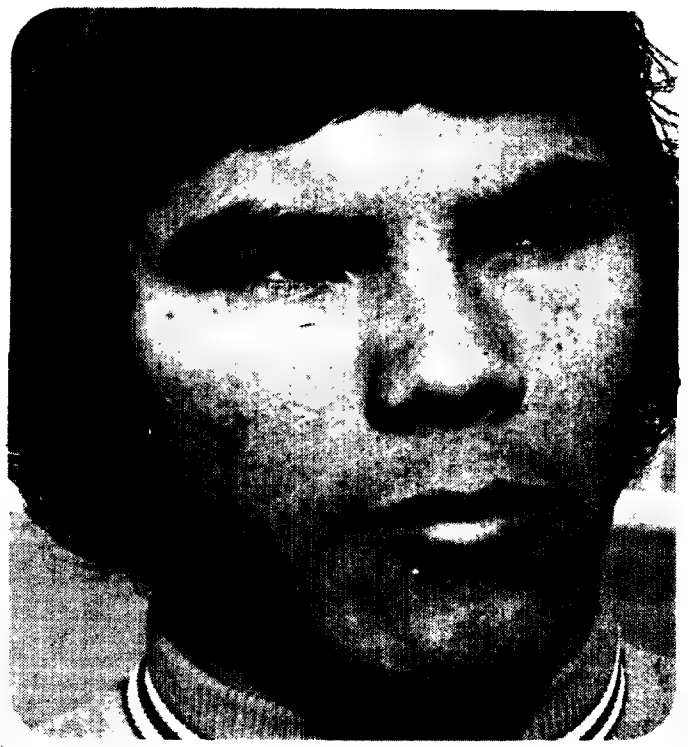
Para triunfarem ou fracassarem: mas já a suscitarem controvérsia, inclusivé junto dos directores que acompanham a equipa e que vão dando uma vez por outra uma «bicada» no que Scopelli pretende do onze asul

O Vitória é como Pedroto: de ideias sólidas e fundamentadas. Encontrado um padrão e um estilo de jogo, há apenas que lhe dar continuidade. Por aí não há dúvidas. E equipa para os lugares do topo.

A ver vamos, já neste torneio intercontinental, começado sob mau agoiro contra o F.C. do Porto mas com o balanço recuperado contra o Sporting.

Uma ultima informação: para o Porto-Sporting, na capital do Indico, prevê-se uma receita «record» de 1000 contos. O que até satisfaz o empresário. Ele, como os clubes, procuram fundamentalmente uma coisa: dinheiro. O Zé vai-lhe satisfazendo as necessidades.

DANIEL REIS



Gonzalez é que é bom (opinião de Scopelli)

Valdemar: o lugar foi para um júnior

A MULHER MAIS RÁPIDA DE PORTUGAL

Angélica Manaca é irmã de futebolista

Em Lisboa, passeou a sua classe de predestinada a mulher mais rápida de Portugal: Angéliva Manaca Dias, recordista nacional dos 100 metros e vencedora do hectómetro no encerramento dos Jogos Luso-Brasileiros.

Natural da Beira (Moçambique) Angélica só surge nas pistas metropolitanas em circunstâncias especiais: e, sempre para vencer. O resto da sua vida atlética decorre na Beira, longe dos grandes centros da modalidade, sem condições de treino e aprendizagem. E sem competição, o que constitui motivo de espanto quando se sabe que no atletismo (desporto do método, da disciplina de treino e do rigor científico na preparação) os casos de geração natural, se surgem, logo se perdem, em confronto com os mais bem treinados.

Na Beira, nunca tenho adversárias para me ajudarem a melhorar as marcas. As minhas provas são feitas em contra-relógio. Agora, nem sei se terei treinador, pois Fernanado Ferreira, que me orientava, veio para a Metrópole: e não há mais ninguém. Já assim aconteceu com Vilar Santos, o treinador que mais me ajudou e ensinou e com quem fiz as melhores marcas no Atletismo. Quando estava a progredir e a aproveitar os seus métodos de treino, tive de mudar. As únicas possibilidades de contactos e de progresso são as deslocações a Salisbúria, a convite da Rodésia. Estive lá há dois meses, num fim-de-semana: foi o que me valeu. Embora ficando em segundo lugar em todas as provas, fiz 12,3 nos 100 metros; 5,6 nos 200 e 5,20 m no salto em comprimento. Depois disso fui a Lourenço Marques tomar parte nos Jogos Luso-Brasileiros e vim para Lisboa. É tudo o que consta do meu calendário de provas: e, já foi um ano excepcional...

UMA FAMÍLIA DE DESPORTISTAS

O apelido Manaca já era conhecido dos desportistas metropolitanos, pois o actual jogador do Sporting deste nome é, exactamente, irmão da Angélica: e um dos 19 filhos do sr. António Manaca Dias. Anteriormente já havia jogado em Alvalade (transitando depois para o Sporting da Covilhã), um dos irmãos mais velhos, Belmiro de nome e igualmente Manaca de apelido, mas que não granjeou grande notoriedade. Desta feita, é a Angélica que atrai sobre a família as atenções dos desportistas da Metrópole. Em Moçambique e, principalmente, principalmente, na Beira, a família tem mais gente famosa no desporto: desde o Mário (que joga nos juniores do Sporting na Beira a família tem mais gente famosa no desporto: desde o Mário (que restante prole, quase toda praticante disto e daquilo.

O meu pai era empregado de escritório de uma firma inglesa e, como bom desportista, sempre nos incitou a praticar desporto. Agora que está reformado não abandonou essas ideias e continua a ajudar-nos. Só não quer que venhamos para a Metrópole apenas para fazer desporto e sem uma vida estável assegurada. Apenas se for para estudar: e, mesmo assim com muitas restrições. Por isso é que eu ainda não aceitei algum dos convites que vários clubes me fizeram.

Para que conste, damos nota da lista dos irmãos da Angélica, um ramalhete de 19 «flores que nasceram do mesmo pai em dois jardins diferentes», por vezes até em dias muito próximos uns dos outros. A mais nova é a Délia (de onze anos), a mais velha a Loreta (de 39). Pelo meio temos: António (15), Mário(17), Francisco e Angélica (ambos de 19 e de mães diferentes), Teresa (21), Helena e Joaquim (um casal de gémeos de 22 anos), Ari (23), Ivone (24), Carlos Alberto (o jogador do Sporting, também com 24), Lídia (25), Brígida e Tomásia (gémeas de 28), Bárbara (29), Belmiro (34), Gil (35) e Ermelinda (37).

Disse-nos a Angélica que as miúdas quase todas fizeram o 5.º ano e hoje estão empregadas. Os irmãos também trabalham ou estudam, pelo que é uma casa onde nunca faltou o pão. E, pelos vistos, em abundância: uma vez que, além de muitos, são fortes e fisiológicamente talhados para o desporto, como acontece com o Carlos Alberto, que foi a trave-mestra onde se apoiou o trabalho do Sporting na fase final do último campeonato, numa ingrata missão distribuida por Lino (E, em que o jogador chegava a perder três quilos por jogo...)

Sete dos irmãos já estão casados, e a Angélica nem namora (garantiu-o pelo menos) só pensa no atletismo.

SEIS ANOS DE ATLETISMO

A recordista nacional dos 100 metros nasceu a 22 de Agosto de 1952 e pratica Atletismo há seis. Na Metrópole, e como atleta, esteve já em três ocasiões. A primeira, em Março de 1970: para os jogos da FISEC com o tempo de 10,2 nos 100 metros e conquistando a medalha de prata no salto em comprimento, com 4,76 m.

No Verão seguinte (Julho de 70) regressou a Lisboa para os campeonatos nacionais e deslumbrou os técnicos e entendidos com os seus tempos e com a demonstração de possibilidades excepcionais para corridas de velocidade.

Foi a minha melhor temporada, apesar de ainda ser muito nova. Grande mérito pertenceu a Vilar Santos, que era o meu treinador. Foi nessa altura que bati o «record» nacional dos 200 metros com 25,4 (posteriormente, Helena Relvas baixá-lo-ia para 25 segundos certos) e dos 100 metros que ainda hoje é meu e se fixa nos 12 segundos exactos. Actualmente estou um bocadinho pior pois não treinei muito nem entrei em tantas provas quantas as necessárias e por isso só fiz 12,2 nos 100 e 25,8 nos 200 metros. É muito triste a gente querer progredir e ter de treinar sem mais ninguém a estimular-nos, na única pista da cidade da Beira, a do meu clube (o Ferroviário).

Quando recebeu o convite para vir a Lisboa, participar no encerramento dos Jogos Luso-Brasileiros, já calculava que venceria os 100 metros?

Eu já sabia, através dos jornais, que a Maria José Sobral não a conhecia pessoalmente)era uma atleta de alto nível. Fiquei satisfeita pelo convite pois encarei a prova como possibilidade de melhorar as minhas marcas: o que, em Moçambique, não era possível, neste momento. Não estava em forma, mas podia aproximar-me do meu melhor. Os desejos acabaram por se cumprir. Foi com a ajuda de Maria José que obtive um tempo tão bom. Dá-me a ideia que ela é mais corredora de 200 e 400 metros, pois tem uma passada forte: mas, não é muito veloz. Não tenho dúvidas que, se continuar com o mesmo **entusiasmo de agora, se transformará numa atleta extraordinária.**

Qual é o seu actual regime de treinos?

Normalmente, treino-me entre hora e meia e duas horas por dia, da parte da tarde, depois do emprego. Aos Sábados há provas: mas, para mim, são quase a mesma coisa que treinos, pois corro quase sempre sózinha. Até no sector masculino é difícil progredir, pois também costumam ser só um ou dois atletas por prova e não há treinadores, nem condições. Só com muita força de vontade não desistimos...

UMA VIDA DE TRABALHOS

Este fastidioso enumerar de factos e eventos desportivos não significa que a vida de Angélica Manaca Dias se resuma às horas passadas nas pistas, em treinos ou competições. Há coisas mais importantes: como sejam o aperfeiçoamento individual, a luta pela melhoria de condições de vida e tudo o mais que ocupa o tempo de uma moreninha simpática, numa cidade como a da Beira, numa zona quante como o litoral de Moçambique. Pelas palavras da própria, a descrição do que é o dia a dia da Angélica:

Trabalho no Banco Nacional Ultramarino, há cerca de seis meses. Deixei os estudos como actividade exclusiva quando andava no quarto ano. Agora, tenho de trabalhar e treinar: e, ainda vou estudando por minha conta, a ver se faço algumas cadeiras do quinto, no ano que vem. Desde que estive na Metrópole, há dois anos, a minha vida escolar tem sido muito atribulada. Primeiro, vim em época de exames e falhei o ano. Depois acimulei muitas faltas; e os professores estavam todos dispostos a «chumbar-me», pois não compreendiam que as faltas eram justificadas. Este ano(e com os Jogos Luso-Brasileiros) perdi a pouca vontade que tinha de ir a exame, pois com o trabalho pouco tempo me sobrava. Para o ano é que vou fazer um esforço extra, até para acabar o quinto ano e poder, finalmente, abalar para Lisboa e frequentar a Escola de Educação Física. Quero ser monitora, pois tenho jeito para ensinar e gosto muito de crianças. Nessa altura é que poderei pensar em correr num clube da Metrópole. Não peço muito: apenas um emprego onde ganhe o mesmo. Se for no Banco, tanto melhor.

Cinema e praia são os passatempos predilectos de Angélica: **«Lá, está sempre mais quente do que aqui, até ao Inverno»** informou-nos **«e por isso vamos mais vezes à praia, durante o ano».**

Está mais que visto: vai correr no Sporting logo que se instale na Metrópole...

Eu sou sportinguista, mas não será fácil... vou para onde me oferecerem melhores condições, me possibilitem estudar e, se necessário, trabalhar como em Moçambique.Porém, quando for a ocasião oportuna, veremos. Para já, os meus pais não me deixam sair de Moçambique sem garantias de uma boa colocação assegurada. E, para mim, talvez até seja um atraso razoável, não morar cá. Se há dois anos me tenho decidido a ficar talvez já estivesse na Escola de Educação Física.

A mulher mais rápida do país tem, 1,64 de altura e pesa 56 quilos. Bem constituída fisicamente, risonha e moreninha (como podem ver pelas fotos) é, também, agradàvelmente comunicativa. Daí a simpatia que goza nos meios atléticos. E a consideração que merece, pra além das suas qualidades de desportista verdadeiramente invulgares.

Diz-nos ainda sobre a sua forma actual:

Sinto bastante a falta de preparação de Inverno. É essencial para um atleta e eu este ano não a fiz. Por isso não posso estar em boa forma.

HELENA; KATHLEEN E OUTROS

Das outras atletas de Moçambique, conhecidas na Metrópole continua a informar-nos Angélica Manaca **só a Helena Relvas terá possibilidades de ainda reaparecer. Esteve muito doente, parou, e só agora está a recomeçar os treinos. Assistiu aos Jogos Luso-Brasileiros, em Lourenço Marques, mas não entrou em nenhuma prova. Está muito magrinha. Segundo me disse, está com intenções de vir acabar o curso do liceu à Metrópole. A Kathleen Binda tornou-se hospedeira de ar: trabalha na «Deta» e nunca mais praticou atletismo. De resto, o Atletismo moçambicano está fraco. Havia um bom atleta: o Eduardo Costa, que já está no Benfica. Se aproveitar bem as condições do clube e treinar intensamente, pode bater os «records» de 200 e 400 metros, com relativa facilidade. De resto, ficou lá apenas o Ismail Abdul: um bom barreirista que se está a perder na monotonia das pistas locais, sem treinadores, sem pistas e sem adversários à altura. O que é pena...**

DANIEL REIS

SOREFAME

SOCIEDADES REUNIDAS DE FABRICAÇÕES METÁLICAS, S. A. R. L.

RUA VICE-ALMIRANTE AZEVEDO COUTINHO
AMADORA

CAPITAL REALIZADO: 160 000 000$00

Sorteio de Obrigações

Conforme foi oportunamente anunciado, procedeu-se no dia 27 do corrente mês de Julho ao 15.º sorteio, para efeito de amortização de 966 obrigações do 1.º empréstimo de 5 por cento, 1960-1980, tendo sido sorteados os seguintes títulos:

TÍTULOS DE 100

13001, 14601, 17601, 22901, 24801 e 29201.

TÍTULOS DE 20

10931.

TÍTULOS DE 10

6511, 6831, 6931, 7561, 7701, 7981, 8011, 8221, 8351, 8641, 9751, 10081 e 10291.

TÍTULOS DE 5

2201, 2326, 2391, 2396, 2401, 2486, 2546, 2796, 2871, 2906, 2916, 2991, 3256, 3276, 3401, 3511, 3676, 3701, 3751, 3946, 4221, 4761, 5456, 5621, 6071, 6076, 6181 e 6331.

TÍTULOS DE 1

85, 117, 137, 188, 247, 275, 299, 366, 385, 402, 403, 470, 494, 534, 586, 590, 665, 669, 746, 785, 795, 799, 829, 833, 933, 957, 988, 1002, 1014, 1016, 1047, 1089, 1096, 1117, 1143, 1162, 1165, 1179, 1198, 1213, 1263, 1292, 1297, 1310, 1377, 1394, 1395, 1464, 1499, 1503, 1529, 1530, 1554, 1589, 1600, 1614, 1645, 1683, 1691, 1703, 1723, 1910, 1918, 1956, 1961, 1962, 1971, 1984, 2004, 2064, 2088, 2134, 2136, 2137, 2180 e 2183.

(último cupão a pagar, o n.º 24)

Os títulos representativos de mais de uma obrigação são identificados, para simplificação, pelos seus primeiros números.

N. B. — Restam a reembolsar.

14.º SORTEIO:
Títulos de 20 obrigações: N.º 10591.
Títulos de 10 obrigações: N.os 7491, 7541 e 7991.
Títulos de 5 obrigações: N.os 2506, 3381, 3431, 3446, 4121 e 4151.
Títulos de 1 obrigação: N.os 53, 687, 1182, 1279, 1280, 1327, 1407 e 1491.

(último cupão a pagar, o n.º 23)

13.º SORTEIO:
Títulos de 10 obrigações: N.º 9731.
Títulos de 5 obrigações: N.º 2461.
Títulos de 1 obrigação: N.os 531, 574 e 2016.

(último cupão a pagar, o n.º 22)

12.º SORTEIO:
Títulos de 10 obrigações: N.º 7821.
Títulos de 1 obrigação: N.os 1, 2, 28, 160, 504, 582 e 770.

(último cupão a pagar, o n.º 21)

11.º SORTEIO:
Título de 1 obrigação: N.º 34.

(último cupão a pagar, o n.º 20)

10.º SORTEIO:
Títulos de 5 obrigações: N.os 2501, 3771 e 4321.
Títulos de 1 obrigação: N.os 123 e 124.

(último cupão a pagar, o n.º 19)

6.º SORTEIO:
Título de 1 obrigação: N.º 107.

(último cupão a pagar, o n.º 15)

O pagamento das obrigações sorteadas, pelo seu valor nominal, será efectuado a partir do dia 15 do próximo mês de Agosto na sede da empresa e nos seguintes estabelecimentos de crédito:

BANCO BORGES & IRMÃO;
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA;
BANCO DE FOMENTO NACIONAL;
BANCO FONSECAS & BURNAY;
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR;
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO;
BANCO TOTTA & AÇORES;
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS.

Amadora, 27 de Julho de 1972.

ALBERTO LEITÃO
Director Administrativo e Financeiro

DESPORTOS DL/DOMINICAL

"RECORDS" EM TORRENTE NAS VÉSPERAS DE MUNIQUE

Em Chicago (Illinois) Gary Hall melhorou o seu próprio «record» mundial dos 400 metros estilos, no torneio de qualificação para os Jogos Olímpicos. O nadador norte-americano foi creditado de quatro minutos 30,81 segundos. O record anterior, que ele estabelecera em 21 de Agosto de 1970, estava em 4 m. 31 s.

Mark Spitz que há dias batera o «record» mundial dos 200 metros mariposa .. venceu no segundo dia do torneio de qualificação, os 200 metros livres, em 1 m. 54, 2 s. O «record» mundial, que também lhe pertence, está em 1 m. 53,5 s. Em segundo lugar ficou John Kinsella, com 1 m. 54,58 s. e em terceiro Jim Mgonica, com 1 m. 54, 71 s. Os oito finalistas desta prova fizeram todos menos de 1 m. e 58 s.

Foram os seguintes os primeiros classificados:

400 METROS LIVRES FEMININOS: 1.º, Keena Rothhammer, 4 m 21,99 s.; 2.º, Shirley Babashoff, 4 m. 23,35 s.; 3.º, Jennifer Wylie, 4 m. 23,55 s.

400 METROS ESTILOS MASCULINOS: 1.º, Gary Hall 4 m.30,81 s. («record» mundial) 2.º, Tim Mckee 4 m. 32,86 s.; 3.º, Steve Furniss 4 m. 34,92 s.

200 METROS BRUÇOS FEMININOS: 1.º, Dana Schoenfield, 2 m. 43,71 s.; 2.º, Claudia Clevenger, 2 m. 44,60 s.; 3.º, Barbara Mitchell, 2 m. 44,71 s.

200 METROS LIVRES MASCULINOS; 1.º, Mark Spitz, 1 m. 53,58 s.; 2.º, Steve Genter, 1 m. 53,89 s.; 3.º, Fred Tyler, 1 m. 54,29 s.

100 METROS COSTAS FEMININOS: 1.º, Melissa Belote, 1 m. 07,08 s.; 2.ª, Susie Atwood, 1 m. 07,16 s. e 3.ª Karen Moe 1 m. 07,55 s.

BELAS MARCAS NO ATLETISMO

Na cidade de Oslo, o finlandês Lasse Viren e o norte-americano Steve Prefontain foram as figuras principais da segunda e última jornada do Torneio Internacional de Atletismo.

Viren estabeleceu novo «record» nórdico dos 10 000 ms, com 27 minutos e 52,4 segundos, tempo que é também o melhor da época em todo o mundo. Prefontain — um dos favoritos para so 5000 m. em Munique — melhorou o «record» norte-americano dos 3.000 fazendo o tempo de sete minutos e 44,2 segundos.

Viren comandou desde o princípio, e aos 5 000 metros marcava 14 minutos. Os restantes cinco mil metros percorreu-os no tempo incrível de 13-52,4.

Nos 3 000 metros, em segundo lugar, ficou o norte-americano Leonard Hilton, a 3,8 segundos.

O norueguês Per Halle, apesar de se ter classificado em quarto lugar, a 6,4 segundos de Prefontain, melhorou o «record» nórdico da distância, tirando 3,4 segundos ao antigo máximo, que pertencia a Lasse Viren.

Os 3 000 metros obstáculos foram dominados por finlandeses, saindo vencedor Tapio Kantaden, com 8 m. 25,8 s.

O norte-americano Eddie Hart venceu os 200 metros, em 20,5 segundos. O italiano Pietro Mennea, recordista europeu, obteve a segunda posição, com mais um décimo de segundo.

Nos 400 barreiras, o primeiro lugar pertenceu ao ugandês John Akii-Bua, com 49,4 segundos, nove décimos de segundo. à frente do russo Viktor Savchenko.

O sueco Richy Bruch, recordista mundial do disco, bateu o norte-americano Jay Silvestre, com quem o sueco partilha o máximo mundial da especialidade. Bruch lançou o engenho a 63,80 metros contra 63,42 do norte-americano.

No salto à vara, o norte-americano Dave Roberts bateu o recordista mundial, o seu compatriota Bob Seagren. Roberts passou a fasquia colocada a 5,35 metros, depois de ter trabalhado, por três vezes, os 5,51 metros. Seagren obteve o segundo lugar, saltando «apenas» 5,10 metros.

BEDFORD: UM CASO

Como diria o mais pacato dos cidadãos: Dave Bedford é «todo coração». Esta, no entanto parece não ser uma referência apropriada para o especialista inglês dos 10.000 metros, como atleta de vanguarda.

Na verdade, este atleta, com 22 anos de idade, beneficia de uma pulsação invulgar, metade apenas das 72 pulsações por minuto registadas geralmente em qualquer homem normal, o que se torna um precioso «argumento» para a tremenda resistência de que o fundista necessita.

A norte-americana Patty Johnson, «estrela» da sua equipa para os 110 barreiras.

A par disto, a grande maioria dos atletas que vão estar presentes em Munique são catalogados como «homens a vencer», mas talvez nenhum se equipare ao ídolo das pistas britânicas.

Se algo é previsível com razoável margem de segurança, quanto aos Jogos Olímpicos de Munique, isso é, pela certa, a vitória de Bedford nos 10.000 metros; e, muito provàvelmente, até nos 5 000, pois já ganhou o direito de disputar também esse título.

O facto é que apenas Rom Clark (o famoso australiano a que apenas falta obter glórias olímpicas) conseguiu até agora melhorar os tempos de Bedford, de 13 minutos e 17,2 segundos e 27 m. 47 s., respectivamente, nos 5.000 e nos 10.000 metros.

Foram, sem dúvida alguma, a extraordinária classe de Bedford e o seu extravagante modo de agir que levaram de novo aos estádios britânicos as grandes multidões ávidas de aplaudirem os atletas. Mas, Bedford, que muitas vezes surge em público com um bigode que lhe dá uma cara de «bandido», e que é tido como «o Cassius Clay das pistas» devido às suas previsões bombásticas, não actua em competições para receber aplausos. Tanto, seria ridículo. Ele não conseguiria bater fôsse quem fosse nos 800 metros.

E exactamente esta falha de ponta final que constitui o calcanhar de Aquiles do campeão britânico: e a razão para certos optimistas entre os seus mais directos adversários. E que Bedford consegue manter-se na vanguarda nas primeiras centenas de metros, imprime um andamento «mortal» a meio da prova... mas na ponta final, nesse importante momento, falta-lhe a força necessária para o «sprint».

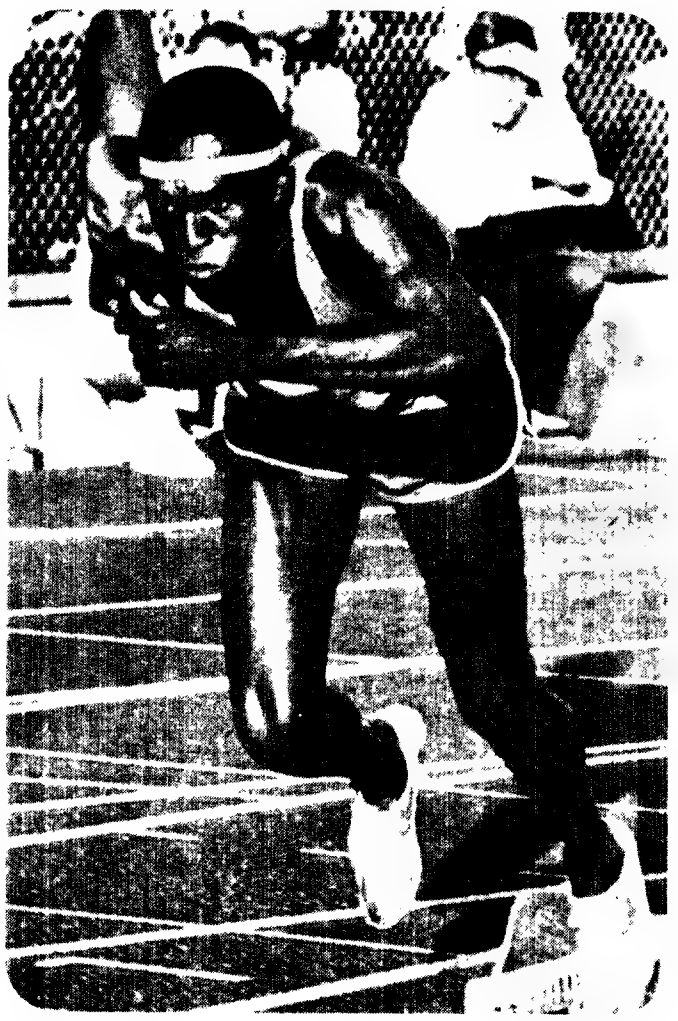
Em grande parte das provas, a atleta britânico nem precisa da ponta final, cortando a meta com avanços consideráveis em relação aos seus adversários. Mas, em Munique, vai enfrentar especialistas, como o finlandês Juha Vaatainen e o alemão Jurgen Haase.

«Julgam que sou um cavalo de tracção .. desabafou ele, a respeito dos seus adversários, ao concluir uma recente prova, na qual se deu ao luxo de deixá-los para trás, com o tempo de 5 m. 3,2 s.. Esse tempo representa mais um novo «record» britânico da distância, na lista em que conta já com os «records» dos 3.000, dos 5.000, dos 10.000, das três e das seis milhas e dos 3.000 metros obstáculos.

Entretanto, o atleta tem sido alvo de uma preparação muito especial, a treinar-se e a competir em provas de velocidade pura. Eis o que afirma a este respeito o treinador Bob Parker: **«Planeámos várias provas de velocidade para aumentar a capacidade de «sprint» de Bedford e para que o seu coração se habitue. Tudo gira á volta da conquista de uma medalha de oiro e nada o afastará desse fito»**.

O próprio Bedford confessa: **«Ainda não tenho grande velocidade, mas espero consegui-la a tempo»**.

Steve Preforntaine, dos Estados Unidos: um «fenómeno» nos 3000 metros



John Akii-Bua: Uganda brilha na Europa

O alemão Gunther Zahn, grande esperança do seu país para a corrida de 1500 metros.

DL/DESPORTOS

UM HOMEM E O SEU DESTINO

ESTRELA DE PORTALEGRE REPLICA A MÁRIO COLUNA

Assinado pelo senhor professor Francisco Calado Godinho Barrocas, presidente do Estrela de Portalegre, e em referência à entrevista concedida ao nosso jornal por Mário Coluna, recebemos uma carta, endereçada ao nosso camarada de redacção Neves de Sousa, que a seguir transcrevemos:

«Leitor assíduo do «Diário de Lisboa» desde os meus tempos de Coimbra, ligam-me a ele laços de amizade que me levaram a assiná-lo já há muitos anos, não directamente mas ao seu agente em Portalegre. Tenho, portanto, pelo seu jornal, que é também o meu, uma estima e consideração de muito longa data: mais de quarenta anos, que me levaram a considerá-lo um jornal sério, honesto e a saber que os seus redactores são do melhor que temos no país, desde um Letria, um Mário Castrim até um Neves de Sousa, para só citar estes.

«Apareceu agora nas suas colunas o caso «Coluna» e eu estou metido nele em virtude do teor chocarreiro que o ex-treinador do Sport Club Estrela deu, em parte, à entrevista que lhe concedeu, no respeitante à «vila de Portalegre» e a dois directores do clube que lhe pagou 170.000$00 em 10 meses e cuja proveniência o Senhor Coluna sabia perfeitamente ao assinar os recibos em papel timbrado. Como agora mostra tão fraca memória!

«Um facto desejo que fique bem presente no espírito de V. Ex.ª: não é o antigo jogador do Benfica, honra que *foi* do futebol nacional, que está em causa. Sei muito bem que Mário Coluna foi alguém no futebol, que honrou o país no estrangeiro, que foi recordista de convocações para o onze nacional, etc,etc. O que está em causa é o ex-treinador do Sport Club Estrela, que por acaso foi o senhor Mário Coluna. E está em causa porque, nas declarações que lhe fez mentiu descaradamente, mostrou-se ingrato e provou grande falta de educação, digo de consideração, para quem o acarinhou... até certa data. E continua a mentir no esclarecimento que pretendeu dar à minha carta, que tive o cuidado de indicar que era particular, mas que ao ser transcrita fotogràficamente não o mostrou: e, daí, a rubrica em cima e a assinatura em baixo.

«Esclarecido, portanto este ponto, passemos aos factos para que V.ª Ex.ª deduza de que lado está a razão e como pessoa honesta, a dê a quem a mereça.

Por intermédio dum amigo do Sport Club Estrela, contratou o meu clube o senhor Mário Coluna para treinador. Foi um dia grande na cidade de Portalegre, que se deslocou quase em peso a doze quilómetros a esperar o novo treinador. Conhecíamos Coluna não sómente pelas referências elogiosas, e julgo merecedoras, que a Imprensa lhe fazia, mas conhecíamo-lo também por o termos visto jogar várias vezes quando éramos sócios do Benfica. Depositávamos nele as nossas melhores esperanças, mas estas foram ilusórias e enganadoras em virtude da actuação de Coluna como treinador do Estrela. E, porquê?

«Ao chegar a esta parte, compete-me esclarecê-lo que esta carta, senhor Neves de Sousa, tem apenas uma finalidade: a de lhe provar a razão da carta que dirigi ao Senhor Coluna e que mereceu honras de ser transcrita no «Diário de Lisboa» Vejamos os factos:

«1) Ao assistir aos três primeiros treinos, no primeiro mês, disse em reunião de direcção do Estrela que não tínhamos treinador (porque em cada um apenas se treinou vinte minutos) e que era necessário avisar o senhor Coluna do facto o que, realmente, sucedeu, mas a que ele não ligou importância... como toda a gente em Portalegre sabe.

«2) Um dia, estava no café Luso (desta cidade) quando me procurou o senhor Marcelino Tavares, morador no Monte do Torrejão (grande «lavrador» mas não adepto do Estrêla) e com residência nesta cidade, onde é bem conhecido, para me informar que Coluna estava com uma grande bebedeira em Arronches, nas vésperas dum desafio de grande responsabilidade para a nossa permanência na 3.ª divisão.

«3) Outras informações me chegaram aos ouvidos (entre elas a do agente técnico de engenharia, senhor Mendes Cardoso, director do Estádio Municipal, não adepto do Estrela) e do mesmo teor. Em Nisa e em Alagoa, localidades perto de Portalegre, encontraram Coluna em total estado de embriaguez, a tal ponto que esteve para ser preso pelos desacatos que ele e outros faziam, altas horas da noite, e isto mesmo na véspera do desafio com o Elvas, que nós tínhamos de ganhar para não descermos.

«Como vê, tenho razões ao chamar-lhe «bêbado», pelo menos enquanto esteve ao serviço do Estrêla, pois que do seu passado guardo ainda gratas recordações, que apagam em parte a sua fraca actuação em Portalegre. Mais provas lhe podia apresentar do que afirmo. Então, que culpa tenho eu de Coluna ter procedido tão mal? Apenas uma: a de o não termos imediatamente dispensado, logo que verificámos que ele falhava continuamente. Mas, para o não prejudicarmos, não o fizemos: do que estamos muito e muito repesos, pois evitaríamos toda esta barafunda em que nos vemos metidos e até o tom jocoso que o senhor dá à minha carta e de que se arrependeria, se me conhecesse, pois creio firmemente que sabe dar e prestar justiça a quem a tem.

«4)Já no final do campeonato vímo-nos na necessidade de substituir Coluna pelo seu adjunto, o professor de ginástica senhor Moura. Pois bem: Coluna veio à direcção do Estrêla e mostrou-se mau colega, porque se atreveu a dizer mal duma pessoa que o admirava e até o respeitava como treinador, embora verificasse o seu «falhanço». E este facto mostrou-nos um outro Coluna invejoso e, até, rancoroso. Não fui eu só que o notei, foram todos os meus colegas de direcção. Advertimo-lo do facto e ele prontificou-se a que, se quizéssemos, daria uma entrevista ao jornal da terra, a confirmar que tinha falhado, ao que nós replicámos que não nos interessava prejudicá-lo, que desejávamos que ele saísse da cidade airosamente e sem qualquer motivo de queixa da nossa parte.

«Noutra ocasião, Coluna soube que o criticavam. Volta-se para nós e «dispara»: «Zé Régio não passou por cá? Deixou cá os ossos»? Francamente! Esta só de quem andava totalmente desorientado, como aliás dá bem a entender na entrevista que lhe concedeu...

«5) Quanto aos «calotes», que culpa tenho eu que a direcção do Estrêla chegassem queixas de que o Senhor Coluna devia aqui e ali, que fizéssemos o favor de descontar dos últimos 20.000$00 que ele tinha a receber importâncias que iam quase a 15.000$00? Honra lhe seja feita: pagou as dívidas de que tivemos conhecimento. Mas, que culpa tenho eu de que o director do Colégio Diocesano, que não apresentou à direcção do Estrêla a dívida de Coluna, me informasse que ele ficara a dever alguns meses de leccionações duma sobrinha?

«6)Provemos mais uma vez que Coluna mentiu. O«sujeito» nunca lhe disse que tínhamos equipa para ascendermos à 2.ª divisão. Ouviu, sim, Artur dizer-lhe: «Ó Coluna, tens uma equipa estupenda! Tomara-a eu! «Na verdade, ganhámos ao Tramagal (da 2.ª divisão). Essa mesma equipa foi esfrangalhada, nao só pelas lesões, mas mais pelas explusões, entre as quais a do próprio treinador, que não soube impor aos seus subordinados a sua autoridade *«e que até num treino apareceu totalmente embriagado».* «Mentiu (ainda) quando pretende desculpar-se com a falta de dinheiro para novas aquisições, pois toda a gente sabe que contratámos Humberto Fernandes: e ele sabe perfeitamente que, uma vez, foi a Lisboa ver se no Benfica havia algum jogador ou alguns a dispensar e que nada conseguiu. Mas, só mais tarde é que soubemos as razões do seu insucesso. Quanto à despedida, nem é bom falar nela. Infelizmente para Coluna, ela foi bem triste.

«Finalmente, senhor Neves de Sousa, se há alguém que tenha pena de Mário Coluna, sou uma dessas pessoas: e, se ele tivesse um pouco mais de cabeça, se não andasse desorientado por circunstâncias da sua vida, como dá a entender na entrevista que lhe concedeu, teria acedido ao meu pedido e aquestão não passaria duma tempestade num copo de água. Não está de acordo?

«Agradecendo que desta carta tire as conclusões que ela merecer, sem prejudicar Coluna, com o que lhe conto, *para melhor esclarecimento dos leitores do «Diário de Lisboa»*, fique o Senhor Neves de Sousa com a firme certeza de que compreendo o movimento de solidariedade que se desenha à volta de quem foi grande no futebol nacional para o amparar num momento difícil da vida. Que é humano e muito digno dos jornalistas desportivos tal movimento, que muito os honra dignifica e, em especial, V. Ex.ª por o ter iniciado.

Acrescentemos, apenas, o seguinte: o senhor professor Godinho Barrocas entregou esta carta em mão própria ao nosso camaradas Neves de Sousa e autorizou a sua publicação. A partir deste momento (e esclarecida a posição do Estrêla de Portalegre) o problema reside apenas numa interrogativa: Que vai fazer Mário Coluna daqui para diante? Qual será o futuro do prestigioso «grande capitão»?

Sómente uma certeza: ele terá, como horizonte, o que o Desporto Português oferecer, à quem o dignificou nas cinco partidas do Mundo.

actualidade conseguida
tem o sabor da descoberta

NOVO

Porque se mantiveram soluções que são fascinantemente actuais ...

Porque se melhoraram pequenos pormenores que mereciam revisão ...

AUSTIN 1300 MK III

Porque as suas linhas, criadas por um estilista de génio, são linhas do nosso tempo ...

Apresentamos a gama dos novos AUSTIN 1300 MK III como modelos de hoje percursores da técnica mais avançada

2 PORTAS - 4 PORTAS - COUNTRYMAN - GT

Tem a pinta da família!

Em exposição e venda nos «stands» de:
J. J. GONÇALVES, SUCRS. AUTOMÓVEIS, LDA.
Lisboa: Rua Alexandre Herculano, 4, telefone 53 71 81/8 Rua Tomás Ribeiro, 50-A, telefone 53 98 15
Porto: Rua da Constituição, 225, telefone 4 40 71 Rua Alexandre Braga, 130, telefone 2 91 21
Matosinhos: Rua Tomás Ribeiro, 245, telefone 93 24 31
e nos Concessionários AUSTIN de todo o País

DL/ DESPORTOS

DIETÉTICA E DESPORTO

Pelo dr. J. MATOS DA SILVA

A alimentação é, em todo o ser animal, o factor principal a contribuír para a formação de um organismo são e robusto: assim como para a manutenção de um perfeito estado de saúde, durante o ciclo de vida do organismo.

A saúde e o poder de competição atlética de um desportista dependem essencialmente da sua alimentação. Ainda que a sua preparação física e técnica, adequadas à midalidade de desporto praticado, preencham inteiramente os requesitos necessários para atingir a sempre desejada «best performance», o resultado dessa mesma preparação e a sua actuação em prova jamais atingirão o máximo das normais possibilidades físicas se a alimentação não corresponder inteiramente às suas exigências orgânicas. Assim, como não se pode exigir muito de um prédio construído com mau cimento, o mesmo se passará perante um organismo qualitativamente mal alimentado.

Um regime alimentar devidamente equilibrado deve fornecer ao organismo, em quantidades normais, proteínas, lípidos, glúcidos, sais minerais e vitaminas. Estas são, de entre muitas outras, as substâncias de maior importância na alimentação desportiva.

As proteínas constituem a parte essencial do protoplasma celular e desempenham a importante missão de reparação do corpo humano, substituindo as células mortas ou em decadência, tanto no decorrer dos processos vitais como patológicos. Elas formam cerca de 18 por cento do peso corporal, facto suficiente para avaliarmos a sua importância no organismo e as eventuais consequências de uma alimentação carecida de prótidos. Sem proteínas, não poderá haver tecidos musculares sãos: e, é necessário não esquecer que cerca de 45 por cento do nosso peso é formado por músculos.

Podemos classificar as proteínas, não sob o aspecto químico mas em relação a uma alimentação não carenciada, em três diferentes categorias: proteínas completas, proteínas semicompletas e proneínas incompletas. Proteínas completas são todas aquelas que se encontram aptas a satisfazer integralmente as necessidades orgânicas: possuidoras (portanto)de todos os aminoácidos essenciais à vida, tais como arginina, fenilalanina, histridina, isoleucian, leucina, lisina, metionina, tirosina, treonina, triptofano, valina, etc. Proteínas semicompletas são aquelas que a manter o organismo, mas incapazes de assegurar um crescimento de uma reprodução celular absolutamente normais. Proteínas incompletas são as que, não possuindo aminoácidos essenciais à vida, se apresentam inteiramente incapazes de manter o equilíbrio plástico e de reprodução celular do organismo.

As necessidades diárias em proteínas, para um desportista, são sempre superiores às de qualquer pessoa de diminuída actividade física. Não cifrarei todavia aqui quais as quantidades exactas necessárias, na medida em que este aspecto se tornaria demasiado extenso por si só e, ao mesmo tempo, excessivamente complexo para poder ser fàcilmente compreendido por todas as pessoas. As quantidades proteícas a consumir, estão sempre subordinadas ao tipo de alimentação, à qualidade dos alimentos e sua proveniência, género de actividade desportiva, aspecto físico do desportista, funções metabólicas, e catabólicas, etc. Isto seria pois, como se poderá calcular, matéria para várias páginas deste jornal e, independentemente da sua natural compelxidade, o artigo tornar-se-ia maçador. Não obstante a omissão do aspecto quantitativo, no que se refere à exactidão de consumo, possi dizer que um desportista em actividade normal não deverá consumir menos de 1 a 1,5 gramas do proteínas por cada quilo de seu peso. Por exemplo: um atleta com 75 quilos de peso não verá consumir uma quantidade inferior à compreendida emtre 75 a 112,5 gramas por dia.

Os glúcidos são a principal base energética do organismo e compreendem como fonte todos os farináceos a açúcares. A sua digestão começa exactamente na boca sob a acção da ptialina e prolonga-se até ao estômago e instestino, vindo a concluir-se neste último orgão. Os fermentos elaborados na mucosa intestinal completam a digestão, transformando os glúcidos em açucares simples. Estes acucares são, por sua vez, absorvidos através da parede intestinal e transportados até ao figado, orgão que os transforma em glicogénio. À medida que os músculos necessitam de açúcar, para seu combustível, o glicogénio armazenado pelo fígado trnsforma-se nesse açúcar, sob o controlo da insulina, hormona proveniente dos ilhéus de Langerhans, (glândulas endócrinas que constituem parte do pâncreas).

A alimentação do desportista deve ser rica em glúcidos: mas sem ultrapassar os limites necessários, pois que, desta forma, tornar-se-ia prejudicial às funções catabólicas, cujo funcionamento se apresenta totalmente indispensável num desportista, especialmente em provas de longa duração. Entre os alimentos fornecedores destas substâncias energéticas deve procurar escolherem-se os de melhor qualidade e de mais fácil digestão. Num próximo artigo falarei sobre os alimentos mais ricos em glúcidos e quais os mais aconselháveis na alimentação desportiva.

Os lípidos são substâncias provenientes de todas as gorduras, vegetais ou animais, e desempenham no organismo, à semelhança dos glúcidos, uma acção energética. Do ponto de vista energético, estas substâncias não se apresentam inteiramente indispensáveis na alimentação de um atleta, na medida em que essa energia pode ser absolutamente fornecida por uma alimentação rica em glúcidos. Todavia, os lípidos não podem de forma alguma ser excluídos da alimentação humana, mesmo nas pessoas sem qualquer actividade desportiva, por se apresentarem indispensáveis à vida normal do organismo. A exclusão total dos lípidos na alimentação humana teria como consequência a formação de graves perturbações orgânicas.

Os sais minerais e as vitaminas, que são numerosos, fazem parte da composição íntima de todos os tecidos: e as suas interferências no organismo são de tal forma importantes que a vida, sem estas substâncias, não seria possível. O poder vital orgânico depende inteiramente dos sais minerais e vitaminas. A descrição individual de cada uma destas substâncias é extensa e apaixonante. Isto será matéria para próximos artigos, pois que o seu conhecimento (ou, melhor, a sua utilidade na manutenção da saúde) é facto de indispensável conhecimento para os desportistas que se preocupam com uma alimentação cuidada.

Voleibol: a dificuldade dos estágios

Ao exigir-se do treinador duma equipa nacional de voleibol bom trabalho e bons resultados, deve ter-se em conta que ele só o pode fazer desde que os treinadores dos clubes tenham durante o ano realizado preparação metódica e adequada das equipas a seu cargo: das quais saem, lògicamente, os jogadores para aequipa nacional.

Quanto ao estágio, e atendendo ao puro amadorismo dos nossos jogadores de voleibol (estudantes uns, empregados outros) a concentração pode ter efeitos benéficos sob o ponto de vista físico, técnico e táctico, por permitir um maior tempo de trabalho: mas, como tal estágio pode contrariar hábitos adquiridos, o trabalho físico é muitas vezes anulado pelo factor psíquico, por virtude do jogador desejar libertar-se da «obrigação» que o fizeram tomar.

Pela experiência que temos (de jogador e treinador) devemos mencionar aqui, se bem que lamentemos, que 85 por cento dos nossos jogadores, especialmente jovens, não estão mentalizados e preparados para estágios, concentrações ou deslocações. E, «grosso modo», podemos enunciar alguns factores perniciosos a fazerem seu peso:

Excesso de tabaco nos que já fumam: compra de cigarros naqueles que habitualmente não fumam: utilização nas deslocações ou concentrações dos equipamentos dos clubes ou da selecção, para «dar nas vistas»: um manifesto descontrole nervoso perante o sexo oposto, como se no local onde vivem tal sexo não existisse: a tentativa de uso e abuso do álcool durante as refeições: a tendência para comer mais do que é hábito, como se a deslocação ou estágio fôsse (antes) um campeonato gastronómico: bebidas alcoólicas (brancas) nas suas bagagens: a reunião (antes ou depois dos jogos ou treinos) para jogar cartas, fumar ou beber, com manifesto prejuizo do seu repouso, dos seus colegas e, até com acréscimo de preocupações para o seu treinador ou responsável, que assoberbado com a orientação de uma equipa, tem ainda de se manter vigilante com todas as tentativas de abuso por parte dos seus comandados.

É muito mais podíamos referir a tal respeito...

No entanto, para completarmos o nosso trabalho, podemos mencionar um programa de preparação e treinos, práticamente impossível de conseguir entre nós. Mas que seria ideal:

1.º dia — Manhã — 1h. de preparação física e jogos. Tarde — 2h. de conjunto.

2.º dia — Manhã — 1h. de aperfeiçoamento técnico. Tarde — 2h. de conjunto.

3.º dia — Manhã — Repouso. Tarde — 2h. de conjunto.

4.º — Manhã — 1h. de preparação física. Tarde — 2h. de conjunto.

5.º dia — Manhã — 1h. de jogos diversos. Tarde — 2h. de conjunto.

6.º, dia — Manhã — 1h de preparação física. Tarde — 2 h de conjunto.

7.º dia — Manhã — Repouso. Tarde — 2h. de conjunto.

Entre o trabalho da manhã (fim) e o da tarde (início) deve cumprir-se um intervalo de 4 horas.

Tendo surgido dúvidas e perguntas quanto à necessidade de se efectuar o aquecimento muscular antes de cada treino ou jogo, devemos referir que a resposta lógica é que se deve sempre realizar esse aquecimento muscular, para preparar o organismo para o esforço que se lhe vai exigir, adaptando-o a esse esforço.

COMENTÁRIOS FINAIS

Esta última parte do nosso trabalho não pretende, transmitir aos treinadores das equipas portuguesas indicações sobre o trabalho a seguir, pois isso, muitas das vezes e infelizmente, é sujeito a condicionalismos diversos, um dos quais, (e que devia merecer a maior atenção) é o do treino nocturno, sabendo-se em que condições de alimentação se apresentam os atletas ao esforço físico, na maior parte dos casos em pleno trabalho digestivo, por virtude de acabarem as aulas,ou as suas ocupações profissionais bastante tarde.

Sair do emprego ou da escola entre as 18 e 19 horas, para tomar uma refeição, e depois, treinar por volta das 21 ou 21,30 horas, parece-nos contraproducente, acabando o treino pelas 23,30 horas, e chegando o atleta a casa entre as 0 e a 1 hora, o tempo de repouso é insuficiente e todos sabemos que o tempo de sono é um factor a considerar na recuperação do atleta, não contando com os malefícios que uma refeição fora de horas pode motivar, já que o atleta terá de se deitar e fazer então o seu trabalho digestivo.

Situações que todos temos de observar: pois a sua modificação acarretaria um alateração total aos nossos hábitos e à nossa vida que, numa opinião muito pessoal, não estamos dispostos a fazer ou aceitar, para não perdermos muitas das nossas comodidades (começar o nosso dia de trabalho entre as 8 e as 10 horas, ter largo espaço de tempo para almoço e jantar).

O início do dia de trabalho entre as 7 e as 8 horas, incluindo o tempo escolar, com 30 minutos para almoço, possibilitaria a saída às 15 e 30 ou 16 e 30 horas, com tempo para fazer desporto: fosse ao ar livre ou em ginásio.

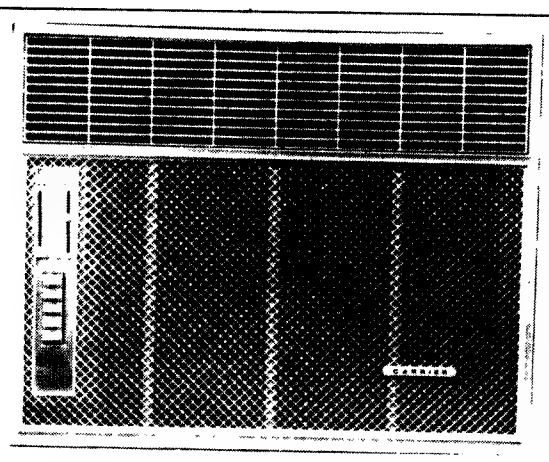
Parece-nos (pois) que este assunto, quanto mais não fôsse a título experimental e a nível escolar, devia merecer o maior carinho de todos nós, empenhados que estamos em desenvolver o apuro físico da nossa juventude e o seu gosto pelas práticas desportivas.

FERNANDO MONTEIRO

FANEMA, Fabrico Nacional de Equipamentos Marítimos, S. A. R. L.

Av. D. Carlos I, 35-3.º, Dt.º — LISBOA

Tem o prazer de comunicar a todos os Ex.mos Industriais de Panificação e Pastelaria dos Distritos de Lisboa e Santarém, que foi nomeada distribuidora exclusiva para os citados distritos dos equipamentos de panificação e pastelaria do qualificado fabrico da firma **EMPREENDIMENTOS MECANO-CIVIS EDUARDO MARTINS, S. A. R. L.** de **VILA NOVA DE GAIA.**



climatizadores AEG·TELEFUNKEN o melhor clima ao seu dispôr

Quaisquer que sejam as previsões do boletim meteorológico tem sempre o melhor clima ao seu dispôr. Melhorando a própria natureza, os climatizadores A E G·TELEFUNKEN renovam o ar ambiente, aquecendo ou arrefecendo desumidificam e filtram, com extracção de fumos tudo isto com funcionamento silencioso.

AEG TELEFUNKEN

CASA RUSSELL

DISTRIBUIDOR OFICIAL

EXPOSIÇÃO E VENDA NA AVENIDA DA IGREJA, 20-A

BELARTE

DL/DOMINICAL

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇAO POPULAR DO RIO DE JANEIRO

Florência em 5.º lugar a 4 dias do fim

1.º JOSÉ AFONSO	9590
2.º DUARTE MENDES	5783
3.º HUMBERTO DE MASCARENHAS	1891
4.º JOSÉ CID	1833
5.º FLORÊNCIA	1628
6.º ISABEL FONTES	1350
7.º MARIA DE LOURDES RESENDE	838
8.º JOSÉ JORGE LETRIA	484
9.º PACO BANDEIRA	415
10.º ANTÓNIO CALVÁRIO	277

De ontem para hoje, a evolução da classificação processou-se como se segue: José Afonso recebeu mais cerca de quinhentos votos, Duarte Mendes apenas 11, Humberto de Mascarenhas «apanhou» sessenta e um, José Cid teve 350 e, logo a seguir, aparece-nos sensacionalmente o nome de Florência, que foi o nome mais votado, da penúltima para a última contagem: mais de 1 000 votos! Assim, ultrapassou duma assentada Maria de Lourdes Resende e Isabel Fontes, que mantêm exactamente os mesmos votos que tinham na votação anterior. Entretanto, José Jorge Letria, Paco Bandeira e António Calvário mantêm-se firmes nas posições que ocupam e já ocupavam ontem: 8.º, 9.º e 10.º lugares, respectivamente.

Florência

De salientar o segundo «pulo» de Florência, que a levou a colocar-se na 5.ª posição quando, há dois dias, se encontrava na 17.ª.

Duarte Mendes, por seu lado, depois de receber, de uma assentada, mais de 2200 votos, conseguiu apenas 14 nos dois últimos dias. Estarão os seus adeptos a guardar-se para o fim?

José Afonso tem tido uma votação regular. Nunca fiando, apesar de tudo. Humberto de Mascarenhas, José Cid e Florência estão muito perto uns dos outros, devendo haver algumas mexidas a assinalar muito em breve. Pelo andar da carruagem...

PARA REPRESENTAR PORTUGAL

NO

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR

DO RIO DE JANEIRO

Indico o intérprete:

.....

Envie por correio ou entregue pessoalmente no «Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º — LISBOA

EFACEC

Informamos os n/ Ex.mos Clientes de que no decorrer do presente mês de Agosto a grande maioria do n/ pessoal fabril estará em gozo de férias.

Mantêm-se, contudo, em funcionamento normal os nossos Serviços Comerciais e Oficinas de Reparação e Assistência.

SOREFAME

Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas, S. A. R. L.

RUA VICE-ALMIRANTE AZEVEDO COUTINHO
AMADORA

CAPITAL REALIZADO: 160 000 000$00

1.º EMPRÉSTIMO POR OBRIGAÇÕES

PAGAMENTO DE JUROS

De harmonia com as condições da emissão, vence-se no dia 15 do próximo mês de Agosto o juro correspondente ao cupão n.º 24 que se encontra a pagamento, a partir daquela data, na sede da empresa e nos seguintes estabelecimentos de crédito:

BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

O valor dos juros relativos a cada obrigação, depois de deduzidos os impostos, é o seguinte:

Obrigações ao portador ..... — 16$04,8
Obrigações ao portador registadas ..... — 21$51
Obrigações averbadas a instituições de previdência — 24$75

O pagamento dos juros das obrigações pertencentes às instituições de previdência é realizado na sede da empresa.

Amadora, 27 de Julho de 1972.

ALBERTO LEITÃO
Director Admninistrativo e Financeiro

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

O QUE REPRESENTA PARA SI O AMOR?

Continuação da pag 11

nhum entendimento do que representa o Amor não os posso incluir; só tratados noutro tipo de pergunta.

Ninguém ama nada nem ninguém, sem o gozo inerente a esse amor. Sexualmente o amor, parece-se com a religião: quanto mais fé melhores resultados.

LAURA SOVERAL
(actriz de teatro e de cinema)

Há tantas formas de amor que seria exaustivo começar a analisá-las.

O amor para mim baseia-se (pondo de parte «O Amor de Perdição» e o «Como é diferente o amor em Portugal!») num grande sentido de liberdade, de escolher, de dádiva e de receptividade.

Não sinto o amor puramente erótico, que me parece um subproduto do amor. Gosto muito daquela estrofe de Fernando Pessoa que diz: «O Amor é que é essencial/O sexo é só um acidente/Pode ser igual ou aninerente/O homem não é um animal/E uma carne inteligente/Embora às vezes doente»M

MARIA ISABEL BARRENO
(escritora e investigadora do I.N.I.I.

O amor é uma bela invenção humana, ainda muito pouco reconhecida e explorada.

«Invenção» tem geralmente, fora do campo científico e técnico, um sentido pejorativo. Se eu dissesse: «foi inventada uma nova máquina», todos compreenderiam «existe uma nova máquina»; eu disse que o amor é invenção humana, e quase toda a gente lerá «o amor não existe». Não existe, onde? No princípio, no vago, na mãe natureza, numa realidade que se quer toda feita antes do homem, fora dele. Um modelo reconfortante, pré-ordenado, o homem descobre, obedece, e apenas inventa o progresso técnico, muito suspeito porque é «anti-natural». Desconfiamos muito daquilo que não vemos, e muito mais daquilo que criamos; estes são os grandes obstáculos ao amor.

Na natureza encontramos vagas sugestões de amor: o instinto sexual, o instinto maternal, o gregório. Sobre instintos o homem inventou todas as variações: amores, amizades, afeições — e ódios. Da mesma forma inventou a linguagem, e o pensamento, da mesma forma o homem se vai inventando.

Cada sociedade tem tido as suas preferências por determinadas formas de amor. Na sociedade em que vivo valoriza-se o amor que se julga herdado da natureza o amor conjugal, o maternal, e também o filial e o paternal. São os amores que inspiram mais confiança; já tão pouco têm de instintivo, mas essa fundeação no «natural» tem especialmente servido para manter e requintar afeiçoadamente o que o instinto teria de cego e brutal, e os amores cultivam-se egoístas e possessivos.

Os amores «naturais» têm ainda a vantagem de justificar as bases «naturais» duma sociedade; são portanto de utilidade social, forçadamente estagnados, erigidos, apodrecidos por uma formalização estreita. O amor de mulher para homem, e o amor maternal, têm ainda outras utilidades sociais: são difundidos como ideal de vida, e como promessa de evasão, de alienação; neste último ponto o amor aproxima-se do futebol.

Creio que a utilidade social do amor funciona, na nossa sociedade, a nível inconsciente. Para os cidadãos sérios e adultos, o amor é palavra sem sentido, sonho desistido, ou então palavra de moderação, de prudência, voz de prisão. Os Santos, os reformadores, os grandes apaixonados, são muito sèriamente julgados como sujeitos anormais.

De coisas «concretas» gostamos de nos alimentar. A linguagem e o pensamento também estão sujeitos a valorizações restrita: predomina a crença no discursivo e no lógico.

Do lado do amor, dentro dele ou ponho a poesia, a música, talvez todas as artes; e o irracional, o fútil, o inútil, o gratuíto; a imaginação, o subjectivismo, a magia, a intuição; todos os mundos que não são aparentes, o incomunicável (até agora).

Talvez eu chame amor a demasiadas coisas, mas não tenho outro nome para grandes vozes subterrâneas, grandes forças pouco reconhecidas e exploradas. No amor talvez estejam os germens dum grande encontro.

MIGUEL LOBO ANTUNES
(ex-presidente da JUC na Faculdade de Direito de Lisboa)

O amor é de tal modo inefável que apesar de estafado nas artes, maiores ou menores, estropiado nas ciências, todas humaníssimas, permanece desconhecido, desejado, misterioso, presente, fascinante, e todas as aproximações que façamos para o perceber, não passam de aproximações.

No fundo, talvez seja porque somos imensamente limitados, e temos a dolorosa consciência disso, e nos tentamos prolongar, nos tentamos eternizar, que há amor. Amor é viver sem fim.

Amar é gostar de ti: O Amor não se explica, vive-se, e não vale a pena explicar porque não se consegue e não se ganha nada com isso; é uma coisa que eu sinto cá dentro, no peito e na barriga, nas unhas e nos cabelos, que me faz feliz quando te vejo, que me faz sofrer maravilhosamente quando te vejo, que me faz pensar em ti o dia todo e achas que é pequeno o dia para pensar em ti, que me faz dizer-te coisas lindas e ridículas.

O amor é extremamente banal, mas tão original que resiste às banalidades que eu digo, O amor é afecto, é sentimento, é carácter, e è obra, é morrer por ti, ser teu.

Mas mais do que isto tudo, amor é aquilo que se exprime nas palavras que não sei dizer mas que ouço em ti, em segredo, baixinho, meu amor.

MARIA JOÃO SEIXAS
(licenciada em Letras)

Isto da Mitologia deixa herança cá andamos todos, muito nostálgicos da unidade que fomos, cumprindo a pena de andar à procura do resto-de-nós, da metade, popularmente traduzida por «Cara»!!!

Questão de amor, Senhores, tem sido questão de complementaridade! Mas não — digo que, pelo contrário, não é matéria encarregue de preencher vazios, antes é de enconstar excessos! O sinal é pois de !!

Amar Exceder-se (e aqui nos superamos)

E assim o amado, a tal «cara», de «metade» passa a «outra cara», que é bom-grande (porque nos vemos nela) e necessário (porque amor é profissão) ter ao pé da nossa!

Profissão de não esquecer!!! E a mais radical de todas: sindicalizada à nascença e remunerada a tlin-tlins que dão pelo nome de vida!

Não resisto à citação «Diz-me o que me amas, dir-te-ei o que vives!»:

Continua na página seguinte

Computador anti-enfarto

Por GIULIO MASTROIANNI

Bastam vinte minutos de tempo livre e uma boa dose de sinceridade para poder saber, em termos rigorosamente científicos, quantas possibilidades temos, nos próximos cinco anos, de ser atingidos por um enfarto. A informação é dada por um calculador electrónico (um Olivetti 101, cujo preço anda por volta dos 120 mil escudos) do Hospital San Camillo, de Roma.

Após dez anos de estudo e de observação dos habitantes de dois centros rurais da província de Emília, bem como dos ferroviários romanos, o cardiologista Vittorio Puddu e o seu assistente Alessandro Menotti individualizaram uma fórmula de previsão do enfarto adaptável à população italiana.

O estudo de Puddu, nascido em Âncona há 63 anos e presidente da Sociedade Internacional de Cardiologia (porém, a sua paixão secreta é o barco à vela), tem ligação com um outro, iniciado há dez anos, do professor Ancel Keys, da Universidade de Minneapolis. Em colaboração com estudiosos de cardiologia de seis países (Jugoslávia, Finlândia, Grécia, Itália, Japão e Holanda), Keys constatou que os sujeitos atingidos pelo enfarto ou por outras doenças coronárias apresentavam características especiais que os diferenciavam dos outros. Elaborando matemàticamente tais características (cerca de umas quarenta) obtem-se uma fórmula geral de previsão do enfarto.

O prof. Puddn que compilou a fórmula de previsão do enfarto

Chegado a este ponto, o grupo de estudiosos continuou as investigações separadamente, limitando-se a observar pacientes do seu próprio país. O elaborador electrónico americano havia estabelecido, de facto, que a fórmula de previsão era diferente de país para país. Ia-se de um índice altíssimo de probabilidades da Finlândia a um índice baixíssimo para a Grécia (a Itália encontra-se a meio caminho entre os dois casos limite).

«Até hoje», diz Puddu, *«a nossa actividade têm-se debruçado sobre o estudo da fórmula de previsão, e ninguém, portanto, com excepção dos pacientes que observávamos há dez anos, se apresentou para se submeter à resposta do calculador. Porém, é de prever que num futuro próximo, como já aconteceu com os tumores, a população se habitue, ela própria, a solicitar estes controlos preventivos. É errado pensar que, contra o enfarto, não haja nada a fazer. Frequentemente basta mudar o sistema de vida para reduzir muitíssimo as probabilidades de ser atingido por este mal, que mata todos os anos na Itália cerca de 70 mil pessoas».*

Grátis. As operações necessárias para obter o índice pessoal de probabilidades de enfarto são muito simples e rápidas e, pormenor importante, completamente gratuitas. É necessário, antes de tudo, responder com a máxima sinceridade e precisão a algumas perguntas que dizem respeito ao consumo de cigarros e de bebidas alcoólicas, o tipo de alimentação, a actividade profissional e física. Superados estes preliminares, passa-se à consulta médica que consiste no controlo do peso, da altura, da espessura de gordura, da pressão e do índice de colestrol.

Todos os dados são, finalmente, traduzidos em números e introduzidos no elaborador electrónico. *«quando o índice de probabilidades supera aquele que consideramos o nível de segurança»*, diz Puddu, *«prescrevemos ao paciente alguns remédios tendentes, sobretudo, a reduzir a colesterolemia, a hipertensão arterial e outras desordens metabólicas».*

DIETA ANTI-ENFARTO ESTUDADA PELO PROF. VITTORIO PUDDU

EVITAR	PREFERIR
— leite integral	— leite magro
— manteiga	
— pão	
— todos os queijos gordos e curados, incluindo o parmesão	— queijos frescos, em pequenas quantidades
— carnes gordas	— carnes magras
— porco, borrego	— peixe, mariscos
— enchidos, miúdos	— coelho
— gordura do bife	— tirar a gordura do bife
— carnes com preparados especiais e com molhos	— carnes grelhadas ou cozidas
— excessivo consumo de ovos	— não mais de 2 ovos por semana
— banha, gordura, margarina, toucinho e similares	— óleo de sementes (especialmente de gérmen de trigo) para cozinhar azeite e temperar saladas
— molhos	
— fritos	— não exceder o consumo de óleo (máximo 30 grs. por dia)
— o excessivo consumo de massa e pão	— verdura crua e cozida e os legumes (feijões, ervilhas, lentilhas)
— o excessivo consumo de açucar	
— chocolate	— fruta fresca
— doces, especialmente os confeccionados em casa	— gelatina de fruta
	— merengues

O que representa para si o amor?

Continuação da pág 26

MARIA ONDINA
(escritora e tradutora, professora do ensino secundário)

O amor é a vida. Nem creio que se possa viver sem amar, sem guardar qualquer calor no peito.

Quanto a mim, porém, parece-me que tenho amado mais os lugares, os objectos, as impressões e os sonhos do que as pessoas, talvez porque, acima de tudo, vejo o amor como um encontro com a beleza, e isso raramente se dá no plano das relações humanas.

Amo, por exemplo, a solidão e o mundo que nela crio, os gestos, as cores, os sons, a comunicação franca com o povo ou com as pessoas inteligentes e naturais, o maravilhoso, o desconhecido.

Relativamente ao amor-doação de corpo e espírito, o amor total, o que se diz poder unir para sempre o homem e a mulher, não acredito de todo, mas penso que nada haveria de mais belo, se o acreditasse.

Nesse ponto e lamento se com isto ofendo os princípios da ética ou da lógica são a aventura, a curiosidade e a fidelidade à condição humana que me dirigem. Também a ternura, o gosto de dar, e uma loucura boa (que nem sei se me vem da alma se do corpo) com raízes na paixão pelo efemero e na certeza da morte.

Acredito no amor místico, alimentado de Poesia e de ânsia de perfeição, e acredito no amor carnal como um acto de lealdade ao ser, uma maior autenticidade humana.

Para mim, contudo, o amor é sempre uma forma de arte, um acontecimento estético, algo que não tem nada a ver com ciúmes, juramentos ou contratos; é a vida, enfim, com a sua marca de mistério e de gratuitidade.

STELLA DE BRITO
(pintora)

O amor: uns sapatos novos, um vestido à moda, momentos, dias, meses e poucos anos! Posso considerar isto o amor?

Depois talvez fique um misto de amizade ou mesmo de saudade, coisas que permanecem no subconsciente. Voltando atrás: os olhos grandes, uma cara bonita, os 18 anos, a aventura, a casa, um certo amor e a utopia que se desvanece...

É bonito amar, dizer amor, entendimento, tudo quanto constituia uma crença, nos nossos antepassados!

O ridículo, o ciúme, o desprezo: sombras de um sentimento que fica destruído.

Vejo tudo de outro modo e não posso assim considerar o amor. Gostaria de ter um limite. Enfim, há uma raiz profunda que em todos nasce e vive de um movimento sexual que obriga à conjuntura normal dos seres.

Telefone para surdos-mudos

Graças ao aparelho idealizado e preparado por Bruno Fracassi, de 38 anos, de Roma, titular de uma fábrica de perucas e inventor nas horas livres, também os surdos-mudos poderão usar o telefone sòzinhos e sem dificuldade. O aparelho, com um quilo de peso, funcionamento a pilhas e a corrente, custa o equivalente a aproximadamente 2500 escudos e chama-se Fonomorse

MORSE

É uma espécie de telescritor via cabo telefónico: o surdo-mudo marca o número e apoia o microfone sobre o aparelho; depois bate sobre um teclado sinais, Morse, que aparecem numa fita de papel (100 metros, uma hora e meia de conversação, custa poucos escudos) do Fonomorse receptor. O interlocutor, surdo-mudo ou não (uma lâmpadazinha vermelha adverte-o de que o telefone está a tocar), traduz e responde através do mesmo sistema.

«O único problema é que os usuários do meu aparelho devem conhecer todos o alfabeto Morse: mas não deveria ser difícil tornar o seu estudo obrigatório nas escolas especiais para surdos-mudos».

Frases de amor. A ideia do Fonomorse («Nada de sensacional, bastava ter um pouco de prática de electrotecnia», diz Fracassi, que tem seguido os cursos de perito técnico sem nunca se ter diplomado e que tem no activo, entre as suas invenções, também, os comandos eléctricos para os ascensores) nasceu há dois anos.

Fracassi tinha entre os seus empregados na fábrica de perucas, um surdo-mudo casado de fresco com uma rapariga normal. «Amavam-se muito», conta ele, «e eu tinha de fazer de intermediários ao telefo- Foi, sobretudo porque se aborrecia de ter de explicar com gestos comunicações familiares e até frases de amor, que o industrial se meteu a trabalhar no seu Fonomorse (Isso valeu-lhe um ano e meio de experiências e aproximadamente 20 mil escudos de despesas).

36 MILHÕES

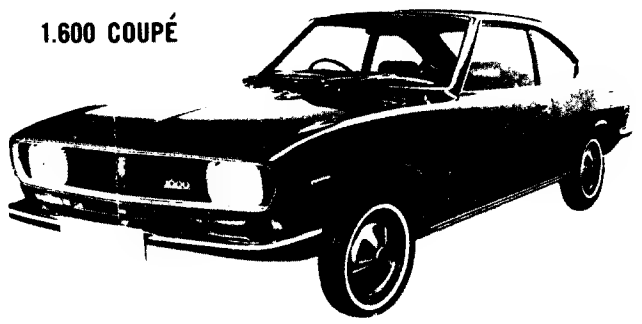
Do aspecto económico da sua invenção, Fracassi deu-se conta quando, depois de ter obtido uma medalha de ouro no 21º Salão Internacional dos Inventores, de Bruxelas, lhe caiu em cima uma encomenda de cem protótipos da Instituição Nacional dos Surdos-Mudos.

«Compreendemos imediatamente que o Fonomorse representava um instrumento precioso para ajudar os diminuídos da voz e do ouvido a inserir-se na sociedade e na família», explica o secretário-geral da Instituição. Já se pensa distribuir o novo aparelho em toda a Itália, instalando-o ao lado de um certo número de telefones públicos. Os possíveis utentes do Fonomorse são, na Itália, cerca de 450 mil. Em todo o mundo, os diminuídos do ouvido ultrapassam os 36 milhões. E às mãos de Fracassi chegaram já pedidos de cedência da patente, da Alemanha, dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Suiça e de Israel.

Bruno Fracoss: com o seu fonomorse, uma espécie de pequeno telescritor aplicado ao telefone. Transmite apenas sinais do alfabeto Morse

CASQUILHO
& FILHOS, LDA.
AGENTE OFICIAL
MAZDA

1.600 COUPÉ



visite a exposição na
Av. Guerra Junqueiro, 14 A·B·C - Lisboa

EMPREENDIMENTOS MECÂNICO CIVIS
EDUARDO MARTINS, S. A. R. L.
VILA NOVA DE GAIA

Têm o prazer de comunicar a todos os Ex.mos Industriais de Panificação e Pastelaria dos Distritos de Lisboa e Santarém que nomearam distribuidor exclusivo de todos os seus equipamentos de panificação e pastelaria, para os mesmos Distritos, a firma **FANEMA, S. A. R. L. (Fabrico Nacional de Equipamentos Marítimos)**, com sede na: **Av. D. Carlos I, 35-3.º, Dt.º — LISBOA.**

SUPERMANOS
A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.930$00
Frigoríficos	1.900$00
Trituradores	260$00
Secadores de cabelo	140$00
Cassetes	35$00
Relógios de cozinha	300$00

VENDAS A PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLÍNICA —
CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO
CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...
E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...
Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERÍODO DE 6 A 12 DE AGOSTO

horóscopo pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Tente mais o contacto entre os seus; poderá ter muitas alegrias. A sua intuição é excelente, e poderá ajudar a resolver um assunto afectivo um pouco delicado. Período favorável para esclarecer qualquer questão de natureza familiar ou económico-doméstica.

DINHEIRO: Complicações financeiras que não deve piorar com a sua obstinação e impulsividade. Evolução lenta mas segura dos seus problemas, portanto nada de desânimo.

PROFISSÃO: No sector profissional torna-se urgente uma diligência que tem vindo a adiar desde há muito tempo. As deslocações são neste momento pouco vantajosas; faça portanto apenas aquelas que sejam absolutamente indispensáveis. Actue com energia no domínio do seu trabalho.

SAUDE: Uma refeição por demais copiosa, o enervamento, um moral deficiente, tudo isso podera causar distúrbios físicos.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Pequenas sombras sentimentais que não deve manter por culpa de um orgulho exagerado. Retenha sàbiamente o que conquistou. Procure distrair-se e esquecer por momentos as preocupações da sua vida, quotidiana.

DINHEIRO: Haverá oportunidade favorável à sua bolsa e aos assuntos de negócio. Procure aproveitar ao máximo as oportunidades. No entanto, use de cuidado, pois corre o perigo de ser vítima de uma criatura pouco escrupulosa.

PROFISSÃO: Muitos nativos desta influência zodíacal, verão melhoradas, esta semana, as suas condições de emprego, e os desempregados não terão muita dificuldade em se colocarem. Continue no caminho seguido até aqui, dando provàs de objectividade no seu julgamento; obterá o sucesso desejado.

SAUDE: Não leia demasiadamente; não perca o controle dos nervos e tudo será bem resolvido.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Seja mais realista e encare a sua situação com firmeza e, quando chegar a uma conclusão, não olhe para trás. Siga o seu caminho com resolução. Por outro lado, procure moderar as suas reacções, pois a pessoa que se apaixonou por si, não é de pedra.

DINHEIRO: A semana sera muito favorável para os seus negócios, contanto que neles não haja o espírito de especulação. Não se deixe seduzir pelas aparências; conduza os seus assuntos financeiros de maneira racional.

PROFISSÃO: Encontrará, mais fàcilmente do que pensa, a solução que procura; evite perder demasiado tempo com detalhes pouco importantes. Acontecimentos interessantes na vida profissional.

SAUDE: Será satisfatória, porém há riscos em viagens e em desportos.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Não deixe que os seus sentimentos lhe dominem a razão. Assim poderá evitar uma série de aborrecimentos. As suas ideias são excelentes mas têm necessidade de serem desenvolvidas de maneira mais simples, para serem mais acessíveis aos outros.

DINHEIRO: Terá muitas surpresas agradáveis que implicarão no aumento de sua receita ordinária. Haja com inteligência, pois vai entrar num período interessante e muito importante. A sorte está do seu lado; utilize plenamente a sua energia e siga em frente sem receio sobretudo no capítulo material.

PROFISSÃO: Boas perspectivas profissionais, graças sobretudo à sua actividade pessoal no quadro de trabalho quotidiano. Dará um grande passo em frente, apesar de alguns pequenos contratempos. Não adie uma viagem profissional que precisa fazer, porque o período é benéfico para isso.

SAUDE: Excitação, fadiga; tem necessidade de repousar um pouco mais que o habitual, para evitar consequências mais graves.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Procure evitar o excesso de sentimentalismo, de contrário, viverá sempre aborrecido. Dê provas de equilíbrio no seu comportamento. Não se precipite, no domínio sentimental ou familiar, porque tudo correrá bem se deixar que os acontecimentos se desenrolem normalmente.

DINHEIRO: Período muito favorável para qualquer empreendimento comercial. A possibilidade de lucros será bastante. Excelentes vibrações para tudo quanto se relacione com assuntos pecuniários.

PROFISSÃO: A sua iniciativa no trabalho estará em evidência. Propício às actividades criadoras e óptimas colaborações. Poderá orientar a sua actividade profissional numa direcção satisfatória se escutar os conselhos dum amigo. Manifesta-se uma amizade inesperada.

SAUDE: Alguns distúrbios gástricos: equilibre melhor seus alimentos, evite molhos gordurosos.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Aproveite as horas felizes junto da pessoa amada e dos seus entes queridos. Todas as emoções da semana prometem ser vivas e profundas. Terá muito boas oportunidades de realizar algumas das suas mais caras ambições. Serão muitas as suas amizades e relações.

DINHEIRO: Não descure o factor económico. Se não seguir economia mais sábia, poderá um dia encontrar-se em sérias dificuldades. Por outro lado, conte apenas consigo para a execução dos seus projectos; uma promessa de auxílio não será cumprida, mas não deixara por isso de obter sucesso no quadro do trabalho quotidiano.

PROFISSÃO: Dentro em breve, poderá haver uma grande e, talvez total modificação na sua vida. Faça tudo com carinho. Não há nada pior que serviços feitos sem interesse. Concentre-se sobretudo naquilo que pretende fazer nos dias próximos.

SAUDE: Não abuse das suas energias físicas, tanto em casa como fora. Cuidado!

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Preocupação com pequenos problemas, principalmente de ordem financeira. Controle as suas finanças um pouco mais, de contrário o terreno sentimental estará abalado. No quadro familiar evite, tanto quanto possível, as discussões inúteis.

DINHEIRO: Atrasos prováveis no que se refere aos seus projectos. Mas não se esforce, pois a situação leva o seu tempo a resolver. Com calma e reflexão, terá sucesso mais apreciável e seguro.

PROFISSÃO: Seja exigente consigo mesmo e com os outros, e não consinta que o prejudiquem. Precisa ser mais metódico e perseverante. Não lhe faltarão ideias boas nem energia para realizá-las, mas está um pouco inclinado a dispersar os seus esforços.

SAUDE: Sua saude será bastante satisfatória, mas evite qualquer excesso ou esgotamento.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Seu coração o impelirá para uma criatura que se divertirá enganando-o cruelmente. Cuidado na sua escolha. Procure aproximar-se de uma pessoa que costuma subestimar e cujo valor moral e sentimental é evidente.

DINHEIRO: Semana muito propícia aos trabalhos intelectuais e artísticos. Haverá grandes possibilidades de lucros neste sector. No tocante aos demais sectores observam-se influências um tanto satisfatórias.

PROFISSÃO: No quadro da sua actividade profissional saberá tomar uma iniciativa que aliviará consideràvelmente o seu trabalho quotidiano. Possibilidades de valorização da sua posição social.

SAUDE: Utilizando a torto e a direito remédios indicados por leigos, poderá prejudicar-se enormemente. Consulte o seu médico.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Talvez surja uma oportunidade para si através da correspondência; procure colocar a mesma em dia. Por outro lado, as configurações astrais indicam que poderão surgir situações que envolveram os seus interesses particulares e íntimos.

DINHEIRO: Possibilidades de preocupações e limitações devido a desentendimentos, atrasos de pagamentos ou confusões em contas. Dê o maximo de atenção ao seu trabalho. Portanto, é aconselhável não começar novos empreendimentos sem terminar os que tem em curso.

PROFISSÃO: Não descuide os assuntos relacionados com os seus negócios. Poderão surgir imprevistos e aborrecimentos. Não consinta que um falso orgulho dificulte o seu progresso, e reflicta antes de tomar uma iniciativa, que lhe pode causar prejuízos.

SAUDE: Será bastante satisfatória se evitar excessos.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: A semana talvez seja assinalada por algumas notícias ou emoções contraditórias. Tenha cautela se tiver que viajar ou tiver contacto com pessoas estranhas. Possibilidades de encontro sentimental durante uma pequena deslocação; não é aconselhável dar muita importância a isso.

DINHEIRO: Vibrações planetárias mistas se fazem sentir esta semana. Por causa disso, a generalidade pode chegar a ser extravagância, sendo muito provável que malbarate os seus haveres. As despesas tenderão a aumentar.

PROFISSÃO: Terá que dar mais atenção ao seu sector de trabalho para que não seja obrigado a arcar com a carga maior do que lhe compete. Uma deslocação parece necessária para o desenvolvimento futuro da sua situação social e material.

SAUDE: Dores de cabeça, enxaquecas, serão motivadas pelo seu ritmo de vida por demais atribulado.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: As divergências antigas com amigos ou pessoas a quem estima caminharão a partir deste momento para a conciliação. Não deixe passar uma só oportunidade de frequentar reuniões sociais ou de visitar aqueles que lhe são caros. Surgirão oportunidades para se distrair.

DINHEIRO: A ocasião será por todos os títulos favorável à defesa dos seus maiores interesses. A sua inteligência se tornará mais activa e as ideias novas surgirão sem nenhum esforço. As vibrações são propícias à compra de imóveis, principalmente na zona rural.

PROFISSÃO: Tende a produzir-se uma alteração favorável no domínio profissional: estude no entanto o assunto com cuidado. O trabalho relacionado com viagens é bastante favorecido.

SAUDE: Período bastante favorável para a saúde, não havendo nada de desagradável a registar nesta semana.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: O clima sentimental apresenta-se favorável. Procure contribuir para que a felicidade dure muito tempo. Algumas dificuldades sentimentais poderão ser resolvidas se souber aceitar a situação com larguesa de vistas.

DINHEIRO: Desconfie duma certa tendência ao exagero, que poderia originar despesas excessivas, tanto no quadro domestico como nos seus assuntos particulares, privados.

PROFISSÃO: Diligências e contactos profissionais úteis para o desenvolvimento dos seus assuntos praticos. Seja mais adaptável e compreensivo no quadro das suas amizades e afeições sem procurar forçar as coisas.

SAUDE: Tome um duche morno antes de dormir. O regime composto de fígado grelhado e legumes verdes será benéfico.

MARIA JUDITE DE CARALHO

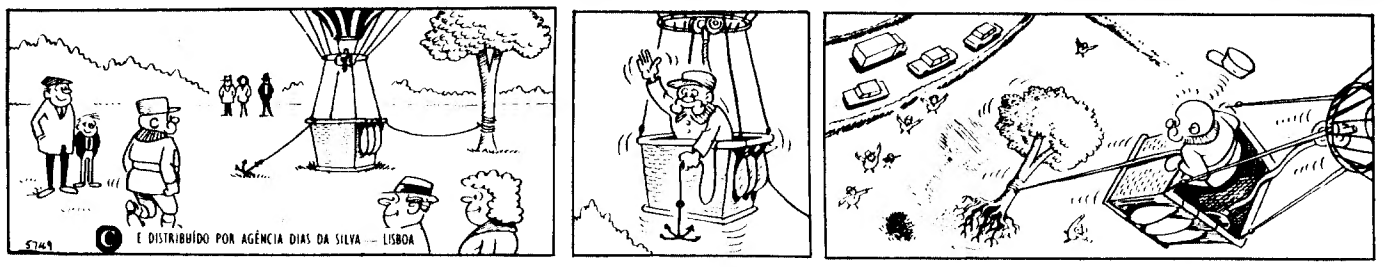
UM SONHO

Não há nada mais tranquilizador, reconfortante e doce que um sonho reconhecidamente irrealizável. Os sonhos que podiam perfeitamente acontecer-nos, se quisessem — se eles, sonhos, quisessem — deixam-nos um pingo de amargor na boca, uma pontada de frustração na alma. E que à nossa volta há pessoas que os vivem, ou vão vivê-los um destes dias. Isso pode ser muito desagradável para nós, os abandonados. Mas os sonhos irrealizáveis, mas os grandes sonhos ilógicos, insensatos? Senhor, que beleza...

Este é, por exemplo, uma casa na praia. Que é um sonho possível? Nem pensar nisso. O meu sonho exige uma certa casa de uma certa cor, de um certo formato (fui eu o arquitecto-decorador...), situada o mais ao sul possível do mapa deste jardim da Europa, e com uma praia pessoal, e intransmissível e ainda por cima não poluída. Tenho também, para além da casa — como, ignoro-o, e tal coisa não me interessa — um muro de Sintra, com musgo, uma fonte da serra onde toca Debussy uma água cristalina de princípio do mundo, uns metros quadrados de relva, e uma enorme árvore, tudo aquilo, como já disse, lá para os Algarves. Que é impossível? Claro que é, e depois?

O que têm de bom os sonhos impossíveis, é que, para além da doce tranquilidade que nos trazem, são isentos de sentimentos de culpa. Se eu tivesse tudo aquilo que sonho, se tal coisa fosse viável, era capaz de ter problemas de consciência. Mas assim, que perfeição. Estou numa praia de domingo, agora, aqui e o mês chama-se Agosto. Mas fecho os olhos e os ouvidos ao mundo exterior. Eis-me na praia que inventei, ou sentada à sombra daquela enorme árvore que não sei como se chama, só que tem uma enorme, suave cabeleira verde. As vozes não atravessam os muros de silêncio que ergui à minha volta por cinco minutos, dois minutos, um, o que puder ser.

Sinto-me feliz.



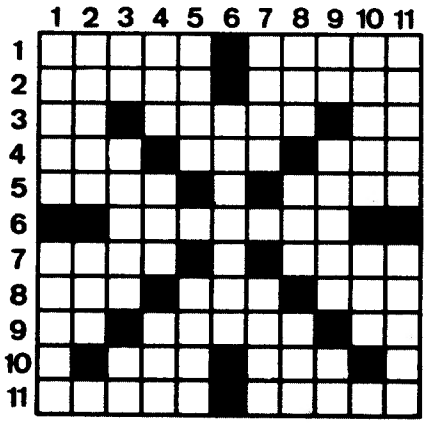
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10158

HORIZONTAIS:

1 Simples. Penhasco.
2 Inundo. Naipe das cartas de jogar.
3 Artigo indefinido. Aduzo em defesa. Nota musical (Inv).
4 Lista. Para barlavento. Germe (fig).
5 Uma das partes do Mundo Leva à toa.
6 Turrava.
7 Tenciona. Vila e sede de concelho (Portalegre).
8 Cantão da Suiça. Chiste. Espaço de doze meses.
9 Preposição e artigo definido. Tomar como alimento. Amónio (s.q.).
10 Piedosa. Mula. Conjunção.
11 Freguesia do concelho de Coimbra. Serra de Portugal.



VERTICAIS:

1 Arvore da Índia. Muito próximo.
2 Armaduras para a cabeça. Boi selvagem.
3 Batráquio. Aperfeiçoei. Praziodímio (s.q.).
4 Nome de letra. Rio da Suiça. Rema para trás.
5 Peça que forma a parte inferior do calçado. Ecoas.
6 Prenderiam com as gavinhas.
7 Lar. Emblema.
8 Curso de água natural e abundante. Antiga capital da Birmânia. Nome de homem.
9 Aragem. Rio do Canadá. Paralisia.
10 Nome de flor. Ilha do estado da Baía.
11 Esmonca. Gastas.

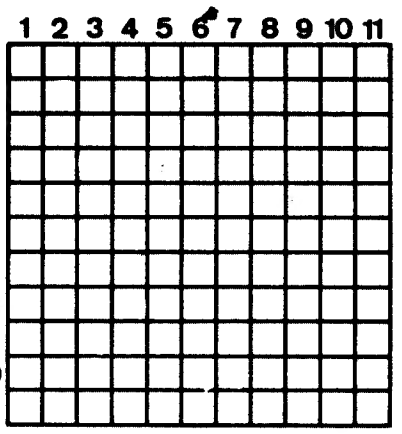
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6316

HORIZONTAIS:

1 Nota musical. Montanha da Ásia Menor, entre Mileto e Heracleia onde segundo a Fábula, Diana vinha visitar o pastor Endimião. Pronome pessoal.
2 Nome de mulher. Consta. Preposição.
3 Cidade do Japão. Apelido.
4 Arrancares.
5 Ilha do Pequeno Belt. Serra de Portugal.
6 Pronome reflexo. Artigo definido.
7 Preposição. Encolerizar. Nota musical.
8 Calúnias.
9 Tempo do verbo ir. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águada.
10 Magoara. Oferta de preço em leilão.
11 Restos mortais. Levas à sirga.



VERTICAIS:

1 Rio da Sibéria. Jovial.
2 Estimara. Preposição e artigo definido (pl).
3 Cidade de França. Campeões.
4 Que são do ar. Letra grega.
5 Campeão. Boro (s.q.). Tiras de fígado temperadas e fritas.
6 Superfície. Jarro (planta).
7 Ruim. Basta. Além.
8 Pisara. Antigo Testamento.
9 Pequeníssimos orifícios da pele Indolência.
10 Introduzir. Ergue.
11 Estavas. Freguesia do concelho de Sabrosa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10157

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Persa. Laçar.	1 Peste. Acaba.
2 Ain. Avô.	2 É. Air. Marés.
3 Sasão. Siras.	3 Rascar. Eis.
4 Tico. Sana.	4 Sião. Uajará.
5 Era. Rum. DAR.	5 Ano. RECUSAR.
6 Rue. Aço.	6 Tu. AR.
7 7 Am. Acaba. MC.	7 Lãs. Mabete.
8 Ca. Jurar. Ur.	8 Avis. Caraça.
9 Áreas. TARDE.	9 Corado. Rol.
10 Beirã. Ecoar.	10 Ana. Mudai.
11 Assar. Alia.	11 Rosar. Crera.

Provérbio: 'DAR TARDE É' RECUSAR'

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6315

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Lagos. Açano.	1 LV. Farpa. Pá.
2 Verbo. Barão.	2 Aer. Suassem.
3 Reis. Ao.	3 Grei. As. Olá.
4 Idiotas.	4 Óbidos. Amor.
5 As. Oásis. Ce.	5 Sósia. Ota.
6 Ruas. Amam.	6 Óstia.
7 Pás. Cit. Era.	7 Abati. Tio.
8 As. Atais. Ms.	8 Cá. Asa. Sigo.
9 Soma. Oito.	9 Aras. Me. Tas.
10 Pelo. Gana.	10 Não. Carmona.
11 Amaré. Tosar.	11 Oó. Lemas. Ar.

AOS QUATRO VENTOS

ECOLOGIA

Fala-se agora muito de ecologia, isto é da ciência que estuda a relação entre as plantas e os animais no seu meio ambiente.

Por exemplo: a relação que existe entre certas plantas e a abelha. Calcula-se que oitenta por cento das plantas polinizadas, são-no por intermédio das abelhas. Entre tais plantas figuram: a luzerna, o cravo, a pereira, a laranjeira, o limoeiro, o pessegueiro, a amendoeira, o melão, a melancia, os espargos, o algodão e muitas outras.

Se a abelha desaparecesse, estas plantas não poderiam existir.

PERUCAS

Quando Federico o Grande da Prússia invadiu a Polónia, ao visitar o castelo de Augusto III, ficou estupefacto com a quantidade de perucas existentes no guarda-roupa real e exclamou:

— *Meu Deus, tantas perucas para um homem que nem sequer tem cabeça6*

CONSELHO

Certa ocasião, um jovem acercou-se de Mozart e disse-lhe:

— *Senhor, estou particularmente interessado na composição de sinfonias e talvez pudesse aconselhar-me a melhor maneira como começar.*

— *O melhor conselho que lhe posso dar é este: espere, espere até ser velho e tenha experiência e, depois então, comece.*

— *Mas o Senhor começou a compor sinfonias sendo muito mais jovem do que eu.*

— *Ah! É verdade* — exclamou Mozart — *Mas fi-lo sem pedir conselho a ninguém!*

ANTIGUIDADE

Um senador americano ficou surpreendido com o total silêncio que se seguiu ao discurso de um colega seu, pronunciado num clube feminino.

— Como conseguiu você evitar as embaraçosas perguntas das senhoras?

— Muito simplesmente — respondeu o outro. — Disse-me que me seria muito grato responder às perguntas que me fossem formuladas pelo auditório, mas por ordem de idades. Primeiro as mais velhas!

Mozart quando jovem

CIRCULO

O mundo está dominado pelo medo. A prova? Ei-la: O rato tem medo do gato; o gato tem medo do cão; o cão tem medo do homem; o homem tem medo da mulher; a mulher tem medo do rato... (pode-se continuar).

FEALDADE

Reflexão do pintor franco-americano Marcel Duchamp:

«As mulheres feias são como os livros difíceis: quando se lhes começa a tomar o gosto não se desejam outros».

INOLVIDÁVEL

Uma empresa funerária de Filadélfia propõe aos seus clientes funerais com acompanhamento de banda de música, explicando na sua publicidade:

«Graças à musica escolhida por nós para acompanhar o féretro, um falecimento na sua família converter-se-á num acontecimento inolvidável».

COZINHA

A MESA COM BUDA

Por ELENA GUICCIARDI

Segundo o preceito de Gandhi, é preciso **«mastigar as bebidas e beber os alimentos»**: para obter tal resultado deve-se mastigar um pedaço umas 50 vezes. Hans Schonheit, de 45 anos, ex-arqueólego, ensina, desde há algumas semanas, também, a arte de mastigar aos clientes do seu estabelecimento, o **Chakra** (quer dizer centro de energia vital), cuja especialidade é o **Kefir,** sumo de limão e figos, o refrigerante predilecto dos sacerdotes do antigo Egipto. O **Chakra,** aonde se come sob o olhar hierático de dois budas de marfim, respirando o fumo do incenso emanado das varinhas que ardem sobre todas as mesas, é um dos restaurantes exóticos que estão a proliferar em Paris e na França.

«Em 1972, ano da dietética oriental», afirmam os peritos gastrónómicos, **«poucos sabem resistir ao fascinio dos seus alimentos ligeiros, de sabor agradável e que têm uma virtude imbatível: não fazem engordar sequer um grama»**.

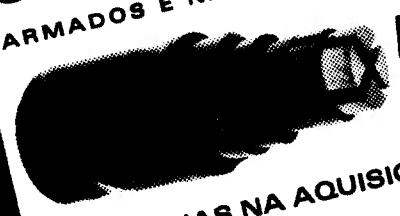
Umas cinco dezenas de estabelecimentos abertos recentemente em Paris fazem bom negócio, baseando a sua propaganda em dois **slogans:** a pureza das próprias normas dietéticas e a validade de algumas teorias filosóficas do comer. Há de tudo, para todos os gostos: os restaurantes biológicos (garantem não só a qualidade natural dos aliementos mas também a esterilidade biológica dos utensílios em que são cozinhados), os vegetarianos (nada de carne ou peixe) e até os vegetalianos (banidos os ovos e os lacticínios). Os mais austeros são, porém, os macrobióticos: a menta é sempre à base de arroz integral, cozido em água com a adição de alguns gramas de alho porro ou de nabo.

Yang e In. A macrobiótica funda-se no princípio **zen** do Yang e do Yin. O Yang é o elemento activo como o macho, o fogo, o dia, o sólido. O Yin, o elemento passivo: a mulher, a Lua, a água, a noite. Em cozinha, são **Yang** a carne, o sal, as gorduras, as raízes e **Yin** as bebidas, os legumes, a fruta, o açúcar. **Yanguizar** significa, por exemplo, assar e cozer a seco, **yinizar** será banhar e cozer em húmido. O segredo da longa vida, é a opinião dos adeptos da macrobiótica, consiste no encontrar o equilíbrio entre o **Yang** e o **Yin**. Pioneiro do **zen** macrobiótico foi o japonês George Oshawa, falecido em 1966, mas a viúva prossegue o seu apostolado. Escreveu também um livro («Tudo em um»), contendo 777 receitas macrobióticas, todas elas concebidas a partir do arroz.

Os sequazes afirmam, porém, que não basta comer passivamente: é necessário também saber cozinhar. Por consequência, muitos restaurantes franceses, que surgiram sob a insígnia dietética, transformaram-se ràpidamente em escolas de culinária, vendendo produtos e manuais remendados pelos especialistas.

No seu restaurante, Schonheit criou a Associação para o Advento do Mundo Espiritualista. De momento reúne os seus discípulos na adega, mas projecta transferi-los para uma propriedade no campo aonde poderão viver como beneditinos, trabalhando a terra e meditando.

TOYOTA
SERVIÇO OFICIAL
Peças e acessórios, mecânica, bate-chapas, electricista, estofador, pintura e Estação de Serviço
Rua Artilharia Um, 105-A — Tel. 68313/2/3
COTAL
Rua dos Lusíadas, 113-A — Tel. 631057/8
SERVIÇOS RÁPIDOS
TABELA DE PREÇOS — ORÇAMENTOS PRÉVIOS

Reduza custos com cabos Solidal
ARMADOS E NÃO ARMADOS

ALUMÍNIO MACIÇO
ECONOMIAS NA AQUISIÇÃO
MONTAGEM
LIGAÇÃO
SOLIDAL
CONDUTORES ELECTRICOS SARL
ESPOSENDE
LISBOA TEL 674828 PORTO TEL 491392

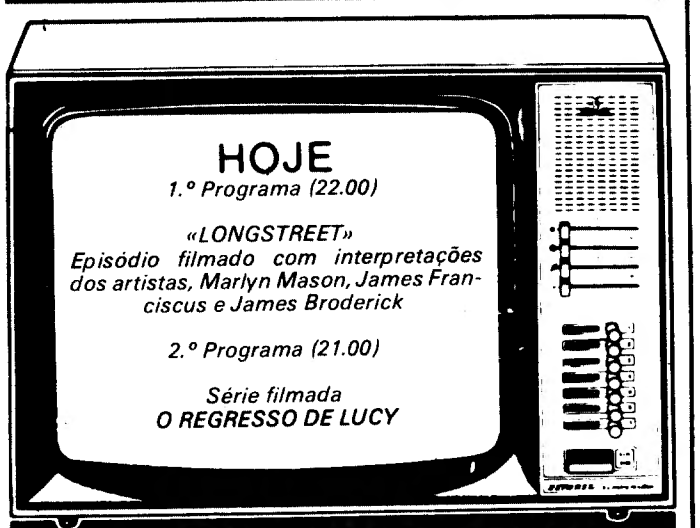
Férias do pessoal da
Sociedade Ericsson de Portugal, Lda.
Durante o período de 7 a 21 de Agosto todos os Serviços da nossa firma funcionarão em regime semi-encerrado por motivo de férias do seu pessoal.
Por essa circunstância apenas é mantido um reduzido numero de funcionários para atender aos casos mais urgentes.
Aos nossos estimados clientes e amigos pedimos o favor da sua amável compreensão pela menos pronta assistência que lhes possa ser dada durante o referido período.

SENHORES CAPITALISTAS !!!
COLOQUEM O VOSSO CAPITAL
NAS MELHORES CONDICOES
COM GARANTIA HIPOTECARIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE

SAÍU MAIS UM NÚMERO DE

motor

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLIMPICOS

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e missa de domingo
13.30 Telejornal — 1.ª edição
14.10 Campeonato do Mundo de Ciclismo
15.30 Torneio Internacional de Tenis
15.55 Campeonato do Mundo de ciclismo em estrada
16.30 Tarde de cinema «O Terror da Marinha»
17.55 Expedição
18.20 TV Infantil
18.50 Domingo Desportivo - 1.ª edição
19.00 TV Rural
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.40 Madeira-Paralelo 33
20.00 «Os companheiros»
20.30 TV7
21.30 Telejornal-3.ª edição
22.00 «Longstreet»
23.00 Fados
23.20 Domingo Desportivo - 2.ª edição
23.45 Telejornal- últimas notícias
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Dó lá si
21.00 «Chegou a Lucy»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Festival O. R. T. F.
23.20 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Uma mãe para Eddie
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à noite
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Cartaz TV

2.º Período

20.00 Porta aberta
20.30 Povo que canta
21.00 Na terra do arco-íris
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 O jogo do galo
22.50 Os pioneiros da pintura moderna
23.55 Telejornal- últimas notícias
24.00 Fecho.

2.º Programa
20.30 Uma mãe para Eddie
21.00 Um dia com...
21.30 Telejornal
22.00 Noite de Cinema «Os dez da Legião»
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 622

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco moderado soprando em várias direcções; havia neblina nalgumas regiões do Litoral a Norte do Cabo Mondego.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	26.º
P. DOURADAS	19.º
COIMBRA	16.º
PORTALEGRE	22.º
LISBOA	21.º
FARO	26.º
FUNCHAL	21.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS
Máxima *35.º*

VISEU
Mínima *8,2.º*

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 21,2.º
Atmosfera 20,8.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.29	*3,4 m*	7.14	*1,2 m*
13.54	*3,7 m*	19.53	*1,0 m*

Dia 7

2.28	*3,6 m*	8.08	*1,0 m*
14.48	*3,9 m*	20.43	*0,8 m*

Dia 8

3.18	*3,8 m*	8.54	*0,9 m*
15.36	*4,1 m*	21.27	*0,7 m*

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco moderado soprando em várias direcções; possibilidades de nevoeiro matinais ou neblina na faixa costeira a Norte do Cabo Carvoeiro; temperatura com tendências para subir.

AMANHÃ

Nascer às 6.41
Ocaso às 20.44

Dia 9 Dia 17 Dia 24 Dia 31

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário. — Jogos Olímpicos — por Fernando Garcia — Onda musical.
18.05 Música e cadência
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto.
22.00 Teatro das comédias: «Amanhã é um novo dia», de Fausto Correia Leite
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros.
23.30 De um dia para o outro — por Fernando Garcia
00.00 De um dia para o outro (Cont.)
00.30 Junção — (entra o MF de Lx.) — Diário sonoro
00.45 De um dia para o outro (Cont.)
02.00 Fecho.

Programa em FM 1 de Lisboa

23.00 Sinal horário — Rádio universidade
00.30 Junção (Com o 1.º Programa)
16.10 Variações sobre um tema rocócó op. 33 (Tchaikowsky)
16.30 Kreisleriana, op.16 (Schumann)
17.00 Perspectivas da obra de Carl Nielsen
18.00 Concerto de Domingo — (1.ªParte) — A Orquestra sinfónica da rádio de Francforte — Dir: por Gabor Otvos, com a colaboração do contralto Lucretia West — Gravações cedidas pela Rádio Hess
18.41 Intervalo: Sonata n.º 1 em sol maior, para violoncelo e cravo (J.S.Bach)
18.56 Concerto de Domingo — (2.ª Parte) — A orquestra sinfónica da rádio de Francforte — (cont.)
19.40 Sonatina para flauta e viola (Albert Huijbrechts)
20.20 A orquestra de câmara «Jean-François Paillard»
20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo Dr. Caldeira Pais
21.00 Desdobramento — Sai o MF 2 — Recital de violino por Marianne Behrendt
21.30 Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 A cantata «Carmina Burana» (Carl Orff)
23.05 O pianista Julian Von Karolyi
23.30 Música aquática (Suite) (Haendel)
00.25 Quarteto, em Ré Maior, op.45 (Albert Roussel)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda média

16.04 Tarde desportiva
18.02 Projecção
18.30 Meia hora depois
19.03 Fórmula 1
19.03 Formula 1
19.30 Vedetas e canções
20.00 1.º Grande Prémio de motociclismo do Estoril
20.15 Comentador desportivo
20.30 De 7 em 7 dias
20.45 A Estrela da noite
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Canções ao acaso
23.30 PBX
2.00 A noite é nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Pêndulo
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
20.00 Nota de abertura
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
23.00 Noticiário; Programa à Gô-Gô
23.00 Noticiário; Programa à Gô-Gô (continuação)
0.02 Em órbita-dois
1.02 Banda sonora Sonipol
2.00 Perspectiva
3.00 Fecho

Emissor de Miramar

15.55 Tarde desportiva
18.00/20.00 «Sinfonia 18»
18.01 Música e desporto
18.30 Presença coimbrã
19.03 Conjunto
19.15 Campeão português
19.30 Boletim desportivo
20.00 Nota de abertura
20.07 Norte dia a dia
21.00/24.00 «Genérico»
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da Esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do templo
22.30 Variedades
23.04 Clube da Juventude

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Mendes Gomes Calçada da Ajuda, 222, (Tel. 638256); **Tapada** Calçada da Tapada, 83-A (Tel. 634721)
ALCÂNTARA
Ester Nogueira, Rua de Alcântara, 5-A (Tel. 637563)
ALFAMA
Cruz de malta Largo Chafariz de Dentro, 36 (tel. 886126)
ALTO DE S. JOÃO
Dalton Avenida Mouzonho de Albuquerque à (Praça Paiva Couceiro), 7-A (Tel. 843571)
ALVALADE
Libia Av. da Igreja, 4-B (Tel. 711681); **Celta** R. Moura Girão, 3-B. (Tel. 710621)
AMOREIRAS
Amoreiras P. das Aguas Livres, 8-D, (Te. 681515)
ANJOS
Antolin, Av. Almirante Reis, 88-B (Tel. 44173); **Magalhães,** Av. Almirante Reis, 4-D, (Tel. 49479)
ARCO DO CEGO
Providência R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (Tel. 770324).
AREEIRO
Marbel, Av. de Roma, 131-A (Tel. 776235); **Lusitânia,** Av. de Roma 18-A (Tel. 725443)); **Chinde,** Rua Agostinho Lourenço, 6-B, (Tel. 710331); **Celta,** R. Moura Girão, 3-B (Tel. 710621)
BAIRRO ALTO
Gonçalves Rua da Rosa, 176, (Tel. 262687)
BAIRRA DA ENCARNAÇÃO
Zira Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310172)
BAIRRO DA LIBERDADE
zenel, R. A. 182 (Tel. 651840)
BAIXA
Formosinho, Praça dos Restauradores, 18, (Tel. 30927); **Normal,** Rua da Prata, 220, (Tels. 321342-325553).
BELEM
Botânica Rua da Junqueira 38, (Tel. 638132)
BENFICA
Macedo Est. do Peço do Chão, 69-C, (Tel. 703697); **Benfiluz** Est. de Benfica, 444-A, (Tel. 782606); **Canto** Est. das Laranjeiras 202-B (Tel. 780841).
CAMPOLIDE
Nova, Rua deCampolide, 297-C (Tel. 687475); **Ronil** R. Rodrigo da Fonseca 153, (Tel. 683438)
CAMPO DE OURIQUE
Findor R. Maria Pia, 514, (Tel. 687949)
CAMPO DE SANTANA
Peninsular Campo dos Mártires da Pátria, 117 (Tel. 553308)
CASTELO
Santa Luzia, R. da Saudade, 2-B (Tel. 869831)
CONDE BARÃO
Açoriana L. do Conde Barão, 2 (Tel. 661330)
ESTEFÂNIA
Délio R. Açores, 32 (Tel. 52388)
ESTRADA DA DAMAIA
Progresso Est. Damaia, 64-C (Tel. 702226)
ESTRELA
Linalde, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955); **Neves** R. da Bela Vista, 35 (Tel. 661251)
LUMIAR
Patuleia Rua do Lumiar, 122, (Tel. 790332); **Douro** Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 991131)
MADRE DE DEUS
Madre de Deus Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo) (Tel. 382470)
OLIVAIS
Simão Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Tel. 310581)

PEDROUÇOS
Higilux Rua de Pedrouços, 50, (Tel. 610280)
PENHA DE FRANÇA
Europa Av. General Roçadas, 27-A (Tel. 343880); **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A, (Tel 844361); **Zemba** Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel. 832580)
PICHELEIRA
Marluz Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395)
S. BENTO
Micael R. de S. Bento, 380 (Tel. 662162)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Berna Av. de Berna, 44-A (Tel. 773563); **Sá da Bandeira** Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42, (Tel. 41961-54672); **Oliveira Viegas** R. do Viriato 29-A (Tel. 48966-558601)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 212048)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 263052)
MONTE ESTORIL
Lopes, Rua Hangar, 3 (Tel. 260008)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280141); **A. Costa,** R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS:
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Tel. 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (Tel. 2273023)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 230156)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)
SETÚBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (Tel. 22783); **Bonfim,** Av. Rodrigues Manitto, 12 (Tel. 24558)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I — Lote 146 B.º Janeiço (Tel. 932756); **Central,** Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja,** P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); **Jardim,** Av. Conde de Oeiras, Loja X-1-Reboleira (Tel. 938424).
DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); **Simões Lopes,** Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)
COLARES
Colares, Abreja (Tel. 299088)

PORTO

Sub-TURNO A

Barreiros, Rua de Serpa Pinto, 8; **Martino, Sucr.** Praça Marq. Pombal, 122; **Pombeiro,** C. Márt. da Pátria, 152; **Prelada (da),** R. Central de Francos, 316; **S. Roque da Lameira,** S. Roque Lameira, 1111; **Sá da Bandeira,** Rua Sá da Bandeira, 236

SUB-TURNO B

Ameal, R. do Ameal, 1227; **Campo Alegre (do),** R. do Campo Alegre, 723; **Ferreira da Silva,** Rua dos M. da Liberdade, 150; **Peninsular,** Rua Chã, 100-102; **S. Lázaro,** Av. Rod. de Freitas, 297

COIMBRA

S. Sebastião, Rua António Jardim (tel. 28802); Silcar, Rua Ferreira Borges, 88 - 94 (tel. 22923); Paiva, Pr.ª do Comércio, 57-58 (Tel. 23231).

cinemas ● cinemas ● cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
Grupo B (10 anos)
Novamente A REVOLTA NA BOUNTY com Marlon Brando e Trevord Howard
No écran gigante em 70 m/m.

SATÉLITE (Telef. 562632)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D (18 anos) 3.ª Semana
AS MIL E UMA NOITES PARA ADULTOS. Uma realização de Elichi Yammamoto.

ROMA (Tel. 727778)
15.30-21.45
(Grupo D 18 anos)
Audacioso, brejeiro, e dramático! «MEMÓRIAS DE UMA ALCOVITEIRA» com Julian Mateus, Elisa Ramirez, Amélia de La Torre. Eastmancolor.

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30-21.45
(Grupo B 10 anos)
«FÓRMULA 1» com Brad Harris, Olinka Berova e Graham Hill.

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
25.ª Semana de êxito
NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º, com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces.

BERNA (Tel. 776098)
Hoje às 15,15 e 18,30
Grupo A (6 anos)
Um filme dedicado às crianças O LADRÃO DE BAGDAD de Alexander Karda com Sabu, June Dupez e Conrad Vedt (Technicolor)
21,45
Colorido
Grupo C (14 anos) 2.ª Semana
O amor e a vida no ponto de separação de duas Épocas A GRANDE FUGA, com Lyndmila Savelyena e Mikhail Batalon Technicolor (ar condicionado)

TIVOLI (Tel. 717480)
14.30 - 18.00 e 21.30
Grupo A (6 anos) 72.ª Semana
O maior êxito de sempre «MÚSICA NO CORAÇÃO» com Julie Andrews e Christopher Plumer 70 m/m Technicolor (Ar condicionado)

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana
Eastmancolor
O Reino do terror alarga-se! AS CICATRIZES DE DRÁCULA com Christopher Lec.

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
28.ª Semana. O filme do ano
TRINITÁ (COW-BOY INSOLENTE, com Buel Spencer e Terence Hill.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18,30-21,45
(Grupo D-18 anos)
Technicolor. Uma surpreendente história de suspense «A MORTE CHEGA DO PASSADO» com David McCallum e **«Susan Strasberg. (Ar condicionado).**

POLITEAMA
15.15-18.15 e 21.45
(Grupo D (18 anos)
Uma traição vingada com ferocidade CHAMAVAM-LHE REI col. com Klaus Kinski.

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15-18.15-21.45
Um filme de Marcel Carvé.
(Grupo D 18 anos)
Rolf Valone e Simone Signoret «TERESA RAQUIM». (Metro-Alvalade).

LYS (Tel. 48560)
15.00-21.00
(Grupo B 10 anos)
Yul Brynner em «ADEUS SABATA» em continuação de estreia em complemento «O PEQUENO BANHISTA».
(Metropolitano Intendente)

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15-18.30-21.30
Grupo C (14 anos)
Anthony Quinn e Virna Lisi em A 25.ª HORA
Metropolitano: Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
6.ª Semana
O MUNDO A SEUS PÉS. O melhor filme de todos os tempos de Orgon Welles.
Metro Alameda

CONDES (Tel. 322523-326710)
15.15-21.15
3.ª Semana
Agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Gable Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser projectado 10 minutos depois do início das sessões.

S. JORGE (Tel. 54152/4)
15.15-18.15-21.30
(Grupo D 18 anos)
Claude Lelouch triunfa com «SMIC SMAC SMOC». Uma obra-prima de malícia e bom humor com: Catherine Allegret, Charles Gerard e Francis Loi. Em complemento «IRÃO»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C (14 anos)
2.ª Semana
Uma sátira dirigida aos computadores «MILHÕES ESCALDANTES» com Peter Ustindy, Maggie Smith e Kar Malden Metrocolor

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D 18 anos)
«O JARDIM ONDE VIVEMOS». Colorido com Dominique Sanda e Helmut Berger em complemento «A LOBA SOLITÁRIA».
(Metropolitano Arroios-P.Chile)

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30 (Grupo D 18 anos)
Em continuação Hayley Mills e John Mills em «ESTE DIFÍCIL AMOR»

CASINO ESTORIL
18.30 e 21.30
(Grupo B 10 anos)
«Sim, Sr. Hulot»

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana
Eastmancolor
Um filme de Orson Welles HISTORIA IMORTAL, com Orson Welles e Jeanne Moreau
(Ar condicionado)

ROYAL (Tel. 855037)
15.00-21.00
Um filme extraordinàriamente movimentado «ÓDIO VELHO», c/ Charles Bronson, James Mason e Alberto Sordi. Em complemento «UMA CARREIRA SENSACIONAL». Scopcolor.

LONDRES (Tel. 731313)
14.15-16,30-18,45 e 21.45
(Grupo C (14 anos)
14.ª Semana
MELODY.
Venha ver como começamos a amar com Mark Foster, Jack Wield e Tracy Hyde
Cinema
Snack Bar-Pub
The Flag-o melhor encontro gastronómico

outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«P'ra frente Lisboa»

LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente2

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.00 (18 anos)
«A Organização»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«O maior roubo do Oeste»

PARIS
21.00 (14 anos)
«A última granada»

MAYER
21.00 (10 anos)
A FÚRIA DOS APACHES»

OLIMPIA
21.00 (10 anos)
«Os abutres têm fome» e «O sargento Ryker»

ESPLANADA CASTANHEIRA
21.45 (6 anos)
«O maior circo do Mundo)

JARDIM
21.00 (10 anos)
«Tora! Tora! Tora!

ESPLANADA CASTANHEIRA
21.45 (10 anos)
«Um homem chamado Gringo»

ARCO-IRIS
21.00 (10 anos)
«A Tormenta»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Curvas na zona»

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º?»

OEIRAS
Oeiras-cine
21.00 (10 anos)
«Os veteranos de Tobruk»

PAREDE
Royal-cine
21.15 (10 anos)
«Os Homens da Bonanza»

ESTORIL
Casino
18.30 e 21.30 (10 anos)
«Sim, sr. Hulot»
Palácio
21.30 (18 anos)
«Caça ao Homem»
Esplanada
21.30 (18 anos)
«Helga»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Um cacho de uvas ao sol»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Lawrence da Arábia»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«O Vingador» e «Beau Geste»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Coisas da vida»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Os incorruptíveis contra a deoga»

OUTRA BANDA

OUTRA BANDA
ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«4 no Texas»
BARREIRO
Cine-Barreirense
21 (18 anos)
«Dívida de ódio»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«O Delicadinho do 5.º?»

PORTO Cinemas

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Nave dos loucos»

PASSOS MANUEL
21.45 (18 anos)
«O Regresso»

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«Mundo cão»
S. JOÃO
21.30 (14 anos)
«Romeu e Julieta»
OLIMPIA
21.30 (14 anos)
«Sartana desafia Sabata»
RIVOLI
21.30 (14 anos)
«Black Jack»
BATLHA
21.30 (18 anos)
«O Altar do diabo»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Lamiel»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Doutor Jivago»
VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Corja de Cavalaria»
CINEMA TERÇO
21.30 (18 anos)
«Um caso de consciência»
CARLOS ALBERTO
21.00 (10 anos)
«Encrizilhada para uma freir

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Os Impostores»
ESPLANADA BOMBEIROS VOLTÁRIOS
21.45 (18 anos)
«Um belíssimo Novembro

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.30 (14 anos)
«A Casa à Sombra das árvores»

LEIA O JORNAL

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos. Tocam Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.
LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar; **fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais.**
Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.
Aberto todos os dias.
ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Natalina Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho. Tocam António Luis Gomes e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diario de Noticias, 107. Telef. 328307.**
FORCADO
Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221 - Telefone 368579.**

VIELA
Rua das Taipas, 14. Tel. 327256
O Restaurante realmente típico onde Sérgio apresenta todas as noites o seu elenco privativo
Encerrado ao domingo
CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana.
Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760**
ARREDA Fado amador, orça e cante o fado no Arreda. Elenco José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra as 3.ªs feiras. Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**
FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria Jô - Jô, Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila - Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anjos. **Travessa de S. Miguel, 22, Alfama Tel. 868551**

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades — **Filipe Dancers. Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua Gomes Freire, 145-B Aberto todos os dias até às 05.00 h**
NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368197**
TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531582)**
TAMILA Marão e s/conjunto. Matinées todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**
D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 H. da madrugada. **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos.
HIPOPOTAMO Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**
TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**
CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**
CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º2,º E-4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

O seu nome é JOÃO PADEIRO

— É a história dum homem.
Nome: — João Martins Simões (vulgo João Padeiro)
— Idade: 39 anos.
— Estado: Casado
— Profissão: Comerciante

Habilitações: escola primária (4.ª classe)
— Naturalidade: Cacia (Aveiro)

Curd Jurgens no «Retiro»

O SONHO

Era um rapazote de olhos vivos, rosto redondo e riso espontâneo. Pobre. Desde o berço trazia um sonho: — ser padeiro. O porquê era, para ele, bem evidente: todos os industriais de padaria eram, na sua terra, pessoas de «teres e haveres». Para o João a padaria era a meta. Mas não só para ele. Para toda a rapaziada que emigrava da região. O caminho para atingir o sonho desenhou-se para o nosso rapaz. E esse mesmo caminho trouxe-o a Cascais. Há vinte e cinco anos. Desceu na estação de caminho-de-ferro com a trouxa na mão e o sonho teimosamente aperrado. Começou como moço de padaria. Estava no limiar do sonho. De moço a manipular foi um ápice. Era trabalhador, aplicado e ninguém

Gina Lollobrijida

o dissuadia de que o futuro que ambicionava estava ali. Durante catorze anos amassou a farinha. Com suor e vontade. Guardava avaramente todos os tostões. Nas horas vagas jogava futebol. Formou um clube: «O Baía Atlético»: era a diversão dos fins-de-semana. Durante esse tempo as suas economias atingiram cem contos. Não havia dúvida sobre a forma de aplicá-los. O João Padeiro seria sócio da «União das Padarias». A Panificação porém deitou por terra o sonho de vinte e tal anos. Simplesmente não o aceitou. Decepcionado, mas de dentes ferrados, o João disse adeus, ou antes, adiou o sonho. Tomou de trespasse um tasco. Chamava-se «O Retiro». Era local frequentado por pescadores da lota que bebiam os seus copos e ali faziam a caldeirada. Foram esses os primeiros clientes do João. São esses, ainda hoje, os seus maiores amigos.

DE PADEIRO A COZINHEIRO

De pão sabia ele. De cozinha... pouco ou nada. Mas a vontade de vencer superou as dificuldades iniciais. Começou pela caldeirada. O tempero e o peixe. Com os pescadores aprendeu a qualidade pesca. A qualidade do vinho e o sabor da cozinha em breve se tornaram conhecidos. Em 1964 o ex-rei Humberto de Itália já frequentava «O Retiro». E o João Padeiro virou João Cozinheiro.

—Não sei dizer quem vinha nesse tempo ao restaurante Eu não conhecia as pessoas importantes. Para mim eram clientes, e por isso importantes. Vivia na cozinha. Como hoje. Na cozinha é que estou bem. A importância das pessoas, é verdade, pode pôr aí, media-a, mas sem lhe dar importância; pelos factos que traziam vestidos. Uns vestiam melhor outros pior... mas isso não queria dizer nada...

Na trajectória do João aconteceu casamento. Com a D. Conceição. — Ela tem sido o meu braço direito. Devo-lhe tudo o que sou. Trabalhadora como poucas. É cozinheira no restaurante Como eu. Deu-me duas filhas e o João. (O João é o filho-aquele que já vê como continuador do seu trabalho)

Acerta altura vieram as obras. Havia que ampliar o retiro, E a clientela tornou-se cada dia mais certa e «importante».

Nesta altura, por teimosia (e por promessa ao cumprimento

Amália Rodrigues

num sonho!) voltou a candidatar-se para sócio da União de Padarias. E foi admitido. Estava cumprido o sonho do João Padeiro.

A COZINHA E OS CLIENTES

Hoje é «de bom tom» ir-se ao «Retiro do João»: Comer linguado e marisco. Um marisco com sabor próprio «made in Padeiro». São estes os pratos fortes da casa.

— Escolhi-os porque dei conta do sucesso que faziam. Os clientes começaram por procurar mais esses pratos.

Não há conta para o número de pessoas do «grande mundo» que já passaram pelas mesas do «Retiro». Desde os craques da bola aos magnates do petróleo. Em cada um deles o João fez um amigo. Sem distinção.

Os clientes são a coisa mais importante para êle. E a propósito aqui fica uma história....

Boby Moore

Certa vez, como bom benfiquista, foi a Londres ver jogar o seu clube. Os amigos levaram-no para uma semana em Inglaterra. Partiram na segunda-feira, para regressarem no domingo. Era das primeiras viagens do João à «estranja» e havia que aproveitá-la. O jogo foi na quarta-feira. Mal acabou vai o João de lamentar-se...

—Tenho de voltar para Cascais...

Os amigos tentam dissuadi-lo. Dizem-lhe do que havia para apreciar, das noites, dos cabarets...

— Não, não fico. Tenho de ir já embora... tenho os meus clientes a partir de sexta-feira, que costumam ir ao restaurante no fim de semana e estão habituados a ser eu a preparar a comida.

E, teimosamente o João regressou a Cascais.

Simeão de Bulgária e família

Conde de Barcelona e amigos

A VIAGEM DO ANO!
«CRUZEIRO DA AMIZADE»
AO BRASIL
De 21 de Agosto a 19 de Setembro (29 DIAS)
a bordo do N.T. «INFANTE DOM HENRIQUE»
da C. C. N.
FUNCHAL - RECIFE - SALVADOR (Baía) - RIO DE JANEIRO (8 dias — o navio funciona como hotel) - S. VICENTE - LAS PALMAS
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
Agência de Viagens
CATUR
LARGO DA BIBLIOTECA PÚBLICA, 17
telef. 36 79 74 (6 linhas) * LISBOA
Utilize o nosso sistema de viagens a crédito